



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS /PROFLETRAS**

JOSÉ CARLOS DA SILVA

**GÊNERO FÁBULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Dourados-MS
Fevereiro/2019**

JOSÉ CARLOS DA SILVA

**GÊNERO FÁBULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras Profissional– PROFLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados-MS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo José da Silva

**Dourados-MS
Fevereiro/2019**

CIP – Catalogação na Publicação

S58g Silva, José Carlos da

Gênero fábula: uma proposta de leitura e produção textual no ensino fundamental/ José Carlos da Silva. – Dourados, MS: UEMS, 2019.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Dourados, 2019. Orientador: Prof. Dr. Geraldo José da Silva.

1. Gênero Fábula. 2. Leitura. 3. Produção textual. 4. Ensino fundamental II. Silva, Geraldo José da Título

CDD 23. ed. - 372.4

JOSÉ CARLOS DA SILVA

GÊNERO FÁBULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras Profissional– PROFLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados-MS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Geraldo José da Salva (UEMS) - Presidente

Professora Dr^a Fabiana Poças Biondo Araújo (UFMS) - Titular

Professor Dr. Emilio Davi Sampaio (UEMS) - Titular

Professora Dr^a Marilze Tavares (UFGD) – Suplente

Professora Dr^a Neide Araújo Castilho Teno (UEMS) – Suplente

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, por proporcionar a realização desse Mestrado.

Ao meu orientador, Professor Geraldo, pela paciência, compromisso e dedicação, por ter aceitado me orientar, pelo apoio e exigência, mas sem nunca deixar a ternura, o companheirismo e o respeito diante de minhas limitações. A ele, muitíssimo obrigado.

Ao PIBAP/UEMS por oferecer uma bolsa durante meus estudos.

Aos alunos do nono ano, que se dedicaram, participaram ativamente dos trabalhos.

À Escola Estadual Vespasiano Martins, representada pela direção, por ter confiado no meu trabalho.

À banca examinadora pela leitura profícua e pela contribuição acadêmica.

Aos professores do PROFLETRAS- UEMS/ Dourados-MS.

Aos amigos do curso, pessoas que ficarão em minhas lembranças.

À minha família, base de sustentação de meus sonhos.

A Deus, responsável pela vida e criador das maravilhas do mundo.

À secretária do PROFLETRAS, Rosa Decian, profissional compromissada com o que faz, sempre sorridente, atendendo com muita educação e respeito, muito obrigado.

Dedicatória

Aos meus filhos, Cassia Aparecida da Silva, Carlos Henrique da Silva e Cristiane da Silva, inspirações do meu viver.

Aos meus pais, Antônio José da Silva e Iracema Otaviana dos Santos (in memorian), por terem proporcionado a vida a mim e ensinado os primeiros passos.

SILVA, José Carlos da. *Gênero fábula: uma proposta de leitura e produção textual no ensino fundamental*. Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados-MS, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma proposta de intervenção no que se refere à leitura e à produção textual no nono ano do ensino fundamental, realizada em uma escola pública do município de Amambai-MS, no ano de 2017. A metodologia utilizada para a realização do estudo baliza-se na pesquisa-ação à luz de Thiollent (1986). Soma-se também como aporte teórico os estudos de Kupstas (1992), Bakhtin (1997), Solé (1998), Coelho (2000), Schneuwly; Dolz (2004), Bagno (2006), Marcuschi (2008), Koch; Elias (2015), dentre outros. A leitura e a produção textual tem sido um desafio para os profissionais da educação em todos os níveis de escolarização. Parte-se do pressuposto de que o gênero textual fábula pode ser um instrumento didático para fomentar a leitura e a produção textual na escola. Considerando a falta de interesse em ler e a pouca produção textual no ensino fundamental, especificamente, no nono ano, justifica-se a aplicação dessa pesquisa-ação. Isto posto, este trabalho tem como objetivos: a) despertar o interesse pela leitura do gênero textual fábula, b) ler e analisar fábulas fazendo analogia com a realidade e c) produzir textos de cunho fabulístico sobre temas contemporâneos à realidade dos alunos. Para atingir os objetivos mencionados, adotou-se um percurso metodológico que envolveu: a) apresentação do gênero narrativo fábula aos alunos colaboradores, b) leitura de fábulas de Esopo, de La Fontaine e de Monteiro Lobato, c) análise de fábulas fazendo analogia com a realidade política do país e d) produção de uma fábula, a partir de fábulas lidas e discutidas em sala de aula. Os resultados mostram que o gênero narrativo fábula contribui, sobremaneira, como instrumento didático para a leitura, a reflexão, oralização e para a produção textual nessa etapa de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Fábula. Leitura. Produção textual. Ensino fundamental.

SILVA, José Carlos da. *Género fábula: una propuesta de lectura y producción textual en la enseñanza fundamental*. Programa de Posgrado *Stricto Sensu* en Letras, Universidad Estadual de Mato Grosso del Sur, Dourados-MS, 2019.

RESUMEN

Esta pesquisa trata de una propuesta de intervención en lo que se refiere a la lectura y a la producción textual en el nono año de la enseñanza fundamental, realizada en una escuela pública del municipio de Amambai-MS, en el año de 2017. La metodología utilizada para la realización del estudio baliza-se en la pesquisa-acción a la luz de Thiollent (1986). Soma-se también como aporte teórico los estudios de Kupstas (1992), Bakhtin (1997), Solé (1998), Coelho (2000), Schneuwly; Dolz (2004), Bagno (2006), Marcuschi (2008), Koch; Elias (2015), dentre otros. La lectura y la producción textual tienen sido un desafío para los profesionales de la educación en todos los niveles de escolarización. Parte-se del presupuesto de que el género textual fábula puede ser un instrumento didáctico para fomentar la lectura y la producción textual en la escuela. Considerando la falta de interés en leer y la poca producción textual en la enseñanza fundamental, específicamente, en nono año, justifica-se la aplicación de esa pesquisa-acción. Y esto puesto, este trabajo tiene como objetivos: a) despertar el interés por la lectura del género textual fábula, b) leer y analizar fábulas haciendo analogía con la realidad y c) producir textos de cuño fabulístico sobre temas contemporáneos a la realidad de los alumnos. Para attingir los objetivos mencionados, adoptó un percurso metodológico que implica: a) presentación del género narrativo fábula a los alumnos-colaboradores, b) lectura de fábulas de Esopo, de La Fontaine y de Monteiro Lobato, c) análisis de fábulas haciendo analogía con la realidad política del país, y d) producción de una fábula, a partir de fábulas leídas y debatidas en la clase. Los resultados muestran que el género narrativo fábula contribuye, sobremanera, como instrumento didáctico para la lectura, la reflexión, oralización y para la producción textual en esa etapa de enseñanza.

PALABRAS-CLAVE: Género Fábula. Lectura. Producción textual. Enseñanza fundamental.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I	74
Gráfico II	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: A LEITURA COMO PRÉ-REQUISITO PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO-COLABORADOR	12
1.1 Leitura e formação leitora	12
1.2 Escola e importância da leitura	16
1.3 A leitura como fonte de conhecimento e aprendizagem	22
1.4 A motivação como mecanismo de promoção da leitura	24
1.5 A busca de sentido do texto	25
1.6 Leitura a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)	28
CAPÍTULO 2: OS GÊNEROS TEXTUAIS: A FÁBULA EM QUESTÃO	31
PARTE I GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITOS GERAIS	31
2.1 Conceituando os gêneros textuais	31
2.1.1 Os gêneros textuais segundo Bakhtin	32
2.1.2 Gêneros textuais em Marcuschi, Schneuwlv; Dolz e PCN	35
PARTE II GÊNERO NARRATIVO FÁBULA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	40
2.2.1 O gênero textual narrativo	40
2.2.2 A origem do gênero fábula e os principais fabulistas	42
2.2.3 As principais características do gênero textual fábula	45
2.2.4 A fábula como mecanismo de reflexão e de visão analítica do mundo	47
CAPÍTULO 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS, INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DE DADOS	51
3.1 Eleição da escola e da turma colaboradora	51
3.2 A escolha do gênero fábula	51
3.3 A pesquisa-ação como método de intervenção	54
3.3.1 Processo de intervenção	57
3.3.2 Construção da sequência de atividades	58
3.3.2.1 Primeiro momento: aula 01	58
3.3.2.2 Segundo momento: aula 02	58
3.3.2.3 Terceiro momento: aula 03	62
3.3.2.4 Quarto momento: aula 04	66
3.3.2.5 Análise das produções dos alunos	73
3.3.2.5.1 Análise global do <i>corpus</i>	74
3.3.2.5.2 Análise pontual de duas fábulas produzidas pelos alunos colaboradores, a título de ilustração	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma proposta de intervenção referente à leitura e à produção textual e foi realizada no nono ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Amambai-MS, no ano de 2017.

A prática da leitura e da produção textual na escola sempre foram merecedoras de reflexões por parte dos educadores, uma vez que o mundo da comunicação verbal e não verbal apresenta muitas novidades e tem sido um desafio para professores e alunos no que tange à leitura e à produção escrita em contexto escolar, porém não se desabona a tecnologia disponível aos indivíduos em quaisquer esferas das relações interpessoais e profissionais, pois a realidade escolar requer propostas de ensino que considerem os recursos tecnológicos presentificados na vida cotidiana, mas que também não deixe de mostrar aos alunos a possibilidade do encanto da leitura ficcional. É sabido que a leitura pode ser um instrumento de conscientização e reflexão para o leitor no exercício de sua cidadania. Outra situação que vale destacar é a questão da escrita no ambiente escolar, principalmente, no ensino fundamental.

A experiência e a vivência no mundo da educação nos instigaram a pesquisar e a buscar meios para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem tanto da leitura quanto da produção textual. Diante de tantas possibilidades, enveredou-se pelo caminho da leitura e análise do gênero textual fábula. Este gênero tem sua validade didático-pedagógica não só na educação básica, como também em todos os níveis de escolaridade, visto que a leitura é fundante ao cidadão/leitor. Isto posto, acredita-se que a leitura é lastro informacional e que pode subsidiar a produção textual com mais segurança do aluno-colaborador.

Não é novidade que na escola se prima pelo ensino das tipologias textuais como descrição, narração, argumentação, exposição e injunção. Entende-se que os gêneros textuais também mereçam ocupar pauta na propositura de redação escolar. Ambas as modalidades de produção devem fazer parte da ementa curricular. Esta realidade nos levou a desenvolver uma pesquisa-ação com o foco no gênero narrativo fábula como proposta de leitura e produção textual no ensino fundamental de uma escola estadual situada no município de Amambai-MS.

A leitura e a produção textual têm sido um desafio para os profissionais da educação em todos os níveis de escolarização. Parte-se do pressuposto de que o gênero textual fábula pode ser um instrumento didático para fomentar a leitura e a produção textual na escola. Considerando a falta de interesse em ler e a pouca produção textual no ensino fundamental,

especificamente, no nono ano, justifica-se a aplicação dessa pesquisa-ação. O gênero fábula pode promover humor e despertar juízo de valor sobre a realidade, mesmo que de forma metafórica. O uso de personagens animais, como representação das ações humanas, permite ao aluno fazer uma analogia com a realidade sócio-histórica de seu tempo.

Esta proposta de intervenção tem como objetivos: a) despertar o interesse pela leitura do gênero textual fábula, b) ler e analisar fábulas fazendo analogia com a realidade e c) produzir textos de cunho fabulístico sobre temas contemporâneos à realidade dos alunos.

Para se atingir os objetivos mencionados, adota-se um percurso metodológico que envolve a apresentação do gênero narrativo fábula aos alunos colaboradores, b) leitura de fábulas de Esopo, de La Fontaine e de Monteiro Lobato, c) análise de fábulas fazendo analogia com a realidade política do país e d) produção de uma fábula, a partir de fábulas lidas e discutidas em sala de aula. Os critérios avaliativos para análise das produções dos alunos levaram em conta aspectos como: a) atendimento às características do gênero fábula, b) apresentação de analogias a fatos da realidade política do país e c) atendimento aos aspectos relacionados ao conteúdo e à forma.

Como aporte teórico-metodológico, serviu-se dos estudos de Thiollent (1986), Kupstas et al (1992), Bakhtin (1997), Solé (1998), Coelho (2000), Schneuwly; Dolz (2004), Bagno (2006), Marcuschi (2008), Koch; Elias (2015), dentre outros.

Este trabalho constitui-se de três capítulos. O primeiro trata da leitura como pré-requisito para a formação do aluno. Destaca-se o papel da escola como entidade que deve proporcionar atividades que motivem a leitura como estratégia de conhecimento e aprendizagem. A esse respeito, Solé (1998, p.23) argumenta que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto” e, além disso, “que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita”.

O segundo capítulo compõe-se de duas partes e trata dos conceitos de gêneros textuais e do gênero narrativo fábula. A primeira parte traz as contribuições conceituais de gêneros textuais a partir de Bakhtin (1997) bem como os estudos de Marcuschi (2008) que corroboram a importância de se estudar os gêneros textuais. Sobre esse aspecto, Marcuschi (2008, p. 154) destaca que: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Significa que se pode organizar o gênero no qual far-se-á a interação comunicativa no momento de uso, além disso, escolhendo o gênero específico conforme o objetivo da interação comunicativa. Nessa esteira reflexiva, Schneuwly; Dolz (2004, p. 23)

acrescentam que “o gênero é um instrumento”. Analisando essa observação, tem-se uma ideia da relevância desse “instrumento” que são os gêneros textuais. E como “instrumento” possibilita a interação.

Ainda sobre o gênero textual, Koch; Elias (2015, p. 61) destacam que “a escolha do gênero deverá, portanto, levar em conta, em cada caso, os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes”. Nesse sentido, é possível discutir a função que exercem os gêneros textuais. Deve-se oportunizar aos alunos a prática da leitura e da produção do gênero fábula como exercício de reflexão e discussão democrática de temas inerentes à realidade enquanto partícipes da sociedade.

A segunda parte desse capítulo apresenta conceitos e características do gênero narrativo fábula, fazendo uma retomada à origem da fábula e mencionam-se os principais autores fabulistas. No que se refere à fábula, destacam-se os estudos de Kupstas et al (1992, p. 09) que argumenta: “fábulas são histórias curtas, em prosa ou verso, apresentando geralmente, animais falantes que tomam atitudes humanas”. Essas características fazem refletir acerca da importância desse gênero.

O terceiro capítulo se ocupa dos aspectos metodológicos e análise dos dados. Tem-se a descrição da proposta de intervenção, via pesquisa-ação, da sequência de atividades realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, constam as análises dos textos produzidos pelos alunos, de forma global, e a eleição de duas produções (fábulas) para a análise ilustrativa do trabalho realizado. Por fim, têm-se as considerações finais e os anexos.

CAPÍTULO 1: A LEITURA COMO PRÉ-REQUISITO PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO

1.1 Leitura e formação leitora

Falar de leitura, embora pareça redundante, há que se considerar a importância que esse tema deve ter na pauta dos que lidam com o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, tem-se a leitura como elemento fundante ao indivíduo. Não lemos simplesmente por ler, o momento da leitura pode ser sempre fascinante porque é, nessa ocasião, que se pode ampliar conhecimentos, refletir sobre o papel do leitor no desempenho de suas ações enquanto cidadão.

A leitura é tão importante que educadores afirmam de maneira enfática: ler é uma das melhores atividades para desenvolver habilidades “cognitivas”. Solé (1998, p. 22) argumenta que a leitura é o mecanismo pelo qual leitor e texto se interagem. Esse aspecto referente à leitura se destaca pelo envolvimento do leitor com o texto. A interação entre ambos possibilita aumentar o campo de informação e de conhecimento do leitor. Nota-se que, durante esse procedimento, o leitor busca conhecer o texto para encontrar o que deseja.

Sobre o exercício da leitura, Koch; Elias (2015, p. 09) argumentam que sempre ouviram falar da importância da leitura e destacam a função mediadora da escola em formar “leitores competentes”. A preocupação de proporcionar leitura às crianças e aos jovens tem como princípio despertar o gosto pela leitura desde os primeiros dias de escolaridade. Muito cedo, já na educação infantil, deve-se iniciar esse processo envolvendo a leitura, visto que a criança faz leitura extraescolar, quando começa a fazer uso da linguagem.

No que diz respeito à valorização da leitura, Moura; Martins (2012, p. 87) reforçam que a leitura desempenha o papel de suporte de entendimento, participação ativa no contexto social, por isso dimensionar a leitura não é tarefa tão fácil quanto parece. Só tem noção real aquele que participa, acredita e enfrenta o desafio de ser e formar um bom leitor.

Nessa linha de pensamento, Koch; Elias (2015, p. 19) acrescentam que “[...] a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto...”. Se o leitor não tiver um objetivo, não chega a lugar algum, pois os objetivos servem não só para direcionar a leitura, bem como toda e qualquer

atividade humana. Assim, todos os textos têm um propósito, dependendo do que se quer com a leitura.

Importante destacar também que a construção de novos significados pelo leitor não elimina os significados que o texto detém, no entanto, novas definições são acrescentadas com outros já existentes. Esses mecanismos de soma e enriquecimentos de novos sentidos tornam a leitura muito mais dinâmica e construtiva. Para Koch; Elias (2015, p.19), a leitura se manifesta através do “autor-leitor-texto”. E, por meio desses elementos básicos, o texto se transforma em uma infinidade de sentidos.

A respeito do texto produzido por um autor e, à medida que o leitor foca apenas nesse texto, poderá entender e analisar o que o autor transmite. Sobre esse aspecto, Koch; Elias (2015, p.10) argumentam que “a leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor”. Nesse percurso, o conhecimento do leitor pouco faz sentido, todavia quando o foco deixa de ser o autor e o texto passa para uma análise mais profunda, analisando “o autor-texto-leitor” (KOCH; ELIAS, 2015, p.10), a concepção de leitura ganha uma nova dinâmica. O leitor passa a ter relevância, conforme destacam as autoras que:

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2015, p. 11).

Koch; Elias (2015) asseguram que, por meio da interação do leitor com o texto, há a construção dos sentidos. Vários elementos são identificados no texto pelo leitor, como a estrutura linguística, a organização textual e o gênero, embora sendo elementos superficiais, possibilitam ao sujeito leitor ativar conhecimentos de mundo para que o texto lido tenha significado.

Houve um período em que a leitura era realizada de forma muito mecânica, como se houvesse apenas a presença do texto enquanto letras, palavras, frases que serviam para serem lidas sem nenhuma preocupação com as ideias implícitas no texto. Ao longo do tempo, pensava-se que era uma atividade cognitiva com foco na pronúncia correta, declamação ou recitação (SOLÉ, 1998, p. 23). Atualmente, a visão sobre leitura tem se transformado. Não se trata de algo mecânico e sim muito dinâmico, pois vai muito além da decodificação. E como processo de mediação do texto escrito, a leitura proporciona

compreensão e intervém na estrutura textual, no conteúdo, e o leitor interfere expectativamente com o conhecimento de mundo. A esse respeito, a autora argumenta o seguinte:

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e apontar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1998, p. 23).

Várias situações contribuem para uma leitura efetiva e consistente e podem ocorrer a partir do momento em que o leitor se vale de seus conhecimentos linguísticos e de mundo.

A leitura ocorre por meio de um processo fascinante, diversos meios são mobilizados, a fim de alcançar os resultados esperados. Desde os pequenos detalhes até os mais elevados graus de dificuldade do texto são acionados para ocorrer o desvelamento da leitura. Solé (1998, p. 23) e Marcuschi (2002, p. 41) destacam dois processos distintos relacionados ao procedimento de leitura. O primeiro está centrado na maneira “ascendente” da leitura e o segundo na maneira “descendente”.

No processo inicial da leitura, Solé (1998, p. 23) e Marcuschi (2002, p. 41) destacam que o primeiro é chamado de “bottom up”. Nessa fase, “considera-se que o leitor, perante o texto, processa seus elementos componentes, começando pelas letras, continuando com as palavras, frases [...]” (SOLÉ, 1998, p. 23). Esse artifício de leitura inicia uma sequência considerada menor em direção à maior unidade. De maneira gradativa, o leitor vai tomando conhecimento do todo, é sucessivo e crescente, de um aspecto particular, parte para um aspecto mais geral. Conta muito, nessa etapa, o conhecimento do leitor para chegar à interpretação desejada. A decodificação, nesse método, é o que vai nortear as propriedades do texto. O leitor entende o enunciado, uma vez que consegue decodificá-lo. Tudo está centrado no texto e há poucas possibilidades de inferências.

O outro processo de leitura é caracterizado pelos autores Solé (1998) e Marcuschi (2002, p. 41) da seguinte forma: o modelo descendente, “*top down*”, afirma o contrário, o leitor não procede letra por letra, mas usa seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para estabelecer antecipações sobre o conteúdo do texto, fixando-se neste para verificá-los. Nessa fase de leitura, o leitor se encontra em uma etapa privilegiada, tendo

em vista a capacidade leitora pela qual ele já se encontra. Nessa etapa, há a capacidade de ver muito além do que está escrito. E isso é o grande desafio, saber ler além das palavras expressas no texto. Quando o leitor chega a esse nível, está pronto para encarar a leitura de maneira mais competente e dinâmica.

No processo de leitura, cabe ainda ressaltar o que Freire (1987, p. 11-12) assevera sobre a relevância do ato de ler. Para o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”. Freire afirma que a leitura das palavras serve como fio condutor para outras leituras. É como se, por meio de fios, elas fossem conectando uma a uma, fio por fio, formando as possibilidades de entendimento da leitura do “mundo”; mas, principalmente, do espaço onde está inserido. Nesse processo de leitura, nada se descarta. Tudo é importante, pois todos os elementos contribuem para a leitura do “mundo”.

A partir do momento que o leitor interage com o texto, amplia-se o leque de constatações e direciona o leitor para perceber o enunciado na íntegra. Nesta esteira de reflexão, Solé (1998, p. 24) acrescenta: “assim, o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre aquele”. O leitor poderá usufruir de muitos elementos, bem como de estratégias que facilitem uma leitura criativa. Outro aspecto abordado por Solé (1998, p. 24) e Freire (1982) é a codificação. Os autores mencionam que a codificação faz parte do processo de realização da leitura, mas não é o único meio.

Aspectos implícitos e explícitos ao texto se juntam para formar uma unidade, não uma unidade única e sequencial e sim uma unidade diversificada de retomadas e acréscimos de novas informações. Um jogo que só não é perfeito porque o leitor como o texto não os são. Sobre esse aspecto, Solé, (1998, p.27) afirma: “por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificações de previsões que leva uma construção de uma interpretação”. Prever o que o texto pode oferecer são caminhos que levam ao entendimento do texto. Dessa forma, tudo se vai construindo e o texto se completa na leitura do leitor e do leitor na leitura. Nessa dimensão, vale destacar o que Solé (1998) reflete sobre a leitura:

A interpretação progressiva do texto, isto é, a elaboração de sua compreensão, envolve determinar as ideias principais que ele contém. É importante estabelecer que, embora um autor possa elaborar um texto para comunicar determinados conteúdos, a ideia ou as ideias construídas pelo leitor dependem em grande parte de seus objetivos de leitura, dos seus conhecimentos prévios e daquilo que o processo de leitura em si lhe oferece com relação aos primeiros

(SOLÉ, 1998, p. 30).

Para um conhecimento consistente, o leitor precisa buscar as ideias principais que o texto contém. Outro fator que se pode destacar é em relação às ideias mais relevantes do texto. Se o leitor tem condições de nomeá-las, identificá-las no texto, isso significa que é um leitor competente, tem habilidades que fundamentam essa dinâmica. Outra ressalva descrita por Solé (1998) refere-se ao conteúdo do texto e às ideias principais, embora elas possam ser construídas pelo emissor, a construção do texto e suas essências dependem do conhecimento acumulado, ou seja, do conhecimento “prévio”, “conhecimento de mundo”. Isso nos remete a Freire (1982, p. 11) quando defende que “a leitura do mundo precede o mundo da leitura”. Mesmo antes de conhecer as letras, as palavras, o sujeito tem conhecimento do mundo que está à volta, por meio do contato com pessoas próximas e do próprio meio do qual ele faz parte.

1.2 Escola e importância da leitura

É sabido que a leitura sempre foi e é uma das grandes preocupações no campo educacional e social. Para Solé (1998, p. 32), o maior desafio da escola atualmente é proporcionar aos estudantes atividades e projetos de leitura que chamem a atenção e promova, ao mesmo tempo, prazer e reflexão. Ler é uma prática importante para todos os estudantes e significa não ler mais ou menos e sim de forma que possam compreender o que leu, demonstrando competências e habilidades durante o processo de leitura. Assim, o leitor terá condições de não apenas decifrar o que leu, mas também transformar em conhecimento as informações adquiridas no contexto da leitura.

A escola é um dos melhores espaços para refletir sobre a leitura, tendo em vista que faz parte de um contexto histórico e dinâmico. Silva; Zilberman (2002, p. 113) destacam que “o exercício individual ou coletivo da leitura resulta do funcionamento das instituições (como a escola ou a linguagem enquanto sistema) criadas pela sociedade”. A leitura pode consolidar ou não a escola como referência social da leitura. O sucesso para o leitor proficiente depende do trabalho que a escola faz na comunidade onde está inserida. Ainda segundo os autores (2002), a escola é o ambiente onde se ensina a ler. Inicia-se pela alfabetização, proporcionando o estímulo, a fruição, chegando à arte e à literatura.

A leitura é uma das atividades mais importantes e discutidas por muitas esferas. É

claro que em muitas escolas faltam materiais básicos para emplacar a leitura, porém continua ativa no pensamento das pessoas, principalmente, de profissionais da educação. Considerando essa realidade, Cagliari (1982, p. 168) argumenta que: “no mundo que vivemos é muito mais importante ler do que escrever”. Para o autor, é muito melhor a leitura do que a escrita. Valorizar a leitura é proporcionar aos alunos maior autonomia.

No mundo em que se vive, vê-se a disseminação da escrita de forma rápida e autônoma. Em todos os lugares, a escrita está presente, trazendo informações para os cidadãos, por isso a leitura é tão relevante. A esse respeito, assevera Cagliari (1982) que muitas pessoas conseguem viver sem a escrita, porém não conseguem viver sem a leitura. O indivíduo precisa conhecer o que está escrito nos lugares, desde informativos de coletivos, pontos de venda, notas fiscais, cartas familiares, panfletos com informações diversas, como epidemias de doenças, nomes de ruas e hospitais. “Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler” (CAGLIARI,1992, p. 168).

Vale lembrar que muitos jovens e crianças não conseguem ler e muito menos escrever. A leitura é a base, sem ela, muitos alunos acabam saindo da escola. E se não aprenderam nela, muito menos fora desse ambiente de ensino. São muitos os analfabetos reais que não sabem ler e os funcionais que leem, mas não conseguem interpretar e compreender um texto. Dessa forma, a leitura deixa de cumprir a função social que deveria exercer.

Sobre o estabelecimento da leitura e suas relações socioeconômicas, observa-se que Soares (2002) considera duas situações: uma da classe social mais favorecida e outra da classe social menos favorecida. São duas visões diferentes para a mesma atividade. Acerca dessa questão, Soares (2002) argumenta que:

Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida (SOARES, 2002 p. 21).

Conforme descreve Soares (2002) as classes de maior poder aquisitivo têm a leitura como momento de prazer, satisfação, busca do conhecimento, se expressar melhor perante outros indivíduos pertencentes ao grupo. Serve como um *status*. Para as classes menos favorecidas, a ideia sobre a leitura ganha outras conotações como: arrumar um bom emprego e se dar bem na vida, pois sem a leitura o indivíduo não consegue prosperar.

Afirma ainda Soares (2002) que a leitura é um obstáculo para muitos, mas há uma negação clara desse direito. Para as classes populares, a escola consegue direcionar a leitura em um processo de decodificação. Um estudante tem direito de aprender a ler, mas não tem oportunidade de se transformar em um leitor. Soares (2002, p. 25) alerta que “o domínio da leitura assim entendida é ameaça e dominação, por isso negado às camadas populares”. Essa negação pode começar pela escola, quando deixa de buscar alternativas para superar os problemas de leitura, não é difícil de constatar essa realidade ao se verificar o número de analfabetos “funcionais existentes”.

A discussão feita por Soares (2002) recebe reforço reflexivo de Solé (1998, p.33), que pontua na mesma direção. Em Solé, nota-se essa “preocupação”, pois os números podem aumentar ainda mais, e tornam-se graves os dados referentes aos “analfabetos funcionais”, esses não têm autonomia nem na leitura, nem na escrita. Acerca dessa questão, parece existir uma justificativa: a leitura é tida como uma atividade esquecida. O que pode funcionar como meio de superação e aprofundamento do conhecimento referente ao letramento eficaz, pode ficar de lado. Outro fator apontado por Solé (1998) se refere à venda de livros e outros meios de leitura. As pessoas leem muito pouco. As escolas não possuem verbas para comprar livros e conseqüentemente possuem pouco acervo para dispor aos alunos.

Sabe-se que ainda há muitas discussões sobre a leitura e muitas delas estão associadas à falta de trabalhos efetivos na escola. Há, nesse contexto, o uso da leitura para outras demandas como análise gramatical. Sobre essa situação, Kleiman (2000, p. 30) assevera que “cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade”. Há um mundo sombrio sobre a leitura. Muitos exercícios são realizados para responder perguntas específicas sobre o texto, além de outras questões associadas à gramática normativa. São leituras que não têm uma definição clara do que se deseja.

Solé (1998, p. 33) amplia a discussão sobre os procedimentos usados, a fim de orientar os alunos a lerem. Também levanta um questionamento sobre a faixa etária adequada ou não para usar instrumentos formais em leitura. Como proceder de maneira coerente e eficaz à proposição da leitura. Em muitos casos, as discussões são realizadas, mas não são levadas a sério como deveriam, nesse sentido, perde-se tempo e não se direciona quase nada. Para completar as ideias citadas, Solé vai mais adiante quando afirma que:

Considero que o problema do ensino na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola até pelo telhado, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo telhado (SOLÉ, 2008, p.33).

O problema da leitura não está relacionado a um método, mas no conceito que se dá à leitura. Além disso, como a escola a vê dentro do contexto escolar. Essa preocupação tem justificativa, uma vez que os meios pelos quais a leitura ocorre estão mais presentes na vida de todos e para as crianças não é diferente. O projeto curricular da escola também é outro fator que não está impulsionando a leitura. No tocante a essa questão, Silva (2005) argumenta o seguinte: “Vale a pena mencionar que até mesmo os chamados guias curriculares (ou outros instrumentos de apoio ao professor), em se tratando do tópico da leitura, são bastante superficiais e nada ilustrativos” (SILVA, 2005, p. 33). Se os projetos contemplassem de forma organizada a leitura, fariam a diferença. Importante refletir sobre o que é oferecido, caso não seja de incentivo à leitura de forma que avance em todos os sentidos, as escolas precisam buscar novas metodologias para uma leitura eficaz. Às vezes, deixa-se algo tão importante como a leitura e passa-se a priorizar outras atividades descompromissadas com o ato de ler.

Discorrendo sobre o ato de ler e a escrita, Cagliari (1992, p. 169) afirma que “o objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve”. Não resta dúvida de que a leitura e a escrita são atividades importantes para a aprendizagem. Vale ressaltar que a leitura como atividade primeira, se bem desenvolvida, proporciona maior habilidade na escrita, não há como escrever bem, se lê muito mal. “Por quê, então, não começar a ensinar a escrever e a ler, dando mais ênfase na leitura”? (CAGLIARI, 1992, p. 169). A pergunta feita pelo autor faz sentido, pois acredita-se que uma leitura mais eficiente ajuda na escrita. Se a leitura é tão importante, por que a escola trabalha pouco? Ocorre que muitas escolas construídas pelo governo não possuem bibliotecas nos projetos iniciais. Diante dessa realidade, Silva (2005) argumenta que:

Porém a maioria das escolas não possui bibliotecas, e, aquelas que possuem, são geralmente mal utilizadas (inexiste renovação de acervo, não há bibliotecárias formadas em escolas oficiais, os locais são inapropriados, etc); porém o preço dos livros geralmente está muito além das possibilidades econômicas dos alunos (SILVA, 2005, p. 36).

Levando em conta o cenário descrito por Silva (2005), nota-se a preocupação do autor em destacar que são muitas as escolas que têm salas de aula adaptadas como biblioteca. A falta de preocupação é geral e esse quadro mostra a desvalorização da escola, quando não se tem tanta preocupação com a leitura, esta pode ficar em segundo plano. Quando apresentam projetos de leitura, são aleatórios e não contemplam toda unidade de ensino. Para um projeto de leitura dar certo, é preciso envolver todos os responsáveis. Aproveitar espaços, adaptá-los e incentivar a leitura. Outro fator importante se refere ao envolvimento de outras disciplinas da grade curricular de ensino. Não deixar a responsabilidade de promoção de leitura apenas para o professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio. Para completar essa situação, como cita Silva (2005), o acesso aos livros ainda é algo muito distante para as escolas e para a sociedade de modo geral, principalmente, para as pessoas de baixa renda.

Segundo Cagliari (1992, p. 169), a escola, ao desenvolver a leitura tem como objetivo avaliar alguns aspectos como: a verificação se o aluno realiza a pronúncia das letras, sílabas ou palavras, e como realiza a decodificação das letras. E é sabido que, para a escola se transformar em uma unidade leitora, é necessário muito mais. É preciso dar sentido à leitura. Além disso, é essencial que o aluno perceba que o professor também é um leitor. Falar de livros, distribuí-los, incentivar os alunos de todas as formas, esse pode ser o caminho. O autor assevera ainda que:

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar (CAGLIARI, 1992, p. 169).

Nota-se que o autor vê a leitura como fonte de prazer e como mecanismo pedagógico. A leitura satisfaz a pessoa, a criança, o jovem e o adulto. Quantas pessoas já deram depoimentos de que aprenderam a ler depois de um certo tempo, na Educação de Jovens e Adultos, EJA, e se saíram muito bem, muitos sonhavam em ler a bíblia e leram depois de tantos anos. A leitura proporciona realização, motiva as pessoas, estimula, dá esperança para quem antes não tinha.

A atividade relacionada à leitura não deve ficar em segundo plano na sala de aula ou até mesmo na vida (CAGLIARI, 1992, p. 173). A leitura não pode ser uma atividade onde são reservados alguns minutos pelos professores e pela escola. A preocupação com

a escrita não pode ser superada em relação à leitura. “Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola” (CAGLIARI, 1992, p. 173). O autor critica a negligência de educadores e escolas por falta de um trabalho efetivo com a leitura. Ele também afirma que a leitura deveria ser o plano número um; poderia ser um dos maiores bens deixados para as pessoas, crianças, jovens e adultos. A leitura “será fonte perene de educação, com ou sem escola” (CAGLIARI, 1992, p. 173). Será “perene” porque o indivíduo com plena capacidade leitora terá habilidades para dar continuidade às reflexões sociais e políticas também fora da escola.

Diante das situações expressas por vários autores sobre a leitura, Devem-se buscar alternativas para transformar a prática da leitura em um hábito saudável. Kleiman (2000, p. 35) argumenta que “quando lemos, quando uma pessoa manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas”. A autora faz um alerta no sentido de rever práticas que não contribuem com a formação de sentido da leitura. É preciso pensar em exercícios que favoreçam habilidades leitoras em um processo contínuo na escola.

Importante destacar a construção dos significados pelo leitor. Kleiman (2000, p. 65) descreve o seguinte: “A ação do leitor já foi caracterizada: o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões”. Para esse nível de capacidade leitora, o leitor se encontra em uma posição privilegiada, quando usa as habilidades pessoais para abranger o texto. O leitor será capaz de buscar e encontrar pistas que vão consolidar o entendimento do texto. Se o leitor for capaz de buscar mecanismos de abrangência, será capaz de buscar outras possibilidades de aprendizagem e ensino. A partir do momento que os alunos começam a fazer uso da leitura para aprimorar-se, a leitura exerce a verdadeira função que é funcionar como mecanismo de superação e crescimento. Mostra-se uma certa independência por parte do aluno.

O leitor, para entender o texto, não pode ficar distante do autor e conseqüentemente do texto, quanto mais próximos, mais terão condições “mútuas” de realizações do que se deseja, e o leitor tem responsabilidade nesse método. Ele precisa realizar outras leituras, buscar novos caminhos por meio de ilações, entendimento por meio de elementos linguísticos diversos. Deve ativar conhecimentos variados, a fim de buscar a percepção. O autor deve ser o mais claro possível, fornecer “pistas”, possibilitar ao leitor maneiras de reconstruir os significados e dar abertura para o processo comunicativo (KLEIMAN, 2000, p. 67).

Para Kleiman (2000, p. 37), a leitura é o mecanismo adequado ou destinado para o aprofundamento da aprendizagem. Não tem como falar de avanços no conhecimento, sem antes falar de leitura nas etapas de ensino. É claro que o que foi aprendido no ensino fundamental continua no ensino médio, no entanto deve ter um novo direcionamento. O ensino da leitura deve ser mais independente, mas não sem compromissos, uma vez que a responsabilidade tende a aumentar, mediante o que se faz com ela na escola.

1.3 A leitura como fonte de conhecimento e aprendizagem

Ler não é uma tarefa tão simples quanto parece, se fosse não haveria tantas reclamações que estudantes leem pouco e que, em geral, o brasileiro lê pouco. Por que tanta discussão e poucos resultados? É preciso pensar em estratégias de ensino de leitura para amenizar as dificuldades. As estratégias proporcionam escolher, realizar avaliação, continuar ou até desistir de algumas tarefas. Essas possibilidades funcionam como meios para atingir as metas propostas. Importante frisar, nem todas as estratégias têm rumo definido, porque a leitura é dinâmica, não tem como determinar aos leitores a mesma estratégia, mesmo assim, são vias que nos direcionam a um caminho.

E para atingir os alvos da leitura, aspecto importante, tendo em vista que é isso que o leitor deve buscar, Kleiman (2000, p. 43) destaca algumas atividades que devem ser utilizadas, são as “estratégias metacognitivas”. Mecanismos que o leitor usa para atingir as metas de apreensão da leitura.

O importante é a capacidade de análise, mudanças de procedimentos, adaptação das metas, a fim de alcançar os desígnios. Um bom meio está relacionado ao conhecimento linguístico, esse domínio é fundamental, pois sem conhecer os aspectos linguísticos, o leitor não terá condições de dar sentido ou absorver os sentidos do texto. Marcuschi (2002, p. 50) destaca que uma das primeiras questões a serem observadas se refere à “[...] existência de um sistema linguístico de domínio comum”. Nesse caso, o conhecimento linguístico é imprescindível para a percepção textual.

O leitor precisa estar atento para atingir a mensagem. Depois de ter tido o entendimento, ele precisa saber até que ponto ele está envolvido na mensagem. Por último, precisa se envolver na leitura, porque é por meio da leitura que se alcança o que se deseja. Conforme Silva (2005, p. 45), “compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem, eis aí os três propósitos fundamentais da leitura”; quando o autor cita as três ideias centradas na compreensão, é possível imaginar

como o ato de ler está ou se torna tão envolvente no processo que efetiva a leitura. O leitor que consegue entender o que é a leitura, que interpreta, vê de maneira diferente o momento da leitura, envolve-se de forma dinâmica com ela e com o mundo.

Quando se fala de leitura, trata-se de uma atividade exercida todos os dias, pois o sujeito está envolvido em um contexto que a escrita se apresenta de diversas maneiras. Sempre tem algo para ler em suportes variados. A atividade de leitura para ter sentido, representar algo para o leitor, necessita de uma compreensão sobre o que se lê, não é uma tarefa tão simples quanto parece, se fosse não haveria atualmente tanta defasagem na leitura. Marcuschi (2008, p. 129) destaca que “compreender bem o texto não é uma atividade natural e nem uma herança genética”, nesse sentido, a leitura parte de um esforço do sujeito, tendo em vista que não a recebe de forma natural ou nasce predestinados a ela.

Outro aspecto relevante da leitura está condicionado a uma atividade social. Isto porque não é individual, faz parte do “meio” e da “sociedade”. “Compreender exige habilidade, interação e trabalho”. (MARCUSCHI, 2008, p. 230). Segundo o autor, não são todas às vezes que se ouve uma pessoa ou se lê o texto que ocorre a compreensão. Esse fato acontece porque a compreensão vai muito além do texto. O leitor precisa fazer parte de um contexto, precisa estar inserido de maneira ativa no mundo e ter sensibilidade para perceber os acontecimentos que ocorrem a sua volta. O leitor tem de participar ativamente na troca de saberes da sociedade a qual pertence. Ainda, acerca da compreensão, Bortoni-Ricardo (2012) destaca que:

Lemos para construir saberes, para nos manter informados, para fruição, para entender o mundo. A compreensão dum texto envolve inúmeras habilidades, que ultrapassam a capacidade de simplesmente reconhecer as palavras, decodificá-las, atribuir-lhes significado. (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 70)

Como se vê, a autora argumenta que o ato de ler está relacionado à construção do conhecimento, é por meio da leitura que obtêm-se informações, além de possibilitar o prazer, faz “entender o mundo”. A percepção bem-sucedida abre “portas” para o universo. Compreender não é apenas ler as palavras simplesmente e sim dar sentido ao que lê.

A apreensão de um texto exige que o leitor tenha um esforço para conseguir as metas almejadas por meio da leitura. Kleiman (2000, p. 13) argumenta que “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. Para a autora, é o conhecimento acumulado pela

experiência do leitor que possibilita a compreensão. Nesse sentido, o leitor tem de conhecer os aspectos linguísticos, conhecer os processos de formação de um texto, precisa reconhecer as experiências adquiridas por meio da interação com outros indivíduos da sociedade.

Ainda a respeito da compreensão, Marcuschi (2008, p. 230) aborda que “sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativos, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais”. Significa que nem tudo é encontrado no texto. Para compreender não basta identificar as informações superficiais do texto. O leitor deve se valer de seus conhecimentos prévios e de mundo para fazer inferências autorizadas sobre o que lê, ampliando a possibilidade de compreensão e interpretação.

Em Solé (2008, p.90), tem-se que a leitura continua ativa e pode distribuir informação e deleite. Saber diferenciar essas duas palavras é importante, quando o leitor quer apenas se informar sobre algo, quando realmente pretende aprender, ter conhecimento, e quando o leitor quer apenas descontraír, deixar a leitura levá-lo para onde acha que deve ser levado, o mundo da fantasia. São momentos distintos, sabendo diferenciá-los, facilitará a compreensão “leitora” e, principalmente, o que significa ler. Essas visões ajudam o aluno a se organizar melhor com a leitura, visto que vale a consciência relacionada à leitura.

1.4 A motivação como mecanismo de promoção da leitura

O grande desafio para o professor, quando se trata de leitura, é deixar alunos e alunas motivados para o momento de ler. Esse tempo deve ser um dos maiores acionadores para o sucesso da leitura. Ninguém consegue avançar, se não estiver motivado, e o professor é o grande responsável que motiva, alerta, ajuda, encaminha, solicita e escolhe momentos de leitura e, principalmente, o que se vai ler.

O aluno precisa conhecer o que vai fazer. Precisa identificar quais as metas que serão trabalhadas e conseqüentemente alcançadas durante a leitura. Outro aspecto interessante está relacionado ao sentimento de capacidade de realizar os exercícios. Perceber que, bem próximo, há os recursos necessários. O aluno deve ser incentivado a enfrentar novos desafios, por isso o professor deve escolher novos textos e explorar os conhecimentos prévios. Essa noção geral, que começa a partir da escolha do texto, possibilita melhor enfrentamento da leitura por parte das crianças e dos alunos. Silva;

Zilberman (2002) destacam o seguinte sobre os objetivos da leitura:

Um projeto que objetive suprimir as deficiências do sistema educacional brasileiro tende a colocar em primeiro plano a sólida formação do leitor, esperando, no mínimo, torná-lo apto a compreender o(s) sentido(s) do(s) texto(s), no máximo que esse leitor se mostre crítico e/ou criativo perante os materiais lidos e o mundo a que esses se referem (SILVA; ZILBERMAN, 2002, p. 115).

Silva; Zilberman (2002) alertam que é preciso ter metas claras para que aconteça a supressão dos problemas relacionados ao deficiente sistema da educação do Brasil. A necessidade de projetos de leitura deve ser uma prioridade nas escolas, principalmente, no ensino fundamental, visando despertar interesse e uma leitura que seja lúdica e crítica.

O trabalho do professor pautado em critérios claros e motivação pode contribuir para a solidificação do processo de leitura. Se os alunos começam a acreditar no trabalho dos responsáveis pela leitura, começam a ter avanços, começam a conduzir o próprio caminho. Também serão capazes de ampliar a própria interpretação. Atividades bem planejadas atraem o envolvimento dos alunos e isso pode fazer a diferença no que se refere à leitura na escola e, por conseguinte, além dos muros escolares.

1.5 A busca de sentido do texto

O sentido dos textos não se resume em palavras das diversas classes gramaticais de nossa língua. A busca pelo sentido vai muito além das palavras, Antunes (2009) reforça essa ideia destacando o seguinte:

Em muitas passagens, vimos pontuando que o sentido do texto não está apenas nas palavras que consta na sua superfície nem está nos limites da gramática. Os sentidos de um texto, melhor dizendo, resultam de uma confluência de elementos que estão, simultaneamente, dentro e fora dele (ANTUNES, 2009, p.202).

Os diversos sentidos estão muito além daquilo em que se acredita. Esse propósito não está nas palavras. O leitor não busca identificar palavras para saber o sentido, tendo em vista que não é em uma pequena estrutura que vai encontrar o que se quer, portanto é fundamental buscar os sentidos por meio de estratégias de leitura consoante o objetivo do leitor. Vale sempre considerar o viés da totalidade e nunca pela busca diminutiva do processo da leitura. Ressaltamos, nos parágrafos abaixo, outros pontos pelos quais a

leitura é realizada segundo Geraldi (2012).

O autor apresenta pressupostos a respeito dos tipos de leitura. Inicialmente apresenta a leitura como busca de informação. Geraldi (2012, p. 93) destaca que “ a característica básica dessa postura ante o texto é o objetivo do leitor: extrair do texto uma informação”. Essa atitude do leitor depende daquilo que ele deseja encontrar no texto. Geraldi (2012) lembra que há duas metodologias para esse tipo de leitura, sendo uma formada por meio de um roteiro, por meio do qual busca as informações pertinentes ao texto, e a outra metodologia está relacionada à leitura prévia para depois analisar o que o texto quer dizer.

Geraldi (2012, p. 94) apresenta outro tipo de leitura que é “a leitura estudo do texto, a leitura do texto com pretexto e a leitura e fruição do texto” A leitura estudo do texto está centrada em informações que o texto oferece. Segundo Geraldi (2012), a leitura estudo do texto não é praticada nas aulas de Língua Portuguesa como se deveria. Encontram-se maiores evidências de estudo em outras disciplinas como Geografia, História, Ciências. Nas aulas de Língua Portuguesa, poderiam exercitar atividades variadas que fossem possíveis ajudar na interlocução: “leitor-texto-leitor” (KOCH; ELIAS, 2015, p.10). A leitura como “pretexto” usa o texto como ferramenta para explorar diversas informações do texto, serve para análise de dados comparativos e serve para produzir novos textos. Sobre a leitura, “fruição do texto” o autor considera aquela realizada para obter prazer, é uma leitura mais à vontade, sem muita preocupação com a realidade e sim com deleite. Na visão de Geraldi (2012, p. 97), a leitura fruição está excluída, uma vez que o sistema capitalista impulsiona para essa direção, a exclusão. São poucos que possuem esse privilégio.

Vale lembrar que os PCN (BRASIL, 1998) também indicam algumas estratégias de leitura. Nos PCN (BRASIL,1998), encontram-se também algumas sugestões didáticas como mecanismo na formação leitora: a) “leitura autônoma”, com essa sugestão, o aluno deve ler textos de maneira silenciosa, de preferência que o aluno tenha prática e tenha desenvolvido proficiência na leitura. b) “leitura colaborativa” essa prática pedagógica, o professor lê o texto com a sala, envolvendo os discentes com perguntas pertinentes ao texto. c) “leitura em voz alta pelo professor”, essa prática pedagógica ajuda os alunos a superar algumas dificuldades na leitura, principalmente, quando o texto é de difícil compreensão. d) “leitura programada”, essa atividade possibilita realizar uma discussão “coletivamente”, isso pode ocorrer quando se tratar de um texto difícil para o aluno. e) “leitura de escolha pessoal”, essa prática pedagógica dá ao discente a oportunidade de

gerenciamento do gosto pela leitura. É um momento de exercer a autonomia leitora.

Em se tratando de estratégia de leitura, Solé (2008, p. 95) menciona que “o aluno que lê para aprender, sua leitura possui características diferentes das formas de ler dominadas por outros objetivos”. Nesse sentido, pode ser feita uma leitura mais geral e posteriormente realizar o aprofundamento dos conteúdos identificados no texto lido. Há também a “autointerrogação” acerca do que leu. Pode o leitor estabelecer relação do que leu em relação ao que sabe.

A leitura pode funcionar como meio de reflexão e reivindicação de direitos. Silva; Zilberman (2002, p. 112) asseveram que “compreendida dialeticamente a leitura também pode se apresentar na condição de instrumento de conscientização”. Um dos aspectos de destaque da leitura está centrada no processo de conscientização. A sociedade, mesmo dividida em segmentos, com pessoas diferentes, pensamentos diferentes, pode se entender, a fim de continuar ou buscar objetivos comuns. Todos os bens produzidos na sociedade devem servir a todas as pessoas dessa mesma sociedade. Silva; Zilberman (2002, p. 112) adicionam que a leitura colocada dessa maneira contribui como mecanismo que aproxima as pessoas com a produção cultural. A aproximação entre a cultura e os indivíduos permite a aquisição do conhecimento. Essa possibilidade de envolvimento dos indivíduos por meio da leitura é que a coloca em evidência frente ao mundo.

Sobre os diversos pontos de vista acerca da leitura e a influência desenvolvida de maneira satisfatória na sociedade por meio das instituições de ensino, Antunes (2009) destaca que:

Ganha relevância, portanto, um momento de reflexão como esse, que pretende focalizar as funções individuais e sociais da leitura. Funções que envolvem, além do acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas e do patrimônio artístico-cultural da sociedade (ANTUNES, 2009, p.186).

O momento não é de desânimo e sim de refletir sobre as funções tanto individual como social da leitura. Pensar em modelos de busca do conhecimento, bem como na produção de novos saberes. Reflexão que possibilita continuar avançando na Ciência e nos bens culturais da sociedade.

Silva; Zilberman (2002, p.113) afirmam que o professor precisa entender sobre a leitura para poder interferir e ajudar nesse trabalho. A falta de reflexão pode caracterizar em predomínio da “ideologia dominante”. Não pode exercer neutralidade porque há conexões positivas e negativas, nem leitura, nem o ensino são neutros, por isso a

responsabilidade do professor é maior, principalmente, porque é um dos agentes transformadores.

1.6 Leitura a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Os PCN (BRASIL, 1998) foram criados depois de um longo debate sobre a educação, o ensino da linguagem e da leitura. Os PCN surgiram após a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de dezembro de 1996. A LDB ampliou as discussões sobre a educação, dando respaldo e ampliando direitos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais vieram consolidar a educação por meio de um novo projeto com vários objetivos, principalmente, com o intuito de proporcionar os direitos dos cidadãos através do exercício da cidadania. Um dos objetivos destacados pelos PCN (BRASIL, 1998) descreve que os alunos do ensino fundamental sejam capazes de:

compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (PCN BRASIL, 1998).

Esse objetivo descrito pelos PCN não é o único, há muitos outros, porém esse é um dos mais abrangentes, pois “compreender a cidadania como participação social e política” deixa evidente o papel da escola no ensino e no trato com a leitura, não há como compreender a cidadania sem leitura reflexiva da realidade.

Sobre a leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998) destacam que para uma leitura proficiente, aquela que o aluno sabe e reconhece o que está no texto, vai muito além das estruturas linguísticas e textuais. Essa ideia fica clara na citação a seguir:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem as quais não é possível proficiência. E o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p.69-70).

Nota-se que os PCN (BRASIL, 1998) preconizam que a leitura se caracteriza por

um processo “ativo” e é uma atividade completa, porque todos os elementos do texto são acionados, nada é desconsiderado. Nesta esteira de reflexão, Koch; Elias (2015) chamam a atenção para o fato de que uma leitura focada no autor e no texto, apenas, não consegue suprir as demandas compreensivas. É preciso uma participação efetiva do leitor. Este precisa acionar todos os conhecimentos pré-adquiridos ao longo da caminhada enquanto leitor crítico e participativo. Segundo os PCN (BRASIL, 1998), é um exercício que precisa selecionar as estratégias, nomear, antecipar, inferir, verificar e se não houver essa atenção, não será possível proficiência.

Os PCN (BRASIL, 1998) do ensino fundamental dos anos finais destacam que “um leitor competente sabe selecionar, entre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades”. Esse tipo de leitor que busca saber quais as informações e qual a relação do texto com as práticas sociais é o que se deseja a partir da elaboração dos PCN. Nesse sentido, o leitor sabe se organizar e selecionar os textos do qual fará uso na participação e envolvimento com outros elementos do grupo que participa. Brito (2001, p. 21) assevera que não se pode negar a “relação” que há entre a “linguagem, a sociedade e a cidadania”, uma vez que é por meio da linguagem que as pessoas se envolvem com o “mundo”, adquirem posturas que possibilitam mobilizar a sociedade. A linguagem é o ponto de partida para uma participação efetiva nos grupos sociais, não tem como se envolver e cumprir o papel social no coletivo sem fazer uso da linguagem.

Importante refletir que a escola precisa estar preparada para fazer uso do instrumento de leitura para proporcionar aos discentes que se transformem em leitores críticos. Leitores capazes de ler muito além das palavras do texto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais têm esse compromisso de direcionar a leitura para atividade reflexiva. O aluno não pode ler decodificando letras e palavras somente. A leitura criativa vai adiante da decodificação. Essa característica é destacada por Brito (2001):

Estamos considerando a leitura um processo de interação em que o leitor e o autor se aproximam por meio do texto. Nesse sentido, o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir do seu projeto de leitura, do seu conhecimento prévio sobre o assunto e /ou sobre o autor (BRITO, 2001, p. 22).

Observa-se que Brito (2001) destaca, como meio relevante de aproximação entre o leitor e o autor, a interação através do texto. O leitor deve relacionar tudo o que sabe sobre a participação dele no mundo, buscar o conhecimento adquirido que ajuda no

projeto de leitura. Assim, conhece o assunto em sua totalidade e entende o autor a partir dos pressupostos do texto.

Os PCN (BRASIL, 1998) destacam ainda que o ensino fundamental (sexto ao nono ano) é decisivo na formação dos leitores. Essa etapa de ensino pode significar os avanços ou retrocessos na leitura. Se bem assistidos, conseguirão vencer os obstáculos e avançarem na formação leitora, mas também podem desistir, se não conseguirem resolver certas demandas na leitura. Nesse sentido, cabe à escola buscar alternativas de um projeto de leitura que proporciona o envolvimento dos alunos. A escola precisa intermediar nesse processo, tendo em vista que nessa etapa de ensino ocorre a transmissão de uma leitura “infantil ou infanto-juvenil” para outros textos mais complexos que demandam mais interação e esforço com a leitura. Essa mudança auxilia nos anos de estudos subsequentes, o ensino médio.

Observa-se que as sugestões assentadas pelos PCN (BRASIL, 1998), no que tange à leitura, são plausíveis e podem ser incrementadas na escola. Analisando a época da publicação dos PCN (BRASIL, 1998) e a indicação de espaço adequado para leitura como biblioteca nas escolas, ainda não se concretizou esse sonho. Os projetos de construção de bibliotecas propostos nos últimos anos não foram executados. Além disso, as poucas escolas que têm bibliotecas não possuem acervos suficientes.

À guisa de conclusão desse capítulo, percebe-se que a leitura é um mecanismo fundante e se destaca como mola mestra que proporciona a criatividade e cidadania ao indivíduo. Acrescenta-se, ainda, a leitura como instrumento que capacita o homem para a prática da escrita, expressando por meio do texto juízo de valor. A escola como *locus* de aprendizagem é privilegiada, pois pode desenvolver atividades que promovam a leitura de fruição e também crítica. Dando continuidade à fundamentação teórica, o próximo capítulo aborda sobre os gêneros textuais e sobre o gênero narrativo fábula.

CAPÍTULO 2: OS GÊNEROS TEXTUAIS: A FÁBULA EM QUESTÃO

PARTE I GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITOS GERAIS

Este capítulo compõe-se de duas partes. A primeira trata dos gêneros textuais e seus conceitos e a segunda do gênero textual fábula como instrumento didático para leitura e produção textual na escola.

2.1 Conceituando os gêneros textuais

Ao tratar-se de gêneros textuais, faz-se necessário uma retomada a respeito de seus conceitos e sobre os diversos significados que a palavra gênero apresenta. Muitos autores estudam e refletem sobre esse tema. Faraco (2009, p. 122) destaca que a palavra de origem “indoeuropeia” *gen* “gerar”, “produzir”. Do latim tem duas acepções: *genis, generis* que tem como (significado: estirpe, raça, povo, nação) e outra classe de palavra, o verbo “*gigno, genui, genitum* com a mesma significação que a primeira “gerar, produzir”. Vê-se que a produção de textos pode gerar conhecimento e não pode ser de forma casual. Na arquitetura tanto de tipos textuais quanto de gêneros textuais há que se ter um objetivo, uma intenção, conhecimentos linguísticos e de mundo para se atingir um fim comunicacional. Considerando-se que os textos e os gêneros textuais são sempre em função do interlocutor, estes devem apresentar características relativamente estáveis para reconhecimento e atribuição de sentidos pelos interlocutores (BAKHTIN, 1997).

A identificação do gênero facilita o reconhecimento de outros textos e se torna imprescindível ao leitor. Em Bakhtin (1997), encontra-se que os gêneros textuais são relativamente estáveis por apresentarem estilo, composição e tema. Os gêneros textuais merecem vários estudos pela sua complexidade e infinitude no que se refere à função comunicacional entre os interlocutores numa dada circunstância sócio-histórica. Marcuschi (2008, p. 146) assevera que, nos últimos anos, surgiram diversas discussões acerca dos gêneros. Muitos trabalhos monográficos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros surgiram, e os debates não param de crescer.

Sobre o contexto histórico dos gêneros, Marcuschi (2008, p. 147) apresenta uma sequenciação temporal quanto aos estudos dos gêneros. Lembra o autor que esse tema inicia-se em Platão, se fixa em Aristóteles, considera a contribuição de Horácio e Quintiliano na Idade Média, passando pelo Renascimento e chegando até a Modernidade. Outro fator importante quando se fala de gênero, precisa-se reconhecer

que vai muito além da disciplina chamada de linguística, abrangendo outras como as antropológicas e sociológicas.

É sabido que o estudo dos gêneros textuais iniciou-se há muitos anos. Teve início no ocidente contabilizando aproximadamente vinte e cinco séculos. Faraco (2009, p. 123) destaca que “Platão foi o primeiro a falar de gêneros”, o livro III da República aborda três modalidades que são a lírica, a épica e a dramática. Hoje se vive uma nova realidade quando se trata dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997) ou gêneros textuais (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Nessa mesma linha de pensamento, Marcuschi (2008, p. 147), ao fazer uma releitura de Bakhtin, diz que atualmente tem-se uma nova visão do mesmo assunto, todavia seria de uma ingenuidade tremenda pensar que foi nos últimos anos que tudo aconteceu com relação ao aprofundamento do estudo dos gêneros.

No que se refere aos gêneros textuais, vale ressaltar os estudos de Faraco (2009) e de Marcuschi (2008). Ambos os autores destacam que desde Aristóteles, tinha-se uma noção de trabalhos relevantes sistematizando os gêneros, assim descritos: a Arte Retórica com três gêneros: o deliberativo, o judiciário e o epidítico. O gênero deliberativo ou discurso deliberativo era utilizado como meio de aconselhamento e também de desaconselhamento. Havia uma visão de futuro. O gênero judiciário tinha a função de exortar e voltava-se para o passado. O gênero epidítico tinha como função elogiar ou censurar. Cada gênero possuía suas características e funções.

2.1.1 Gêneros textuais segundo Bakhtin

Falar de texto e sua atualização na comunicação sempre despertou e mereceu reflexão dos estudiosos da língua/linguagem. Em situação escolar, várias são as possibilidades de se produzir tipos e gêneros textuais. Diante da complexidade que este tema implica, buscamos inicialmente luzes conceituais nos estudos de Bakhtin (1997).

Os gêneros textuais são caracterizados como grandes desafios de estudos, embora, atualmente, têm sido discutidos constantemente, não é tarefa fácil estudá-los e caracterizá-los. Ao revisar as obras e o que está ocorrendo nas práticas de ensino, surgem os questionamentos: como desenvolver práticas de ensino que realmente surtam efeitos positivos para os alunos? Algo que faça a diferença na sala de aula.

Importante destacar que Bakhtin (1997, p.279) inicia as discussões sobre os gêneros do discurso, enfatizando o uso da língua. “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”

(BAKHTIN, 1997, p. 279). Significa dizer que em todos os espaços em que o homem está inserido há o uso da língua. Ela está a serviço de todos que fazem parte desse contexto de uso. Além dos indivíduos usarem a língua, todos são capazes de diferenciar a forma de utilizá-la. Não há, nesse ponto, uma linearidade onde todos seguem uma determinada regra fixa, pronta e acabada. No entanto, o uso diversificado da língua não interfere no aspecto estrutural, usada e vivenciada por todos.

Todo processo comunicativo somente ocorre entre os elementos de um grupo quando locutor e receptor usam e entendem o mesmo código linguístico. A língua só se efetiva enquanto língua quando utilizada na forma de texto, seja oral ou escrito. Os textos, para Bakhtin (1997), são chamados de enunciados e, segundo esse autor, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Não há, nesse sentido, diminuição de valores se são orais e “escritos”. O que ocorre é que eles podem ser elaborados consoante à necessidade comunicativa. Os “enunciados” são “concretos”, são palpáveis do ponto de vista da utilização e presença do meio. São “únicos” porque cada enunciado tem características próprias consoante o sujeito que elaborou, e conforme o espaço de utilização do “enunciado”.

O espaço de utilização do texto interfere de modo significativo na formação do enunciado, além disso, os objetivos pelos quais são elaborados os textos também interferem. Há outros fatores que são utilizados e que influenciam na elaboração do enunciado, conforme destaca Bakhtin (1997):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só pelo conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua-recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Levando-se em conta o espaço e os objetivos de atuação dos enunciados, Bakhtin (1997) assevera que “conteúdo temático, estilo e construção composicional” são elementos constitutivos dos enunciados. Esta caracterização dos enunciados por meio de vários elementos que fazem parte da construção do enunciado é fundamental para o emissor, pois ao conhecer esses elementos, há possibilidade maior de entender os enunciados tanto na emissão quanto na recepção da mensagem. O conteúdo temático se refere ao assunto mencionado no enunciado. O “estilo” se refere à forma como o enunciado é elaborado, utilização de elementos linguísticos e características de escrita do

próprio emissor do enunciado e a “construção composicional” que está relacionada à estrutura do enunciado, a formação a partir dos elementos que compõe a língua.

Ainda sobre o enunciado, Bakhtin (1990, p. 279) afirma que “qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isto que denominamos “gênero do discurso”.

Em relação aos “gêneros do discurso”, Bakhtin (1997, p. 279) destaca que os gêneros do discurso são variáveis e infinitos, ao mesmo tempo, não têm como enumerá-los, são também norteados por características importantes, pois fazem parte de um contexto cheio da diversidade humana. São ampliados e modificados, ao passo que vai ocorrendo o desenvolvimento do gênero, ficando, assim, mais complexo. Os gêneros do discurso tanto os orais quanto os escritos são heterogêneos. Isto que faz dos gêneros do discurso tão relevantes, uma vez que para cada situação, se pode fazer uso de um gênero do discurso. Há gênero para cada situação de interação humana.

Considerando a complexidade do tema gênero do discurso, principalmente, dos estudos bakhtinianos, uma das características predominantemente é a heterogeneidade. Nesse sentido, é muito difícil realizar a definição devido às possibilidades genéricas do texto ou enunciado, no entanto Bakhtin (1997, p. 281) assevera que “ importante, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo)”.

Bakhtin (1997) apresenta os gêneros primários considerados mais simples, espontâneos, em relação aos gêneros secundários mais complexos que exige do emissor ou leitor maior dificuldade na construção do gênero. Esse conhecimento sobre os gêneros é extremamente importante, pois ambos são diferentes na maneira de escrever, todavia o conhecimento do gênero primário e do gênero secundário facilita o uso e o reconhecimento destes gêneros pelo leitor. Bakhtin (1997) descreve que:

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Constata-se no texto de Bakhtin que os “gêneros do discurso” como o “romance”, “teatro”, o “discurso científico”, o “ discurso ideológico”, ocorrem em momentos

específicos e culturalmente pré-definidos, são mais complexos e evoluíram de maneira significativa na maneira de escrever. Um fator que chama atenção é a absorção e as mudanças que ocorrem nos “gêneros primários”. Analisando a formação dos gêneros secundários, há um complemento de gêneros. Nenhum é anulado pelo outro. Essa interação entre eles é fundamental para entender os processos de formação e de uso dos gêneros.

Além da abordagem sobre as diferentes formas de apresentação dos gêneros, Bakhtin (1997) destaca que um simples texto apresenta variação quando comparado com outro texto. O autor cita como exemplo: o relato familiar, a carta (com suas variadas formas) a ordem militar padronizada em sua forma precisa e sua forma de ordem circunstanciada (BAKHTIN, 1997, p. 280). Essas diferenças marcantes são impossíveis de serem estudadas em um mesmo nível, por isso diante das várias situações que envolvem os gêneros, os mais estudados foram “os gêneros literários”. Conforme Bakhtin (1997, p.280), os estudos relacionados aos gêneros literários tiveram como foco observações artísticas. Essa era a visão de estudo do enunciado, outras características como o intergênero e a linguística não foram observados. Ampliando a reflexão sobre os gêneros textuais, apresenta-se a contribuição de estudiosos como: Marcuschi (2008), Schneuwly; Dolz (2004) e a visão a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) no próximo item.

2.1.2 Gêneros textuais em Marcuschi, Schneuwly; Dolz e PCN

As discussões sobre gênero continuam com Schneuwly; Dolz (2004), uma vez que esses autores corroboram as ideias de Bakhtin quando asseveram que os gêneros primários são relacionados há diversas situações de uso. Nesse aspecto, segundo Schneuwly (2004), ocorre a troca, a interação e o controle mútuo pela situação; ocorre também de maneira imediata e seu funcionamento é instantâneo, “como entidade global controla todo processo, outro aspecto é que não há nenhum ou pouco controle metalinguístico da ação linguística em curso” (SCHNEUWLY, 2004, p. 29).

Segundo Schneuwly (2004), encontra-se que o gênero primário se destaca por suas características, tendo em vista que o meio social, onde será usado, é significativo. A interação e o domínio facilitam aos sujeitos controlar de maneira mútua a situação. Outro aspecto que merece reconhecimento é a forma imediata e instantânea pela qual o gênero primário se situa. Algumas características são relevantes, quando o autor destaca que não

há domínio total no uso linguístico. Não há como controlar durante o processo de linguagem, visto que nessa etapa é instantâneo.

Os gêneros primários estão relacionados ao início do processo de interação da linguagem. Para as crianças, os gêneros são fundamentais, pois elas participam de maneira ampla das atividades de linguagem. No que tangem essas atividades, Schneuwly (2004) argumenta que:

Os gêneros e, mais particularmente, os gêneros primários são o nível real com o qual a criança é confrontada nas múltiplas práticas de linguagem. Eles instrumentalizam a criança (é claro que aqui se colocam todo o problema do ensino e do desenvolvimento e o problema das interações sociais para a aprendizagem) e permitem-lhe agir eficazmente em novas situações (o instrumento se torna instrumento de ação) (SCHNEUWLY, 2004, p, 30).

Conforme destaca o autor, a criança, ao ser confrontada com os gêneros primários, adquire diversas possibilidades de interação da linguagem. A criança tem diante de si uma realidade que pode ser dividida, compartilhada do convívio social. Na realidade, os gêneros primários são facilitadores e funcionam como verdadeiros “instrumentos”. A ação se completa por meio desses “instrumentos” que são os gêneros. Em outra abordagem Schneuwly (2004) assevera o seguinte:

A primeira ideia é dizer que os gêneros primários nascem (isto vimos na própria definição desses gêneros) na troca verbal espontânea. Estão fortemente ligados à experiência pessoal da criança e se aplicam a uma situação à qual estão ligados de maneira quase indissociável, por assim dizer, automática, sem real possibilidade de escolha (SCHNEUWLY, 2004, p, 32-33).

Importante observar o meio pelo qual ou no qual a criança está envolvida. A vivência da criança é parte fundamental no uso dos gêneros primários e como é automático a troca também o é. A conversação irrefletida diária é um bom exemplo e ocorre em ambientes familiares. A título de ilustração, apresentamos um possível diálogo entre mãe e filho como exemplo de gênero primário.

Diálogo entre mãe e filho

Filho cadê seus brinquedo que comprei pra você? Já quebrô dinovo?

- Aqueli qui a siora comprô nu Natal?

- Sim filho, aqueles, onde tá?

- Ah mãe! Eu di pru Juão, amigo du Zeca, fii da Maria Bunita.

Esse diálogo mostra uma provável situação em que a mãe e o filho conversam sobre os brinquedos comprados no Natal. Há reprodução da fala com a forma pela qual mãe e filho se comunicam sem nenhuma preocupação fono-vocabular. Percebe-se que esse trecho acima citado é um bom exemplo de um diálogo primário espontâneo (grifo meu).

Ampliando a discussão sobre os gêneros textuais orais, destaca-se uma reflexão feita por Marcuschi (2008). O autor argumenta que esses gêneros orais não possuem a mesma complexidade em relação aos gêneros secundários. De acordo com Marcuschi (2008, p. 186), os gêneros textuais orais não são muito estudados. As pesquisas são mais recentes e a sistematização dos gêneros orais são menos identificados, se analisados os vários estudos e a classificação dos “textos escritos” referentes a esse gênero. Para Marcuschi (2014, p. 187), um gênero seria uma ideia, uma visão do cotidiano colocada em prática pelos usuários. Eles, os usuários, têm a capacidade de ter uma visão geral e, ademais, se envolverem em momentos rotineiros, a fim de realizar a identificação do gênero. Os processos de uso e participação mostram que eles têm domínio sobre o conhecimento social acumulado. Compartilham de ideias comuns. Isso fica evidente a partir da situação em que os falantes se orientam usando “decisões” a respeito do gênero de textos que estão fazendo uso em determinado momento. Em algum ínterim, escolhem o que se pode produzir em cada momento comunicativo.

Outro aspecto apresentado por Marcuschi (2008, p. 187) se refere ao fato de que os gêneros textuais orais não aparecem como uma mágica, eles são adquiridos através da participação comunicativa, por isso são considerados “fenômenos sociointerativos”. Detentores desse contexto, os usuários dos gêneros conhecem muito bem quais as estratégias que podem escolher ao produzir uma narração, sabem identificar um comentário, a noção que eles têm dos gêneros orais desde a estrutura, e o contexto de uso são de muita relevância.

A produção textual do gênero oral depende da especificação de um contexto pré-selecionado ou pré-acontecido como por exemplo: um telefonema de um dia anterior, durante uma aula de ontem ou de hoje, em uma determinada discussão, a conferência dada, uma discussão do dia anterior etc. (MARCUSCHI, 2008, p. 188). Esses textos orais apresentados mostram uma certa dinâmica do processo comunicativo desse gênero. Ocorrem, em diversas vezes, nessas “formas” textuais, determinados elementos

linguísticos que se repetem, haja vista que são identificados a partir dos gêneros orais.

Sobre os gêneros secundários, Schneuwly (2004, p. 32) lembra que “os gêneros secundários não são espontâneos”. Para compô-los, é preciso de outras estruturas de formação. Para desenvolver os gêneros secundários, necessita-se de intervenções diferenciadas.

Retomando Bakhtin (1997, p. 28) no que diz respeito à questão dos gêneros, o autor assevera que os “gêneros primários”, ao se unirem aos “gêneros secundários” mudam a partir da união de ambos. Nessa perspectiva, passam a ter outras características, o gênero passa a ter uma nova formação. Conforme destaca Bakhtin (1997) se a “réplica do diálogo cotidiano” for inserido no romance, ao conservar a forma e o significado “cotidiano” somente no plano do conteúdo, a integração ocorre no romance como um todo. Essa integração não significa que a réplica do diálogo continue sendo a réplica do diálogo, faz parte de um contexto maior, o romance, concebido como fenômeno da vida literário artístico, sendo assim, deixa de fazer parte da vida cotidiana.

Essas diferenças também são abordadas por Schneuwly (2004, p. 33) quando descreve que “os gêneros secundários introduzem uma ruptura importante em dois níveis principais”. Primeiramente, os gêneros já não se encontram em um processo imediato. A comunicação nessa etapa é mais demorada, haja vista que a formação do texto não é mais simples e sim mais complexa. Outros gêneros estão envolvidos, ao mesmo tempo que são livres, são também interdependentes dentro do contexto social de atuação. A segunda abordagem destacada por Schneuwly (2004) esclarece que para se apropriar do gênero secundário não deve ser de maneira direta, não parte de momento de comunicação. O sujeito que vai fazer uso desse gênero necessita realizar alguns confrontos, tendo em vista que os gêneros estão intrinsecamente ligados. Isso ocorre, porque os gêneros secundários não se referem a uma situação imediata. Para saber usá-los, é preciso reconhecê-los, antecipadamente, devido a sua complexidade e não espontaneidade, por isso outros mecanismos de utilização são acionados.

Importante ressaltar que os gêneros secundários não fazem desaparecer os gêneros primários, apenas um é mais complexo que os outros. Para Schneuwly (2004, p. 33), “a aparição de um novo sistema, o dos gêneros secundários no caso não faz tábula rasa do que já existe”. Isso significa que tudo o que foi construído continua valendo, nada é descartado, anulado pelo “precedente”. Essa prática de reconsideração da criação anterior é fundamental, uma vez que valoriza o conhecimento pré-existente e a forma como chegou à aprendizagem, não importa se mais simples ou mais complexa. Valorizar o

conhecimento é sempre um gesto importante e, em se tratando dos gêneros textuais, ainda mais, pois são referência no processo de desenvolvimento da linguagem. Segundo Schneuwly (2004, p. 34), “de fato, mesmo profundamente diferente, o novo sistema apoia-se completamente sobre o antigo em sua elaboração, mas assim fazendo, transformando-o profundamente”. Assim, não há descarte do que já existe, há mudanças, mas sempre para melhor, uma vez que o que era mais simples, espontâneo, ganha novas versões mais intrincadas no processo.

Sobre o processo de aprendizagem pela criança, Schneuwly (2004, p. 36) destaca que o surgimento de um novo gênero à criança, não significa uma parada brusca, porém um ponto de partida. O autor descreve que a criança, ao passar para a segunda etapa referente aos gêneros secundários, passa por mudanças significativas de “reestruturação”. Sobre isso Schneuwly (2004) menciona que.

Pode-se mesmo dizer que a introdução do novo sistema, a aparição dos gêneros secundários na criança, não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida de um longo processo de reestruturação que, a seu fim, vai produzir uma revolução nas operações de linguagem. Esta pode ser relativamente preparada localmente, pela aparição de alguns domínios novos que permitem à criança reestruturar localmente suas operações; mas, no fim, tornar-se-á necessário retrabalhar a totalidade do sistema e, logo, proceder a uma verdadeira revolução do sistema (SCHNEUWLY, 2004, p. 36).

A criança, ao se deparar com uma nova realidade, tem pela frente um ponto de partida. Esse acontecimento está relacionado a um novo processo. Tudo deve ser refeito, reestruturado. A revolução pode ser iniciada pelo uso de uma nova linguagem. Novos domínios devem fazer parte da nova aquisição. O trabalho com os gêneros secundários precisa ser encarado com mais responsabilidade, porque exige muito mais da criança. Nessa etapa, a visão deve ser do sistema como um todo e não apenas das partes.

A abordagem em torno de gêneros textuais não é nova, visto que os PCN (BRASIL, 1998) já anunciavam as possibilidades de se trabalhar com os mais diversos textos que circulam na sociedade. Tem-se o embrião de uma abordagem de ensino do texto que leva em conta a função social dos enunciados sócio-historicamente situados. Nesta dimensão reflexiva, Faraco (2009, p. 122) destaca que, depois da “reforma” do ensino de 1996, os gêneros do discurso ficaram mais acentuados. A abordagem nos PCN trouxe novas discussões e, conseqüentemente, surgiram novas práticas de ensino.

PARTE II

GÊNERO NARRATIVO FÁBULA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Por uma questão didática, optou-se por apresentar o segundo capítulo diluído em duas partes. A primeira, como já visto, traz noções gerais sobre gêneros textuais. A segunda, em tela, trata das principais características do gênero narrativo com ênfase ao gênero fábula.

2.2.1 O gênero textual narrativo

O gênero textual narrativo é uma forma de escrever que possibilita ao autor usar da imaginação criativa para expor ações abstratas e concretas. Coelho (2000, p. 66) afirma que “a invenção transformada em palavras é o que chamamos de matéria literária”. Assim, o texto literário é composto de fatos implícitos que só descobrimos por meio de uma leitura inferencial. Também há fatos explícitos no texto, esses são percebidos por meio de uma leitura superficial. O texto narrativo formado a partir da criação é denominado de literatura. Para compor uma história, é preciso usar estruturas já disponíveis que são: “o narrador, o foco narrativo, a história, a efabulação, o gênero narrativo, personagens, o espaço, o tempo, a linguagem ou discurso narrativo, o leitor ou ouvinte” (COELHO 2000, p. 66).

O narrador é aquele que narra os fatos. Coelho (2000, p. 66) argumenta que o “narrador” é “a voz que fala, enunciando a efabulação”. “O termo narrador designa um agente”. É importante salientar que há uma diferença entre autor e narrador. Segundo Coelho (2000, p. 67), “o autor implícito é o ser histórico, a pessoa que produz o texto e não deve ser confundido com o narrador, a voz que inventa, conta a história”. O narrador não existe fora do texto, ele está ligado diretamente ao texto. O narrador é responsável pelo processo enunciativo, responsável pela concretização do enunciado. Por meio do narrador que se realiza de forma concreta o texto narrativo.

O foco narrativo está relacionado à posição do narrador no texto. Coelho (2000, p. 68) destaca que o foco narrativo “também chamado ponto de vista, ótica narrativa, modos de visão, etc”. O foco narrativo está relacionado à posição pela qual se encontra o narrador, conforme o conhecimento que ele possui em relação aos fatos narrados, e das várias questões que o narrador desvenda no decorrer ou no desenrolar da história.

A personagem é um dos elementos também relevantes, pois, segundo Coelho

(2000, p. 74), “personagem é a transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária)”. Nesse sentido, não existe uma narrativa sem a presença de um personagem. A personagem é responsável pelo interesse do leitor. Não importa se o leitor é uma criança ou se é um adulto. A atenção se volta no que vai acontecer com o personagem ou personagens dependendo do contexto de criação, o enredo. Se o leitor torce ou acredita em um determinado personagem, ele acaba vivenciando, junto com ele, a trama. Sofre ou se alegra. “a personagem é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana”. (COELHO, 2000, p.74). São muitos os acontecimentos com as personagens, há diversas possibilidades de vivência e criação, todas relacionadas ao processo de criação do homem.

Na narrativa fabulística, quem desenvolve as ações, cria situações de participação e conflito são os animais de diferentes espécies dependendo do que representa na fábula, história que pega os animais como empréstimos para representar os homens. Sendo assim, Coelho (2000, p. 74) assevera que “a palavra ‘personagem’ é oriunda do termo latino *persona, ae*, nome com que os romanos designavam as máscaras usadas pelos atores gregos em suas representações teatrais”. As representações eram realizadas em espaços abertos em grandes anfiteatros. As máscaras serviam para dar destaque, a fim de configurar os atores e, além disso, aumentar a “voz e a postura”.

O espaço onde ocorrem os fatos ajuda na organização e criação da narrativa. Coelho (2000, p. 76) diz que “o ponto de apoio para a ação das personagens é o espaço (ambiente, cenário, cena, mundo exterior)”. Destaca a autora que o espaço determina as circunstâncias locais, espaciais ou concretas. Esses elementos consistem em demonstrar a realidade e a verossimilhança para o sucesso dos fatos. A importância do espaço na organização da narrativa é como se adquire no mundo real da vida cotidiana. Todos os meios são fundamentais, o espaço de trabalho, a família, as questões sociais, econômicas, lugar onde mora, país, coisas que estão à volta, o que veste. Todos esses elementos são imprescindíveis para a identificação do espaço: espaço natural está relacionado ao mundo real ainda não modificado pelas pessoas: planícies, florestas, cerras, rios, lagos, ambientes ecologicamente ainda preservados, lugar aberto que ainda não sofreu influência do homem. Há o “espaço social” que está relacionado ao espaço individual da personagem “casa”, castelo, habitações e meios de transporte. O espaço “trans-real” é formado a partir da criação e imaginação do narrador.

O tempo é outro elemento que caracteriza bem as narrativas. Coelho (2000, p. 79) pontua que “a ficção narrativa (em qualquer de seus gêneros, formas ou espécie) é uma arte que se desenvolve no tempo”. Não há outra maneira de escrever uma história narrativa, se não usar o tempo como mecanismo de situar o leitor, os fatos acontecidos. A narrativa se organiza a partir de acontecimentos, fatos, situações que aparecem, se realizam e se encerram em um final, não quer dizer que ocorrem em um tempo específico. Segundo Coelho (2000, p. 79), “existem vários elementos de que o autor usa a fim de determinar o tempo e sua narrativa”. Podem ser usados também para registrar a evolução do tempo no qual as personagens estão envolvidas. “A passagem das horas, dias, anos, etc. é marcada pela relação cíclica das estações”. Ocorre pela transformação do espaço, onde tudo se modifica, os objetos ficam velhos marcados da vida cotidiana, modificam-se marcando de vez o tempo.

2.2.2 A origem do gênero fábula e os principais fabulistas

O gênero textual fábula não é um gênero que surgiu recentemente, é descrito por diversos escritores em épocas distintas, e várias regiões de todos os continentes. Para reconhecer esse gênero importante para a reflexão humana, revisita-se autores como Kupstas et al (1992), Coelho (2000), Bagno (2006) dentre outros.

A respeito do sentido e da origem da palavra fábula, Coelho (2000, p. 165) descreve que o gênero tem suas origens em duas línguas: “fábula (lat. fari = falar e do grego phaó = dizer, contar algo)”. Verifica-se pelo significado da palavra que o gênero fábula narra um determinado fato. Segundo Coelho (2000, p. 165), “é uma narrativa de natureza simbólica, de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”. Essa narrativa se destaca pela forma e, principalmente, pela função que exerce. Os personagens animais são seres muito ativos nas narrativas. Essa característica faz da fábula um gênero textual bem diferente, por isso vem sobrevivendo de maneira sólida durante tanto tempo.

Em relação ao seu surgimento, sabe-se que nasceu no Oriente. Segundo Coelho (2000), a fábula foi modificada no “Ocidente pelo Grego Esopo no (século VI a.C), foi melhorada tempos depois pelo escravo romano Fedro no (século I a.C)”, Fedro deu uma nova versão reorganizando estilisticamente as fábulas. Kupstas et al (1992, p.09) descreve que “as fábulas são muito antigas”. Elas apareceram há muito tempo. Segundo a autora, há textos sumérios de 2000 anos a.C que fazem referência às fábulas. Os hindus as

conheciam, mas eram “apreciados pelos gregos”. Esopo “foi o primeiro” fabulista de destaque. Ele foi escravo em uma cidade chamada de Samos, viveu “em meados do século VI a.C”. Com ele, as fábulas foram imortalizadas, posteriormente vários escritores, de períodos diferentes, escreverem-nas. Para Abílio; Mattos (2006, p. 86) “as fábulas têm uma origem tão remota que é difícil fixá-la”. Segundo os autores, as fábulas são históricas, chegam a ser complexas por ter uma ideia real do tempo em que foi surgida, no entanto é sabido que foi Esopo que transferiu da versão oral para a escrita. Kupstas et al (1992, p.10) menciona que:

O prestígio das fábulas nunca decaiu. Na Idade Média, as fábulas, tais como os contos de fada, eram histórias passadas de boca em boca, constituindo a literatura oral de muitos povos. No século XVII, escritores importantes como La Fontaine, Perrault e Rabelais criaram novas fábulas ou recontaram antigas, em versos bem-elaborados ou pequenos contos em prosa. Os negros africanos e os índios brasileiros acrescentaram animais da sua fauna às velhas histórias levados pelos europeus a outros continentes.

Conforme exposto acima, as fábulas sempre foram prestigiadas, nunca houve decadência. Na “Idade Média” os contos de fada eram transmitidos ou contados de maneira oral. Assim, acontecia com as fábulas também, elas eram contadas pelas pessoas, por meio da comunicação oral, os indivíduos iam propagando as narrativas. Vários escritores fizeram uso desse gênero, Jean de La Fontaine foi um dos mais importantes escritores do século XVII. Coube ao acadêmico francês La Fontaine, o redimensionamento e a renovação desse gênero tão antigo.

Para Bagno (2006, p. 86), foi na França que assistiu um dos mais brilhantes fabulistas da modernidade, o escritor Jean de La Fontaine (1621- 1695). La Fontaine compôs diversas fábulas, além disso, reeditou na língua francesa “fábulas antigas de Esopo e de “Fedro”. A fábula “A cigarra e a formiga” uma das mais conhecidas do Ocidente foi ele que a escreveu. Segundo Bagno (2006), nas unidades de ensino onde predomina o francês, os estudantes aprendem as fábulas de La Fontaine e declamam-nas “de cor”. Isso ocorre desde a escolarização inicial. Como foram escritas em versos e em métricas, os discentes têm facilidade para memorizar.

No Brasil, teve-se Monteiro Lobato como importante escritor brasileiro. Ele escreveu inúmeras fábulas. Segundo Kupstas et al (1992, p. 10), “Monteiro Lobato, nos anos 30, recontou muitas fábulas através da boca da Tia Nastácia ou Dona Benta”, personagens que alegraram com as narrativas, foram Pedrinho, Narizinho e Emília, todos do “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Bagno (2006, p. 51) acrescenta que é um “Projeto

especial de literatura brasileira, com foco nas crianças e nos jovens”, Lobato (1882 – 1948) foi um dos pioneiros nesse gênero tradicional. O livro *Fábulas de Lobato* é composto de fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine. O autor reescreveu em prosa diversas fábulas antigas. Importante destacar que em cada fábula contada, há comentários positivos ou negativos sobre a fábula. Os personagens Dona Benta, Emília e Narizinho ora contestam, ora concordam com o conteúdo da fábula. Com a fábula “A Formiga má”, Lobato descreve, no comentário, as reflexões sobre as ações das personagens das fábulas. Para conhecimento do leitor, segue a fábula de Lobato e em seguida os comentários de Dona Benta, Emília e Narizinho.

Texto original de Lobato, A Formiga má

A Formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestados, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usuária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida por todos os seres.

_ Que fazia durante o bom tempo?

_ Eu... eu cantava!...

_ Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que falava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usuária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade. (LOBATO, M. 2005, p. 8)

O texto abaixo foi comentado pelos personagens de criação Lobato (2005) para refletir sobre o gênero fábula. São reflexões que ora refutam, ora aceitam as ações praticadas pelos personagens animais.

Esta fábula está errada – gritou Narizinho. Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas – e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de moral.

E tanto é assim – disse ela que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

Isso não! – protestou Emília. Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga, que não fale. Nós é que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

_ Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

_ Agora, sim! – disse Emília muito ganjenta com o triunfo. Conte outra.

(LOBATO, 2005, p. 8)

Para Bagno (2006), o livro de Lobato é de extrema relevância para o estudo do gênero fábula; porque além de reescrevê-las, as personagens Dona Benta, Narizinho e Emília fazem comentários tomando posição em relação ao conteúdo das fábulas, por isso é considerado um dos melhores livros do Brasil quando se refere ao “ensino do gênero em sala de aula. Dona Benta, que narra as fábulas, representa a voz da tradição. A opinião ponderada e refletida nas pessoas já vividas (BAGNO, 2006, p. 51)”. Tia Anastácia que representa a visão popular, demonstra interesse e inclinação sobre a aceitação da moral. Pedrinho e Narizinho realizam comentários que são relacionados ao próprio momento e idade, com curiosidades para conhecer algo novo.

2.2.3 As principais características do gênero textual fábula

A leitura e a compreensão textual são elementos primordiais para o entendimento global do texto, e se o texto tem características chamativas, é evidente que causa mais

impressão ao leitor. Essa trama entre leitor e texto contribui para o sentido da leitura. As qualidades do gênero textual fábula aproximam ambos: leitor e fábula. Kupstas et al (1992, p. 9) argumenta sobre a fábula da seguinte forma: “Que são fábulas? São histórias curtas, em prosa ou verso, apresentando, geralmente, animais falantes que tomam atitudes humanas. Por isso mesmo permitem que reflitamos sobre nossos próprios comportamentos e sentimentos”.

Conforme mostra a autora, as fábulas são pequenas narrativas escritas em prosa ou verso. Apresentam um enredo que tem começo, meio e fim. Há uma situação inicial na qual um dos personagens apresenta ações que chamam a atenção de outros personagens. Os animais que participam da trama, são características marcantes das fábulas. O animal personagem imagina o que vai fazer, uma ação positiva que ajuda o outro ou negativa que serve para benefício próprio. Há a execução da ação propriamente dita. Ocorrem mudanças de comportamento para convencer o outro, em seguida, uma ação final e por último a moral da fábula. Esta encerra o texto que serve para nos ensinar algo ou faz refletir sobre nossos comportamentos. A moral fecha a narrativa permitindo ao homem por meio da atitude dos animais personagens, uma nova visão da realidade.

Sobre o gênero fábula, Bagno (2006, p. 51) assevera que “a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral”. A moral ficou tão evidente que se nota em histórias contadas pelas pessoas que finalizam dizendo para o ouvinte: “moral da história”. Com isso, gera uma expectativa e finaliza a narrativa.

Em Kupstas et al (1992, p. 9), tem-se que a moral das fábulas possibilita alertar os indivíduos a respeito de observações relevantes acerca do comportamento das pessoas. Segundo a autora, nosso comportamento é ambíguo e muitas vezes até “contraditório”. Há fábulas que mencionam morais opostas. Exemplos como: “Deus ajuda a quem cedo madruga” foi contradita pelo conhecimento popular que “mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga”.

Ainda em se tratando de fábula, Coelho (2000, p. 166) afirma que a fábula se definiu como uma história de animais que configuram os homens. A fábula tem o objetivo de possibilitar diversão ao leitor e ao mesmo tempo passar um ensinamento por meio da moral. Divertir e refletir provocam ao leitor momentos de interação com o texto lido. “Enfim, a peculiaridade que distingue as fábulas das demais espécies metafóricas ou símbolos é a presença do animal, colocando uma situação humana e exemplar” (COELHO, 2000, p.166). As personagens são sempre representativos, têm

reconhecimento universal: O leão representa poder, coragem, majestoso, amedronta e manda. A raposa é tida como esperta, astuta, o lobo como cruel, o elefante grande e forte, a formiga trabalhadora e organizada, a cigarra alegre, canta e diverte.

2.2.4 A fábula como mecanismo de reflexão e de visão analítica do mundo

A fábula como gênero literário de reflexão e visão de mundo serve para refletir e é possível com ela obter uma visão diferente do mundo ao qual pertence. Conforme argumenta Kupstas et al (1992, p. 10), as fábulas são atraentes devido ao enorme sucesso pela maneira objetiva que apresentam situações muitas vezes complexas. Como são textos curtos e de rápidas leituras proporcionam reflexões rápidas e concisas. Os leitores podem compreender de maneira clara como a conduta humana é colocada à prova. A autora destaca ainda que: “*a cigarra e a formiga*”, por exemplo, se nos deixa indignados com a avareza da formiga, que nega alimento à cigarra e a deixa morrer, também nos faz refletir sobre a necessidade de sermos comedidos, precavidos para o dia de amanhã” (KUPSTAS et al, 1992, p. 10). A “*cigarra e a formiga má*”, título de uma fábula, deixa o leitor um pouco perplexo diante da reação da formiga em negar ajuda para a cigarra que tanto cantou para alegrá-las. Como cita esta autora, a ação de agir de forma contrária ao mesmo tempo que provoca uma revolta interior, serve muito mais para refletir sobre a necessidade do ser humano se precaver em relação ao futuro. Pensar além do momento presente.

Sobre o ato reflexivo que proporciona as fábulas, Abílio; Matos (2006, p.86) refletem que “trabalhar com as fábulas pode e deve ser um ponto de partida para reflexão a respeito do próprio determinismo formulado acerca da sabedoria prática”. Nessa perspectiva, há o questionamento sobre a maneira que os indivíduos se comportam por meio das narrativas e, principalmente, da moral, transparecem comportamentos às vezes de natureza suspeita em função das ações praticadas pelos personagens, por isso é importante saber quais questões expor para os alunos em uma prática de leitura de fábulas. É preciso colocar para o receptor a forma clara sobre uma leitura consciente da fábula. Realizar contrapontos reflexivos sobre o conteúdo da narrativa e, principalmente, da moral. Abílio; Matos (2006) destacam que “as fábulas por ser um gênero textual que explicita comportamentos devidos e indevidos de comportamento humano, atuam em relação ao leitor tomando um posicionamento ético”. Mesmo assim, as fábulas proporcionam sempre uma leitura crítica e prazerosa.

Ainda sobre o ato reflexivo das fábulas, Coelho (2000, p. 166) assevera que La

Fontaine em sua coletânea de fábulas, a primeira delas, deixa claro a intenção pela qual escreveu as narrativas para “Delfim” e para as crianças da corte. Ficou claro que as narrativas fabulísticas ajudam a dizer de forma reflexiva, mas não direta uma mensagem que orienta e passa algum ensinamento.

Como não é tarefa fácil tomar providências diretas sobre a atitude humana, principalmente, de gente do poder e de poder, as fábulas se tornaram uma maneira eficiente de dar orientações reflexivas. Uma crítica de forma direta seria uma maneira perigosa de denunciar um poder, ou o comportamento de uma sociedade, ou grupos dessa sociedade com atitudes nada convencional.

Ler criticamente de maneira reflexiva é um dos objetivos da formação leitora, Coelho (2000, p. 39) afirma que “o leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) fase de total domínio da leitura da linguagem escrita, tem capacidade de reflexão em maior profundidade”. Além da leitura escrita com compreensão total da linguagem, o leitor, a partir da idade mencionada, é capaz de executar uma leitura reflexiva. O mais importante para o trabalho da escola é ver que o aluno-leitor está se transformando por meio da leitura e a literatura é o caminho nesse processo. Assim, o texto literário exerce uma função social de extrema relevância. Social no sentido de proporcionar ao leitor e de mostrar as intenções, enquanto sujeito participativo, ao mundo por meio da leitura.

O gênero textual fábula, como literatura histórica, tem características suficientes que podem despertar no leitor a consciência reflexiva dos acontecimentos que estão à sua volta e à volta daqueles que estão próximos ou não. Reconhecer e dar sentido à existência é um dos mecanismos dos vários caminhos da literatura. A respeito dessa visão existencial e crítica, Coelho (2000, p. 39) descreve que o leitor à proporção que vai aumentando a idade a partir dos 12 (doze) anos pode “ir mais fundo no texto e atingir a visão de mundo ali presente [...]”. Perceber o mundo por meio do texto é o que a fábula como literatura universal possibilita de forma esplêndida.

As personagens das fábulas são simples. Kupstas et al (1992, p. 10) argumenta que por existir personagens simples, conversação curta e a moral da narrativa, tudo isso são aspectos que proporcionaram um espaço amplo de uso das fábulas nas salas de aula. São utilizados como textos didáticos. Percebe-se, em todos os níveis de ensino, que há o uso pedagógico do gênero textual fábula. Outro aspecto atraente está relacionado ao impacto que esses textos trazem para o leitor. Dificilmente o aluno-leitor não se pronunciará diante de uma leitura de uma fábula. A autora cita também que a maneira muito estática proporcionou o aparecimento de “sátiras e paródias”. Kupstas et al (1992,

p. 10) destaca a sátira e a paródia da seguinte forma:

Sátira é uma composição artística que censura ou ridiculariza vícios. Paródia é a imitação cômica de uma composição literária. Ambas são recursos que se prestam a fazer rir da “seriedade” das fábulas e sua pretensão moralista. Muitos escritores, em todos os tempos, criaram lobos bobos que não comiam os carneiros; formigas que agradeciam à cigarra o fato de ela cantar tão bem [...]”.

Argumenta a autora que a “sátira” tem a função de censurar, ridicularizar os costumes que são nada normais para as pessoas. A paródia imita de maneira engraçada um texto literário. Nessa perspectiva, tanto a sátira quanto a paródia são mecanismos de tornar as fábulas engraçadas em função da moralidade das fábulas. Esses fatores que diferenciam as fábulas ocorrem quando há uma troca de comportamento de alguns animais. “Muitos escritores em todos os tempos, criaram lobos que não comiam os carneiros, formigas que agradeciam a cigarra o fato de ela cantar tão bem” (KUPSTAS et al, 1992, p. 10). Essas inversões de comportamentos deram às fábulas outros sentidos na leitura. Segundo a autora, no Brasil, o escritor que inventou de maneira divertida as fábulas, foi Millôr Fernandes. Ele possibilitou divertimento às pessoas com as Fábulas fabulosas. Criticou duramente fatos que envolviam políticos e personalidades brasileiras. Para isso, fez uso das fábulas parodiadas.

Uma visão crítica e política da realidade por meio da leitura deve ultrapassar os limites da fruição. Coelho (2000, p. 40) argumenta que “o convívio do leitor crítico com o texto literário deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura”. Nesse aspecto, a leitura é vista de outra forma. A preocupação não está mais em proporcionar ao leitor a “fruição” ou provocar comoção ou “emoção”. Ir além desses elementos é que direciona o leitor para outra dimensão da realidade. A visão crítica da política do contexto atual. E qual seria essa política? A leitura proporciona ao leitor uma visão diferente do mundo.

Em se tratando de fábulas que são textos literários, extremamente reflexivos, é possível ter uma maneira diferente de visão dessa política atual que serve para enganar os cidadãos de bem em muitas situações, como se assiste constantemente às reportagens televisivas. A leitura de fábulas precisa refletir sobre o mundo político, tendo em vista que o cidadão está inserido em um contexto que é repleto de ações políticas, embora possam estar inclinadas para o bem ou para o mal. Nota-se que o aluno-colaborador, em formação, precisa ter consciência disso, porque somente uma leitura reflexiva é possível fazer com que o gênero textual fábula tenha essa qualidade de fazer pensar além da ficção.

A utilização na escola do gênero textual fábula é sugestão de diversos escritores. Bagno (2006, p. 51) considera que “as fábulas poderiam suscitar boas discussões em torno de temas como a solidariedade, a injustiça social, a vaidade, a ganância, o espírito de vingança, o autoritarismo, etc”. É possível e viável provocar discussões em sala de aula que levam os alunos a refletir sobre diversos comportamentos. Sobre a solidariedade, pensar em atitudes que levam o aluno a ter ações valorativas do outro, não agir de maneira isolada, mas sim de forma compartilhada. Sobre “as injustiças sociais” pensar em projetos que poderiam amenizar essa situação, embora não tenham poder para mudar certas injustiças, mas podem pensar em ações que poderiam ir ao encontro da justiça social.

Muitos discentes sofrem injustiças, vivem em uma extrema situação de miséria em todos os sentidos. Em relação à vaidade, valorizar mais o corpo, a pessoa humana dentro dos limites ideais e cuidado sem extrapolar os alcances de uma vivência saudável. A “ganância” é outro assunto de suma importância, pois é preciso separar ganância de objetivos para a vida. Uma coisa é ser ganancioso trapaceiro, outra é ter objetivos, ter ambições saudáveis. O que não deve ocorrer é a situação pela qual o Brasil está passando. Pessoas que deveriam cuidar do povo, da economia, da saúde e educação, por ganância financeira e de poder estão prejudicando o país e, principalmente, os jovens, uma vez que muitos perderam os postos de trabalho e aqueles que estão chegando para trabalhar não conseguem porque houve inúmeros desvios de recursos públicos. É possível, por meio de textos como o gênero textual fábula, despertar o interesse nos alunos para refletir sobre a realidade.

Nesse trabalho de leitura e interpretação de fábulas, a intenção é induzir o aluno a pensar. Refletir sobre o papel de “espírito de vingança”. Quais as perdas de se concentrar em vingar alguém, ficar sempre olhando o que ocorreu para se vingar depois, pensar nos aspectos negativos da vingança. Bagno (2006) apresenta o autoritarismo. Ser autoritário não leva a crescer, uma vez que certas atitudes autoritárias podem afastar pessoas importantes do convívio social. O próximo capítulo abordará os aspectos relacionados à metodologia empregada no desenvolvimento das atividades, e a maneira como ocorreu a análise das fábulas produzidas pelos alunos.

CAPÍTULO 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS, INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Eleição da escola e da turma

Para a realização da pesquisa, fez-se necessário eleger uma escola e uma turma para aplicação das atividades que norteiam a pesquisa-ação¹ com o intuito de fazer uma intervenção no que tange à leitura e à produção de textos no ensino fundamental. Em atenção aos objetivos almejados na pesquisa em tela, escolheu-se a E.E Vespasiano Martins do município de Amambai-MS. A referida escola funciona nos três períodos, atendendo todas as etapas de ensino, do fundamental ao ensino médio. A sala eleita para realização da pesquisa foi uma turma do 9º (nono) ano do ensino fundamental. Os alunos atendidos são oriundos da zona urbana e também da zona rural do município. Vale ressaltar que todos os protocolos de autorização para realizar a pesquisa foram cumpridos junto à direção e coordenação escolar.

A escolha da turma do nono ano do ensino fundamental se deu em função de que nesta fase (que precede o ingresso no ensino médio), os alunos já demonstram capacidade de refletirem sobre a realidade que os cerca. A produção textual prevista na ementa do nono ano traz a proposta de leitura e produção que suscita uma visão crítica dos alunos. Diante dessa realidade, é relevante que a escola, como um todo, promova momentos de debate e reflexão sobre problema de ordem sócio-histórico e cultural presenciados pelos sujeitos de uma dada comunidade. Além da propositura que o livro didático traz sobre leitura e produção textual, um gênero em especial, a fábula, ocupa pauta nesta pesquisa-ação. Pelas características de estilo, composição e temática, entende-se a grande valia didático-pedagógica de se trabalhar com esse gênero narrativo também nesta etapa de ensino. Os estudos que tratam desse gênero mencionam que aspectos de compreensão e interpretação contribuem para que o aluno emita juízo de valor sobre temas polêmicos inerentes às ações humanas. Por meio de uma linguagem metafórica, o aluno produtor de texto pode ver, julgar e agir sobre situações comportamentais dos homens na sociedade.

3.2 A escolha do gênero fábula

¹ A categoria da pesquisa-ação adotada para este trabalho está sob a ótica de Thiollent (1986) que entende ser esse tipo de pesquisa um envolvimento do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Esse tema será elucidado no item 3.3 deste capítulo.

A escolha do gênero textual fábula justifica-se pelo fato de ser esse gênero fértil e pertinente para a realização da proposta de leitura e produção textual no nono ano do ensino fundamental. Outra razão de se trabalhar com a fábula é a possibilidade analógica que esse gênero traz, permitindo ao aluno o desenvolvimento da oralidade e da escrita. Esse gênero propicia uma reflexão social e discute o papel do indivíduo na sociedade e seu papel enquanto sujeito no exercício de sua cidadania. A fábula exerce uma função imprescindível de reflexão e isso se deve ao fato da atemporalidade temática que esse gênero textual apresenta. O uso de animais como representação de personagens do mundo real sócio-historicamente situados suscita uma leitura crítica sobre os papéis dos indivíduos na sociedade.

Uma das características da fábula é refletir sobre o comportamento humano. Nesse gênero textual, as ações humanas podem sofrer sanções em várias áreas de atuação dos sujeitos inseridos em uma dada comunidade. A denúncia e a sátira sobre esses comportamentos são de cunho universal e podem funcionar como uma mera coincidência das relações sociais. Um dos recursos linguístico-discursivos é a utilização da ironia e da metáfora. As metáforas fazem com que as atitudes humanas sejam eufemizadas. A esse respeito, Oliveira; Castro (2008) argumentam que:

A fábula tem uma função social semelhante à dos contos populares, mas difere deles na estrutura e na forma: a fábula é mais sutil, usa mais analogias e metáforas, embora a moral torne claro seu objetivo- que é o de ensinar a arte de viver bem (OLIVEIRA; CASTRO 2008, p. 69).

Conforme observam os autores, a sutileza das fábulas suaviza as críticas, o uso das “analogias” faz refletir, mas não deixa transparecer diretamente quem é o alguém que está sendo criticado. Dizer o que quer dizer sem dizer para quem quer dizer, essa é uma das características das fábulas. As fábulas indicam caminhos do bem viver. Se ela critica uma realidade, é notório que quem não está contaminado pelos comportamentos considerados fora da normalidade humana, pode se reencontrar em atitudes que condigam com uma boa maneira de vida. Tudo isso reforça a importância desse trabalho e de se desenvolver atividades com o gênero em pauta, a fim de despertar nos alunos o interesse por uma leitura que também promova humor e reflexão.

Justifica-se, ainda, este estudo pelas dificuldades dos discentes quando o professor solicita para eles escreverem diferentes gêneros textuais. Aí as dificuldades aparecem com mais evidência. É importante ressaltar que a escola sempre prioriza o

estudo referente à tipologia textual e ocorre na maioria das vezes, envolvendo, assim, um número bem reduzido de tipos textuais. Essa realidade de produção textual na escola pode promover uma limitação criativa aos educandos. É comum encontrar, na prática escolar, a proposição de trabalhos redacionais enfocando mais as tipologias: a narração, a descrição, a dissertação. Nota-se que o trabalho com esses tipos textuais delimita, de certa forma, a capacidade dos discentes em produzirem textos com maior autonomia e idiosincrasia. Vale destacar que há muitas outras possibilidades de se propor a prática escrita na escola. Diante disso, entende-se que os estudos bakhtinianos sobre os gêneros discursivos e os estudos de Marcuschi (2008); Schneuwly; Dolz (2004) dão sustentação teórica ao docente para o exercício de produção textual que considere os gêneros textuais e não só as tipologias.

Levando em conta os objetivos dessa pesquisa-ação, foram desenvolvidas diversas atividades de leitura, produção e reflexão do gênero fábula. No que se refere à fábula, convém destacar o conceito que Kupstas et al (1992, p. 09) menciona ao afirmar que: a fábula “ é um gênero que serve de alerta para os homens, possibilitando através da leitura uma reflexão mais consistente. Passa observações importantes sobre o comportamento humano”.

Considerando as características do gênero textual fábula e as inferências de análise oportunizadas ao produtor de texto, nota-se a viabilidade de se propor atividades que promovam uma discussão sobre diversos problemas sociais. Não é novidade que o Brasil passa por um momento de crise na sociedade em geral: são assaltos, roubos, agressões de toda natureza, mas especificamente na esfera política, esse sistema se encontra contaminado de tal forma que parece não ter jeito nem rumo.

São muitas as situações de desrespeito praticadas por pessoas que deveriam cuidar dos interesses da nação. Dentro desse contexto, estão as crianças, os jovens, os trabalhadores, mas os mais prejudicados são os de baixa renda que ficam sem perspectivas de vida, pois a sucessão de fatos negativos de sucateamento do estado tem deixado um número significativo de desempregados no Brasil. Os jovens e os estudantes brasileiros são as maiores vítimas de um sistema político que engana, desvia recursos e prejudica o país, deixando de fortalecer a educação, um dos bens culturais imprescindíveis para os jovens e toda a sociedade brasileira. Percebe-se que essa realidade é fértil para a produção reflexiva e análoga por parte do alunado colaborador nessa pesquisa.

A pesquisa está centrada nos gêneros textuais, com foco no gênero fábula e tem como referência a importância das diversas leituras, a sequência de atividades que

envolvem interpretação e compreensão textual e a produção de uma fábula, com o objetivo de constatar se os alunos usaram as características do gênero em estudo. Espera-se, neste contexto, que os alunos reconheçam a formação do texto, bem como o sentido que ele adquire ao longo do processo de invenção.

De acordo com a situação da ausência de leituras mais reflexivas, é importante, dentro do contexto escolar, desenvolver leituras que causam impactos positivos nos educandos, por meio da realização da interpretação e da compreensão de todos os gêneros que circulam dentro e fora da escola, em especial, o gênero em questão. As atividades de ensino com ênfase nas habilidades de leitura, nas estratégias e as significações de alguns conceitos linguísticos, certamente, favorecem à construção de mecanismos de compreensão de situações reais do dia a dia escolar e do meio social.

O conhecimento da realidade e as dificuldades existentes no âmbito escolar motivaram a iniciativa desta pesquisa-ação que envolve o gênero textual fábula. Entende-se que é preciso despertar nos alunos a reflexão sobre os acontecimentos. Nota-se que os discentes do nono ano do ensino fundamental têm condições de analisar o que está ocorrendo no momento atual do país.

O professor exerce um papel fundamental intra e extraescolar, por isso ele é responsável na escolha do gênero que mais oferece contribuição reflexiva aos alunos. Deve-se trabalhar de forma adequada a cada situação de interação, de forma que o gênero textual fábula possa contribuir significativamente em função dos implícitos que nela se destacam.

3.3 A pesquisa-ação como método de intervenção

A pesquisa-ação é uma investigação que proporciona atividades reflexivas, uma vez que envolve uma parceria em sua execução. Nela parte-se de ações planejadas envolvendo os agentes, de um lado o pesquisador e de outro o colaborador. Sobre a pesquisa-ação, é importante destacar que ela vem se diferenciando ao longo do tempo em função da forma de se fazer pesquisa evidenciando a participação coletiva. O trabalho de pesquisa por sua natureza é envolvente porque o pesquisador precisa estar atento na abordagem, a fim de buscar o melhor caminho, situando bem todos aqueles que serão protagonistas durante o processo de investigação.

Como embasamento teórico a respeito da pesquisa-ação, buscou-se luz em estudiosos como Thiollent (1986) e Morin (2004). A título de informação, destaca-se

inicialmente os conceitos sobre pesquisa-ação a partir de Thiollent (1986) que contribui afirmando ser:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Vê-se que os aspectos relevantes para se efetivar uma pesquisa-ação estão condicionados em pressupostos significativos que são a participação de outros envolvidos no processo. Se uma das partes ficar de fora sem compromisso, o risco de não concretização da pesquisa pode ocorrer. Nesse sentido, não se descarta a cooperação, haja vista que ela norteia as ações. Levando em consideração o contexto de sala de aula, a participação dos discentes é fundamental, pois pode influenciar os resultados. Vale ressaltar que, se os discentes não cooperarem com a participação compromissada, pode ocorrer fracasso durante a pesquisa.

Thiollent (1986, p. 150) argumenta que toda pesquisa-ação consiste na participação dos elementos envolvidos nos problemas pesquisados. Ainda, segundo o autor, outro aspecto fundamental na pesquisa é a definição do que pesquisar e definir as ações dos participantes. Nessa esteira de reflexão, Thiollent (1986, p. 19) destaca que “a resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento” implica o compromisso das partes envolvidas. O autor também cita que, às vezes, o alcance se limita a um ou duas situações. Importante destacar que a conscientização acaba influenciando em algum aspecto a vivência do alunado por proporcionar momentos reflexivos. Sobre a produção de conhecimento, a pesquisa-ação como mecanismo de interação cria novas habilidades que ajudam a enriquecer o conhecimento.

Outro estudioso sobre pesquisa-ação, Morin (2004, p. 21) argumenta que não vê nenhum problema relacionado à pesquisa nem aos trabalhadores da educação que fazem uso dessa metodologia. Para o autor, os profissionais da educação também devem estar atentos a diversos fatores que influenciam a vida das pessoas como saúde, educação, a política, os avanços tecnológicos e aspectos referentes às questões sociais de modo geral. Nessa perspectiva, Morin (2004, p. 22) assevera que “Os docentes buscam informações no intuito de melhor desempenhar seu papel no ensino, para que os alunos aprendam mais e cooperem entre si na aquisição de conhecimentos”. É sabido que o trabalho docente é caracterizado por múltiplas funções. E o conhecimento de fatores que vão além do

processo ensino e aprendizagem é um mecanismo que ele encontra para ajudar os alunos. Com uma visão ampla da situação, o docente poderá avaliar e contribuir em uma aprendizagem mais significativa e humana.

A sala de aula se torna um espaço de investigação e o docente, neste contexto, exerce uma função que vai além das atividades pertinentes ao cargo, ele se torna um agente colaborador e participativo. Sobre essa participação, Morin (2004) assevera que:

Nota-se que, para o docente que participa em pesquisas, há uma melhoria do ensino graças à tomada de consciência de uma prática eficaz, com sede de conhecimento sobre os métodos e abertura a uma mais vasta cultura geral, além da atualização das informações (MORIN, 2004, p. 22).

Percebe-se, a partir do exposto por Morin (2004), que o docente, ao participar da pesquisa-ação, não será mais o mesmo profissional, tendo em vista que, diante dos trabalhos desenvolvidos, adquire novas posturas frente ao trabalho. A metodologia empregada proporciona uma prática diferenciada, uma vez que o docente se apossa dos embasamentos teóricos e isso tem relevância na preparação e execução das atividades enquanto docente.

Nessa esteira de reflexão didático-pedagógica, Thiollent (1986, p. 20) acrescenta que em uma pesquisa há metas de práticas adjacentes. Há que se ter consciência dos possíveis obstáculos e a disposição para acompanhar um processo de intervenção junto aos participantes da pesquisa. Vale ressaltar que o interventor/professor deve ter clareza e domínio teórico-prático sobre as atividades propostas.

Importante destacar que a metodologia da pesquisa é um dos ingredientes que favorece o andamento dos trabalhos. De acordo com Thiollent (1986, p. 25), “além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada como modo de conduzir a pesquisa”. É evidente que a metodologia é a bússola que ajuda o desenrolar de todo processo, visto que o direcionamento está pautado a partir da metodologia. Qual melhor caminho a ser seguido pelo pesquisador e pelos colaboradores? Ou se no meio da pesquisa percebeu-se uma mudança de curso da pesquisa, é possível realizar as adaptações devidas observando a metodologia.

No que diz respeito à pesquisa-ação, Thiollent (1986, p. 25) argumenta que “a pesquisa-ação é um método que possui estratégia de pesquisa agregando vários métodos, ou técnicas de pesquisa social”. Esse episódio ocorre porque, ao fazer uso da pesquisa-ação, o pesquisador busca a participação coletiva e ele próprio participa de maneira

efetiva da busca de informações. Outro aspecto importante é que a pesquisa-ação é tida como mecanismo que concebe e organiza a pesquisa social. Observa-se que é pertinente às finalidades e se está de acordo com o que se exige das ações postuladas. A metodologia é fundamental, porque serve de meio para alcançar os objetivos esperados.

Ainda em se tratando de pesquisa-ação, envolvendo a educação, é preciso reconhecer o papel do educador. Para Morin (2004, p. 22), “O docente como ator participante se faz guia e observador; mostra sabedoria e liderança; anima, utiliza uma abordagem socrática ou interativa e torna-se sensível às necessidades dos alunos”. Em consonância com o autor, nota-se que o papel do professor é fulcral nas decisões. É ele que deve dialogar com os colaboradores como mediador. A esse respeito, cabe o argumento de Morin (2004, p. 22), em que reflete: “Ele adquire competência em teorização, na escrita ao narrar a experiência, e exercita o espírito crítico na utilização de pesquisas”.

Em síntese, pode-se inferir que essa visão do docente sobre a competência educativa coloca-o como elemento fundamental na concretização da pesquisa-ação. E como está comprometido com o ato de educar, as ações dele se pautam no ensino, a ação de educar é a força movediça da pesquisa-ação.

3.3.1 Processo de intervenção

Levando em conta o baixo índice de leitura e a pouca produção de texto geralmente no ensino fundamental, fez-se pertinente a elaboração de uma proposta de intervenção junto aos alunos do nono ano de uma escola da rede estadual de Mato Grosso do Sul, no município de Amambai. Sendo professor pesquisador e membro do corpo docente desse estabelecimento de ensino, foi feito contato com a gestão administrativa e pedagógica que prontamente aprovaram a iniciativa. Os trabalhos desenvolvidos seguem os pressupostos balizados na pesquisa-ação, à luz dos estudos de Thiollent (1986) e Morin (2004).

Todas as etapas desenvolvidas no presente trabalho tiveram como proposta de intervenção a leitura e a produção de texto do gênero textual fábula. Foram vários momentos de leitura reflexiva para conhecimento teórico sobre o gênero, e houve leituras de diversas fábulas como mecanismo de reconhecimento da estrutura e das principais características fabulísticas.

Após as diversas leituras, obedecendo a uma sequência de atividades sobre o gênero fábula, os alunos colaboradores produziram suas próprias fábulas, uma vez que

todo processo de preparação e execução das atividades estavam direcionados para as produções textuais.

3.3.2 Construção da sequência de atividades

Para atingir os objetivos almejados nesse trabalho, propôs-se a elaboração de uma série de atividades que envolvessem a leitura e a consequente produção textual focada no gênero fábula. Inicialmente foi proposta a leitura de textos com informações sobre conceitos gerais do gênero em questão. Os primeiros trabalhos dos discentes foram relacionados à leitura e à produção textual. As atividades foram diluídas em quatro momentos expostos adiante.

3.3.2.1 Primeiro momento: aula 01

No primeiro momento de atividades, os alunos responderam um questionário (elaborado pelo pesquisador) com o objetivo de saber quais as noções sobre leitura e produção textual dos alunos envolvidos. Esse procedimento serviu de diagnóstico sobre a realidade dos alunos acerca do tema em questão apenas para o conhecimento do professor mediador da pesquisa-ação.

As questões apresentadas constam um total de oito. Sendo que quatro se referem à leitura e quatro à produção textual. Sobre as primeiras, os alunos falaram da importância da leitura, se haviam lido livros nos últimos dias, citaram as referências lidas, falaram das dificuldades quando havia e falaram também dos sucessos que tiveram com o ato de ler.

No que se refere à produção textual, a primeira questão respondida pelos alunos estava relacionada a uma pergunta para saber se eles conheciam o gênero textual em estudo. Na segunda questão, foi feita uma abordagem para saber quais os tipos textuais trabalhados pela escola como: dissertação, descrição, narração, injunção. Na mesma questão, foi feita a indagação para saber se a escola tem trabalhado outros gêneros como: tirinha, notícia, conto, crônica, poesia e carta.

3.3.2.2 segundo momento: aula 02

No segundo momento, a atividade que os alunos realizaram teve como objetivos

oferecer aos alunos textos conceituais que abordassem o gênero textual fábula destacando o conteúdo e a forma. Além disso, proporcionar aos discentes momentos de leitura reflexiva sobre o gênero textual fábula, identificando os elementos estruturais desse gênero narrativo. Os textos trabalhados são apresentados a seguir.

SOBRE FÁBULAS

No livro, *Sete faces da fábula*, de Kupstas et al (1992) há uma pergunta: “Que são fábulas? São histórias curtas, em prosa ou em verso, apresentando, geralmente, animais falantes que tomam atitudes humanas” (KUPSTAS et al, 1992, p. 09). No texto, está destacada uma característica imprescindível que diferencia o gênero textual fábula de outros textos: a participação ativa de animais no envolvimento da trama.

Outra característica da fábula está relacionada à moral. “A moralidade das fábulas serve de alerta para os homens, passa observações importantes sobre o comportamento humano” (KUPSTAS et al, 1992, p. 09). A moral possibilita ao leitor uma visão crítica da realidade, pelo menos, é isso que se espera de um leitor perspicaz/crítico. E como parte da observação comportamental do homem, a moral direciona para a reflexão de atitudes consideradas fora dos padrões comportamentais humanos, “Por isso mesmo permitem que reflitamos sobre nossos próprios comportamentos” (KUPSTAS et al, 1992, p. 09).

As fábulas sempre foram relevantes. Nunca houve decadência em relação a elas. “Na Idade Média, como ocorreu com os contos, as pessoas contavam uma para as outras e assim iam passando de boca em boca dessa forma se caracterizava a oralidade, maneira pela qual a literatura era compartilhada entre os povos” (KUPSTAS et al, 1992, p. 10)

Conforme Aranega; Zironi (2014), muitos escritores dedicaram-se às fábulas, mas alguns ficaram mundialmente famosos: o grego Esopo (século VI a. C.), o latino Fedro (15 a.C– 50 d. C) e o Francês Jean de La Fontaine (1621 – 1695). No Brasil, Monteiro Lobato (século XX) e Millôr Fernandes, escritor carioca, que reescreveu as antigas fábulas de Esopo e La Fontaine, de forma satírica e engraçada. A fábula se divide em duas partes: a primeira parte, a história, o que aconteceu. A segunda parte, a moral, o significado da história.

EXPLORANDO CONCEITOS DO GÊNERO FÁBULA

- 1) Quais são os principais fabulistas destacados no texto?
- 2) O que diferencia o gênero textual fábula de outros textos?

- 3) Quais são os personagens de uma fábula? Que características há nestes personagens?
- 4) O que o gênero fábula proporciona ao leitor?
- 5) O gênero fábula conduz a algum tipo de desafio? Qual ou Quais?
- 6) Por que a leitura do gênero fábula deve ser acessível a todos?

Obs.: Questões elaboradas pelo pesquisador.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

Pestana (2013, p. 938) descreve que o texto narrativo é um tipo textual onde conta um acontecimento, um fato. Esse fato pode ser real ou fictício. Envolve personagens destacando onde ocorreu por meio do tempo e do espaço.

“Toda narração tem um enredo, uma intriga, o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve podendo ser linear ou não” (PESTANA, p. 938, 2013). Algumas características segundo o autor: o tempo verbal predominante é o pretérito (passado), quem conta (narrador), o que ocorreu (enredo), com quem ocorreu (personagens), como ocorreu (conflito/clímax) quando ocorreu (tempo), onde ocorreu (espaço).

Ainda, conforme o autor, o foco narrativo pode ser de 1ª pessoa, nesse caso participa da história, ou de 3ª pessoa, nesse caso não participa, apenas observa e conta o que aconteceu. Normalmente, o texto aparece em prosa, mas pode também aparecer em verso.

O casal

Numa noite brilhante do mês de fevereiro, Fernando e Juliana caminhavam pela rua que conduzia à praça, ao sabor das estrelas. Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história. Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! Eita! Bendita autoestima (PESTANA, p. 938, 2013).

- 1) Quais são os personagens da narrativa?.....
- 2) Quando aconteceram os fatos narrados?.....
- 3) Onde aconteceram os fatos?.....
- 4) Há um enredo no texto?.....
- 5) O narrador participa da narrativa ou apenas observa?.....
- 6) A maioria dos verbos foram empregados em que tempo?.....

7) Qual foi o final/clímax?.....

Obs.: questões elaboradas pelo pesquisador.

O segundo momento referente ao desenvolvimento das atividades foi com o intuito de oferecer aos alunos textos conceituais que abordam o gênero textual fábula destacando o conteúdo e a forma. Na ocasião, iniciou-se com uma leitura crítica e reflexiva sobre o gênero. Entende-se que essa preparação é de fundamental importância para reconhecimento das funções que as diversas fábulas podem exercer no contexto social pela interferência crítica que permite ao leitor. No texto sobre fábulas, os discentes tiveram a oportunidade de conhecer os conceitos do gênero e os principais fabulistas como: Esopo, Jean de La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes.

Os discentes, por meio da leitura, tiveram a oportunidade de discutir com o professor e os colegas da sala sobre os principais fabulistas. Refletiram também quais as diferenças marcantes que há em relação ao gênero em discussão e os demais textos lidos por eles. Os alunos perceberam durante a leitura e discussão conduzidas pelo professor-mediador, que o diferencial está na reflexão, pensar nos ensinamentos que as fábulas nos proporcionam. Além disso, perceber o conteúdo das fábulas dentro de um contexto histórico, bem como o momento atual do país.

Discutiu-se sobre as personagens das fábulas que são os animais que representam os homens nos textos fabulísticos. Quais as qualidades desses personagens e os porquês de serem diferentes nas narrativas. Notou-se que o gênero fábula proporciona ao leitor momentos reflexivos. Mesmo antes de maiores aprofundamentos, os alunos entenderam os objetivos do gênero em pauta. As características dos personagens são qualidades humanas como: esperteza, ganância, solidariedade, desprezo, companheirismo, poder, negligência, preocupação com o futuro ou não.

Questionados se as fábulas conduzem a algum tipo de desafio, não tiveram dificuldade em responder. Reforçaram a ideia de que o desafio maior é ler o texto na íntegra, bem como buscar nas entrelinhas as nuances da moral. Foi perceptível que os alunos entenderam que, a partir da moral, há um ensinamento, uma reflexão. Isso posto, nota-se a importância do acesso ao gênero fábula, visto que serve para transmitir conhecimento e, por meio da moral, possibilitar momentos de reflexão sobre a vida em todos os aspectos.

Após conhecerem os aspectos conceituais sobre o gênero fábula, os discentes reconheceram a estrutura da narrativa e os personagens envolvidos na trama das fábulas.

Discutiram sobre a linearidade dos fatos e o tempo ocorrido. Falaram sobre onde esses fatos aconteceram, o lugar dos acontecimentos, o narrador da trama que narra ou apenas observa. Como o enredo é construído para chamar a atenção do leitor. O emprego dos tempos verbais característicos das narrativas, qual ou quais os tempos predominantes? Qual foi o final? Como o desfecho é construído pelo narrador? Toda a trama encaminha-se para o clímax, momento culminante da narrativa? E em relação ao texto em estudo como ocorre o final, como finaliza uma fábula. Todas essas questões foram enfatizadas com o objetivo de situar de maneira clara a participação dos discentes.

3.3.2.3 Terceiro momento: aula 03

O terceiro momento se ocupou em apresentar as fábulas, *A cigarra e as formigas*, na versão de Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato destacando as diferenças que há entre elas quanto à abordagem temática e quanto à reflexão trazida pela moral de cada fábula. Foram feitas leituras, debates e oralização dando voz aos alunos. Tem-se, a seguir, as fábulas mencionadas com as respectivas atividades.

A cigarra e a formiga

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra, faminta, lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por quê, no verão, não reservaste também o teu alimento?”. A cigarra respondeu: “Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente”. E as formigas, rindo, disseram: “Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno”.

Moral: A fábula mostra que não se deve negligenciar em nenhum trabalho, para evitar tristezas e perigos.

(Esopo: *Fábulas Completas*. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.)

TEXTO 2

A cigarra e a formiga

Era uma vez uma jovem cigarra que não fazia outra coisa na vida a não ser cantar.

Entoava as mais lindas canções perto de um formigueiro.

Enquanto isso, as formigas trabalhavam sem parar.

Colhiam pedaços de folhas para forrar o berçário das formigas recém-nascidas. Transportavam grãos para que no inverno tivessem o que comer. Enfim, viviam atarefadas, entrando e saindo do formigueiro.

O inverno chegou. O frio era tanto que a cigarra quase ficou congelada. Então, bateu na porta do formigueiro à procura de um lugar quentinho para se abrigar.

- Olá! Será que eu posso entrar? Estou com frio e com fome! A guardiã do formigueiro não se conteve:

- O quê? Enquanto nós trabalhávamos duro, você só pensava em se divertir. Pois agora: boa diversão! – disse.

E bateu a porta na cara da cigarra, que foi obrigada a cantar em outra freguesia.

Moral: Os preguiçosos nada tem a colher.

(LA FONTAINE, Jean de. Fábulas de La Fontaine. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965)

TEXTO 3

A cigarra e a formiga

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu: tique, tique, tique. Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu... A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo que não construiu a sua casa? A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... – exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos

proporcionou. Aquele chiado nos distraía e tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de Sol.

Moral: Quem ajuda alguém um dia será ajudado.

(Monteiro Lobato. Fábulas. São Paulo: Brasiliense, 1962.

As fábulas que você leu são versões diferentes, escritas por autores também diferentes em épocas distintas uma da outra. São contextos históricos que representam momentos sociais e culturais peculiares.

- 1) Você percebeu por meio da leitura diferença relacionada às fábulas? Tem preferência por alguma? Por quê?
- 2) A formiga teve preocupação com o futuro. Identifique trechos que justificam essa preocupação.
- 3) Escreva as características das personagens das fábulas: formiga e cigarra.
- 4) Retire das fábulas verbos do pretérito perfeito ou imperfeito do modo indicativo e comente os possíveis efeitos de sentidos que podem produzir na narração da fábula.
- 5) Qual o efeito de sentido que as fábulas podem produzir no leitor quanto à veracidade dos fatos?
- 6) A cigarra pode ser considerada uma grande artista. Em algumas ocasiões ela foi menosprezada? Você concorda com esse tipo de ação? Por quê?
- 7) As ações das personagens das fábulas podem ser relacionadas com as ações do homem? Por quê?.....
- 8) Existe analogia/comparação sobre o comportamento das cigarras em relação ao comportamento humano?

Comente a moral das fábulas.

a) **Moral** da fábula de Esopo:.....

b) **Moral** da fábula de La Fontaine:.....

c) **Moral** da fábula de Lobato:.....

- 10) Que outra moral você daria a cada uma das fábulas lidas e por quê?

Obs.: questões elaboradas pelo pesquisador.

O terceiro momento das atividades foi relacionado à leitura de fábulas com o mesmo título, porém, sendo apresentada sob a visão e construção de diferentes fabulistas. As versões utilizadas foram as fábulas: *A cigarra e as formigas*, de Esopo, *A cigarra e as*

formigas, na versão de Jean de La Fontaine e *A cigarra e a formiga*, na versão de Monteiro Lobato. Durante o processo de leitura, os alunos observaram as diferenças que há entre as fábulas quanto à abordagem temática; localizaram informações implícitas e explícitas relacionadas ao ensinamento humano. Realizaram leitura silenciosa e coletiva para interpretação e compreensão das fábulas, todas mediadas pelo professor.

As atividades de leitura, de interpretação e compreensão envolveram questionamentos a fim de verificar se os alunos perceberam as diferenças entre as três fábulas e se eles tinham preferência por algumas e por que teriam. A resposta da segunda questão foi pessoal e eles responderam que tinham preferência pela fábula de Monteiro Lobato, porque houve ajuda e consideração com o próximo. A segunda questão quis saber se eles tinham preocupação com os projetos de vida, e foi solicitado que apontassem trechos que justificassem a preocupação dos personagens com o futuro. A maioria disse que sim, afirmando que “as formigas trabalhavam sem parar”, “transportavam grãos para que no inverno tivessem o que comer”.

Em seguida, escreveram as características das personagens das fábulas; observaram como as formigas e as cigarras se comportaram nas três narrativas; como são as formigas: ligeiras, preocupadas com o futuro, trabalhadoras; cigarras: ótimas cantoras, despreocupadas com o futuro, musicais, alegres; destacaram dos textos os verbos característicos da narrativa que são os pretéritos perfeitos e imperfeitos; as formas verbais no pretérito perfeito: pediu, chegou indicando ações iniciadas e terminadas no passado. Já as formas verbais no pretérito imperfeito: estavam, fazia, era, tinha, indicando ações que iniciaram no passado, mas não impedem de serem retomadas. Esse uso de formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo indica que a ação não foi concluída. Esse aspecto verbal tipifica a narrativa fabulística como sendo de tema atemporal.

No decorrer das atividades, houve discussões sobre os efeitos de sentidos que as fábulas produzem no leitor quanto à veracidade dos fatos. Discutiu-se que o leitor crítico faz uma reflexão sobre o envolvimento dos personagens que são animais com a realidade da vida cotidiana das pessoas. A moral, por exemplo, retrata uma realidade, faz pensar, pode mudar um comportamento, alterar as ações, porque faz refletir e é ensinamento. Os discentes foram levados a pensar sobre o comportamento da cigarra, considerada uma artista. Mesmo divertindo as formigas, em uma das fábulas, ela foi menosprezada pelas formigas. Os alunos foram questionados acerca desse tipo de ação, se eles concordavam e por quê? Eles responderam que foi menosprezada em alguns momentos. Não concordaram com a atitude das formigas, porque é preciso ter um olhar humano. A cigarra

canta, é uma maneira diferente de vida e que deve ser respeitada.

Houve reflexão sobre a atitude dos personagens. Foram questionados se há possibilidade de ser relacionada à postura dos personagens com ações do homem e por quê? Responderam que as personagens das fábulas representam a humanidade com seus defeitos e virtudes. Os animais vivem nas fábulas a vida e o pensamento humano.

Na questão se há analogia do comportamento das cigarras em relação ao comportamento humano, os discentes responderam que sim. As cigarras cantaram durante todo o verão e na época do inverno ficaram sem comida. Tiveram que sair à procura de alimento na casa das formigas. Elas foram recebidas, mas também foram hostilizadas. Isso significa que é preciso pensar no futuro. Não se pode esperar somente a ajuda de alguém, cada um precisa agir e buscar se consolidar enquanto sujeito dentro do contexto social. Para finalizar o terceiro momento de atividades, os discentes comentaram a moral de cada fábula e tiveram a oportunidade de criarem outra moral, consoante a aprendizagem, e o que entenderam do que se trata o gênero textual fábula. A seguir a sequência de atividades referentes ao quarto momento (aula 04).

3.3.2.4. Quarto momento: aula 04

No quarto momento, as atividades realizadas objetivaram realizar leitura, exploração textual tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da forma e preparar o aluno-colaborador a produzir a própria fábula. Os textos motivadores para essa atividade foram *Urubus e Sabiás*, de Rubem Alves, e, *Leão e o rato*, de Millôr Fernandes.

URUBUS E SABIÁS

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... (2) Os urubus, aves por natureza becadadas, **mas** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo** contra a natureza eles haveriam de se tornar grandes cantores. (3) E **para** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, **para** ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. (4) **Foi assim que** eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos

chamam de Vossa Excelência. (5) **Tudo** ia muito bem **até que** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. (6) A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas para os sabiás... (7) **Os velhos urubus** entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito. (8)— Onde estão os documentos dos **seus** concursos? (9) **E** as pobres aves se olharam perplexas, **porque** nunca haviam imaginado que tais coisas houvessem. (10) Não haviam passado por escolas de canto, **porque** o canto nascera com elas. (11) E nunca apresentaram um diploma **para** provar que sabiam cantar, **mas** cantavam simplesmente... “(12)— Não, **assim** não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.(13) E os **urubus**, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás... (14)

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se houve canto de sabiá."

(ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortez Editora, 1984. P. 61-62, In INFANTE, Ulisses.)

ROTEIRO DE LEITURA

Leia o texto *Os urubus e Sabiás* e responda as questões abaixo:

- 1) Analisando o contexto atual do Brasil, quem são os Urubus? Quem são os sabiás?
- 2) “Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem”. Esse trecho do texto pode ser atribuído a alguém do Brasil? Por quê?
- 3) Atualmente no Brasil, quem está sendo expulso? De que forma?
- 4) Comente a moral da fábula, *Os urubus e Sabiás*, “Em terra de urubus diplomados, não se ouve canto de sabiá”.
- 5) Na relação dos personagens representados no texto, podemos dizer que há abuso de poder. Justifique sua resposta.

Obs.: questões elaboradas pelo pesquisador

Leão e o rato

Depois que o Leão desistiu de comer o rato porque o rato estava com espinho no pé (ou por desprezo, mas dá no mesmo), e, posteriormente, o rato, tendo encontrado o Leão envolvido numa rede de caça, roeu a rede e salvou o Leão (por gratidão ou mineirice, já que tinha que continuar a viver na mesma floresta); os dois, rato e Leão, passaram a andar sempre juntos, para estranheza dos outros habitantes da floresta (e

das fábulas). E, como os tempos são tão duros nas florestas quanto nas cidades, e como a poluição já devastou até mesmo as mais virgens das matas, eis que os dois se encontraram, em certo momento, sem ter comido durante vários dias. Disse o Leão:

– Nem um boi. Nem ao menos uma paca. Nem sequer uma lebre. Nem mesmo uma borboleta, como *hors-d'oeuvres* para a minha fome.

Caiu estatelado no chão, irado ao mais fundo de sua alma leonina. E, do chão, onde estava, lançou um olhar ao rato que o fez estremecer até a medula. “A amizade resistiria à fome?” – pensou ele. E, sem ousar responder à própria pergunta, esgueirou-se pé ante pé e sumiu da frente do amigo (?) faminto.

Sumiu durante muito tempo. Quando voltou, o Leão passeava em círculos, deitando fogo pelas narinas, com ódio da humanidade. Mas o rato vinha com algo capaz de aplacar a fome do ditador das selvas: um enorme pedaço de queijo Gorgonzola que ninguém jamais poderá explicar onde conseguiu (fábulas!). O Leão, ao ver o queijo, embora não fosse animal queijífero, lambeu os beiços e exclamou:

– Maravilhoso, amigo, maravilhoso! Você é uma das sete maravilhas! Comamos, comamos! Mas, antes, vamos repartir o queijo com equanimidade. E como tenho receio de não resistir à minha natural prepotência, e sendo ao mesmo tempo um democrata nato e confirmado, deixo a você a tarefa ingrata de controlar o queijo com seus próprios e famélicos instintos. Vamos, divida você, meu irmão! A parte do rato para o rato; para O Leão, a parte do Leão.

A expressão ainda não existia naquela época, mas o rato percebeu que ela passaria a ter uma validade que os tempos não mais apagariam. E dividiu o queijo como o Leão queria: uma parte do rato, outra parte do Leão. Isto é: deu o queijo todo ao Leão e ficou apenas com os buracos. O Leão segurou com as patas o queijo todo e abocanhou um pedaço enorme, não sem antes, elogiar o rato pelo seu alto critério:

– Muito bem, meu amigo. Isso é que se chama partilha. Isso é que se chama justiça. Quando eu voltar ao poder, entregarei sempre a você a partilha dos meus bens que me couberem no litígio com os súditos. Você é um verdadeiro e egrégio meritíssimo! Não vai se arrepender!

E o ratinho, morto de fome, riu o riso menos amarelo que podia, e ainda lambeu o ar para o Leão pensar que lambia os buracos do queijo, e enquanto lambia o ar, gritava, no mais forte que podiam seus fracos pulmões:

– Longa vida ao Rei Leão! Longa vida ao Rei Leão!

MORAL: *Os ratos são iguaizinhos aos homens.*

(Millôr Fernandes. Novas fábulas fabulosas. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985. P. 65—
7. <http://contobrasileiro.com.br/o-leao-e-o-rato-fabula-de-millor-fernandes>)

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Qual a analogia/comparação que a fábula de Millôr Fernandes faz entre o Leão e o rato e a sociedade atual? Por que o rato resolveu servir o Leão?
- 2) A atitude do Leão foi compatível com as ações do rato?
- 3) “Os ratos são iguaizinhos os homens”. Qual é a crítica que a moral da fábula de Millôr Fernandes nos faz?

Obs.: questões elaboradas pelo pesquisador.

Momento da produção

Depois de ter lido as fábulas, “Os urubus e sabiás,” de Rubem Alves e “O Leão e o rato,” de Millôr Fernandes, agora chegou a sua vez de escrever. Analise a estrutura, escolha os personagens, lembre-se de que os personagens devem ser animais representando o comportamento humano. Não esqueça da moral da fábula. Pense em uma história que faz uma reflexão sobre o momento político atual o qual o nosso país está passando. Use caneta azul ou preta. Linhas: mínimo de 10.

FOLHA DE REDAÇÃO

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DAS FÁBULAS DOS ALUNOS (Critérios elaborados pelo pesquisador em consonância com os objetivos da pesquisa)

1 Critérios de avaliação da fábula: quanto ao gênero textual	Pertinente	Não pertinente
Tem uma moral		

Narrativa de humor		
Uso de animais como representação do homem		
Apresenta uma reflexão análoga à realidade		
2 Quanto à estrutura e conteúdo	Pertinente	Não pertinente
Apresenta começo, meio e fim		
Apresenta criatividade na elaboração do enredo		
Apresenta clareza e domínio da linguagem		
Apresenta domínio no emprego dos tempos verbais pertinentes à narrativa fabulística.		

O quarto momento foi de reflexão e estudo do gênero fábula. Foram apresentadas duas fábulas, uma de Rubem Alves, *Urubus e Sabiás* e outra de Millôr Fernandes, *o Leão e o rato*. Com essas duas fábulas, os alunos localizaram informações explícitas e implícitas das fábulas, aprofundaram os sentidos globais e refletiram ainda mais sobre os aspectos da moral.

Nessa etapa, houve discussões a respeito do contexto atual do Brasil, tendo em vista que esse é o foco de nosso trabalho. Trazer para dentro da sala de aula novos debates, mas que focassem políticos, bem como o comportamento de nossos governantes e da classe política de modo geral. Como são alunos do nono ano, próximo da transição para o ensino médio e muitos deles já participam da democracia por meio do voto e outros já estão se aproximando da idade para votarem, é importante que a escola proporcione momentos de leitura que levem a esses pensamentos.

A primeira questão levou os alunos a pensarem qual a analogia da fábula “Urubus e sabiás”, de Rubem Alves, em relação ao contexto político atual do Brasil. Os alunos definiram quem são os urubus e quem são os sabiás. Diante dos diversos debates, os discentes chegaram a diversas conclusões e ideias. Os urubus diplomados são alguns deputados ou senadores que receberam o voto para trabalhar pela nação e estão prejudicando o país com atitudes fora de um ideal que dignifique o trabalho do parlamentar.

Os sabiás são os trabalhadores de todo país. Muitos ganham um salário que não dá para sustentar a família. Os sabiás são os empresários que pagam os impostos todos os

meses. Os sabiás são os estudantes desse país que são expulsos das universidades por falta de condições para cursá-la, uma vez que os custos de aluguéis, alimentação e materiais são caros. Os sabiás são todos os brasileiros que sonham com uma vida melhor. Votam de dois em dois anos e são enganados por políticos aventureiros que não têm compromisso com o povo, mas com o bolso apenas.

Na segunda questão, os alunos discorreram sobre “cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem”. E se pode ser atribuído para algum segmento no Brasil. Responderam que sim, Senado Federal, o Congresso Nacional e Governo. Percebe-se que os políticos foram diplomados como deputados, senadores, governo e fazem o que entendem. Ninguém pode interferir porque tiveram o aval popular. Ficou evidente nesta questão e nas demais que os alunos estão atentos aos acontecimentos políticos. Sabem muito bem o que está acontecendo, porque os meios de comunicação estão mais acessíveis atualmente.

A terceira questão, transportando para o contexto atual, quis saber dos discentes quais as pessoas que estão sendo expulsas e a forma pela qual estão sendo prejudicadas. As informações contidas nas respostas permitem dizer que atualmente quem está sendo expulso, é todo brasileiro que trabalha honestamente, luta por uma vida melhor e é enganado por políticos desonestos. Muitos são expulsos das universidades, do campo, das fábricas, do comércio, das indústrias, da saúde, da educação de qualidade e das casas. A corrupção e os desvios bilionários prejudicam todos os setores da sociedade. Quantas pessoas morreram por falta de atendimento médico e morrem todos os dias? Isso é uma forma de expulsão indireta que ocorre nos dias atuais.

Os discentes comentaram a moral da fábula, Urubus e sabiás, que é: “Em terra de urubus diplomados não se houve canto de sabiá”. Enquanto vários políticos desonestos não forem punidos, o povo não terá voz. Na visão dos discentes, nota-se que eles estão conscientes dos problemas de ordem social e política ocorridos no país. Em seus argumentos, destacaram que o trabalhador tem de ficar calado, os políticos estão aprovando projetos que podem prejudicar a sociedade. O que importa se o trabalhador vive com poucas condições de uma vida digna? Vale muito pouco, pois o que manda para muitos políticos são as medidas econômicas para poucos no Brasil. O pobre continua sempre em precárias condições e até com dificuldade de permanecer na escola para estudar.

A última questão destacou no enunciado, se houve abuso de poder e justificaram a pergunta. Responderam que sim e com muito abuso, acharam uma forma de expulsar

os sabiás. Isso ocorre com as pessoas de uma outra forma. Muitos políticos pedem o voto depois somem, não trabalham para a sociedade e voltam a cada quatro anos pedindo voto novamente.

No que se refere à segunda fábula de Millôr Fernandes, *O Leão e o rato*, as discussões continuaram sobre a relação entre o conteúdo das fábulas e o comportamento das pessoas. A primeira questão quis saber dos discentes, qual a comparação que podemos perceber entre a fábula de Millôr Fernandes e a sociedade atual. Os alunos destacaram que a comparação está relacionada a certos poderes que alguns exercem na sociedade. Os indivíduos de maior poder são aqueles que têm prestígio na sociedade. Analisaram que na época de campanhas políticas, muitos cidadãos brigam por um candidato e que muitas vezes se elege e nunca mais aparece. Mas mesmo assim, há aqueles que se curvam diante do político, esquecendo-se do que ele fez no passado, desatenção às pessoas. No texto, o Leão é o “cara”. O rato é o coitado. O rei é sempre aquele que tem poderes para permanecer acima dos outros, o rato são as pessoas menos favorecidas que acham que devem alguma coisa para o leão, os poderosos.

A segunda pergunta referente à fábula foi a seguinte: por que o rato resolveu servir o Leão? O rato resolveu servir o Leão, porque é considerado o rei dos animais. Por ser um dos maiores bichos e, além disso, possuir brabeza incontestável, ele é temido. O rato, um dos menores animais da floresta, não teve muita opção. Achou por bem se aliar ao inimigo, mesmo sabendo que estava correndo perigo. O respeito deve acontecer entre todas as pessoas independentemente de ser crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, com elevados cargos ou não, autoridades. Deve-se respeitar todos igualmente.

A terceira questão quis saber dos discentes se a atitude do Leão foi compatível com as ações do rato. Os discentes responderam que o Leão não foi gentil como o rato. O leão foi prepotente, desonesto, aproveitou-se da fraqueza do outro, por ser pequeno e não ter voz entre a bicharada, foi menosprezado. Não houve reciprocidade nas ações. A última questão quis saber dos alunos qual a crítica que a moral, “os ratos são iguaizinhos os homens” da fábula de Millôr Fernandes faz ao leitor. Os alunos responderam que às vezes as pessoas dão valor àqueles que pisam nos outros. Pessoas que não estão nem aí para os demais. Esse fato pode acontecer, se o indivíduo tem um cargo, tem bens materiais elevados. O que tem de existir é respeito com todas as pessoas, porém não se deve ajoelhar-se, porque o sujeito tem um cargo maior, ou por achar que por ser um senador, deputado, vereador ou prefeito, seja mais que os outros. O respeito deve acontecer com todas as pessoas. É preciso ter consciência de nossas atitudes. A moral mostra que não há

muita diferença entre o homem e os personagens da fábula.

Para finalizar essa etapa de reconhecimento das fábulas e suas características, os alunos fizeram uma produção relacionada ao gênero fábula levando em conta as orientações propostas pelo professor mediador e atentando aos comandos norteadores da atividade.

Depois de terem lido as fábulas “Os Urubus e sabiás” de Rubem Alves e “O Leão e o rato” de Millôr Fernandes, eles produziram uma fábula com o seguinte comando: Analise a estrutura, escolha os personagens, lembre-se de que as personagens devem ser animais representando o comportamento humano. Não esqueça da moral da fábula. Pense em uma história que faz uma reflexão sobre o momento político atual o qual o país está passando. Use caneta azul ou preta. Linhas: mínimo de 10.

Após os alunos terem realizado as primeiras produções (primeira versão), o professor mediador as recolheu e fez as correções observando os critérios avaliativos adotados nessa pesquisa. Feito isso, fez-se a devolução das produções aos alunos para que fizessem a reescrita das respectivas produções, fazendo a correção individualmente e em dupla.

3.3.2.5 Análise das produções dos alunos

A análise das produções dos alunos segue os critérios de avaliação das fábulas com questões referentes às características do gênero em estudo quais sejam: se os textos estudados apresentam uma moral, se a narrativa é de humor, se houve o uso de animais como representação do homem e se apresenta uma reflexão análoga à realidade. Sobre os aspectos estruturais de conteúdo, foram avaliados os seguintes itens: se apresentam começo, meio e fim, se houve criatividade na elaboração do enredo, se há clareza e domínio da linguagem e se existe domínio no emprego dos tempos verbais pertinentes à narrativa fabulística.

O *corpus* é constituído de 24 (vinte e quatro) textos produzidos pelos alunos do nono ano do ensino fundamental da E.E. Vespasiano Martins do município de Amambai-MS, no ano letivo de 2017. Os textos são do gênero textual narrativo fábula. Quanto à análise, esta foi feita em dois momentos: a) o primeiro de forma geral; e, b) com a eleição de dois textos para ilustração de análise em observância aos critérios de avaliação acima mencionados.

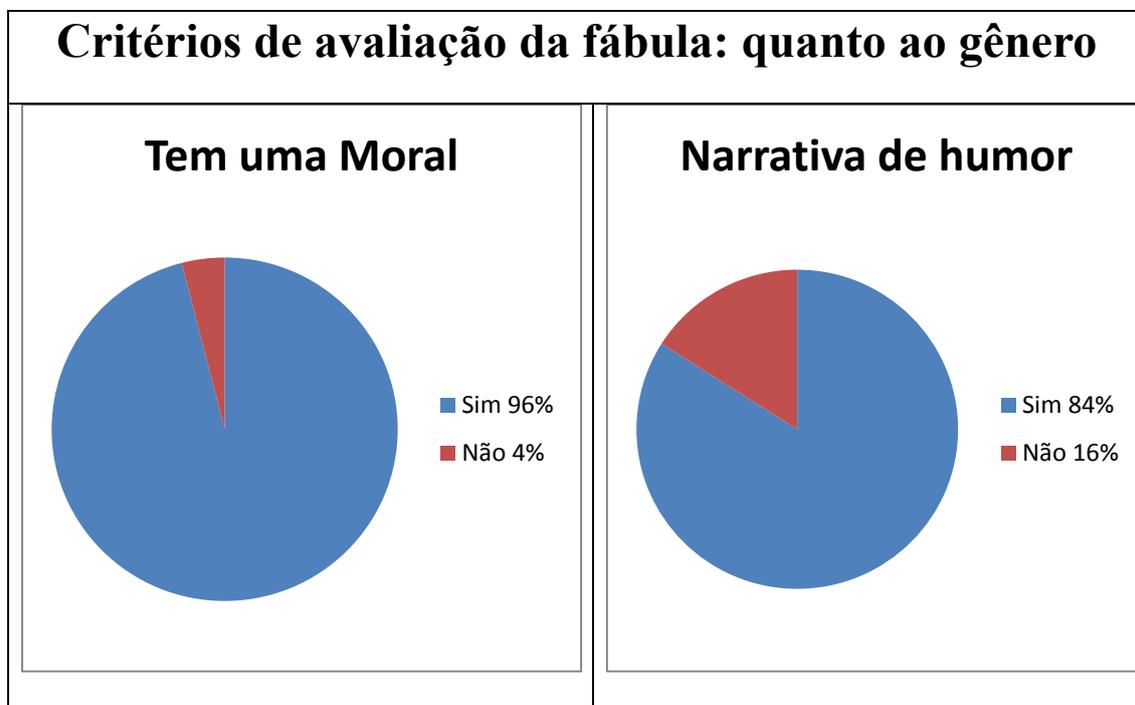
Duas fábulas do *corpus* foram analisadas como amostragem de proposta de leitura

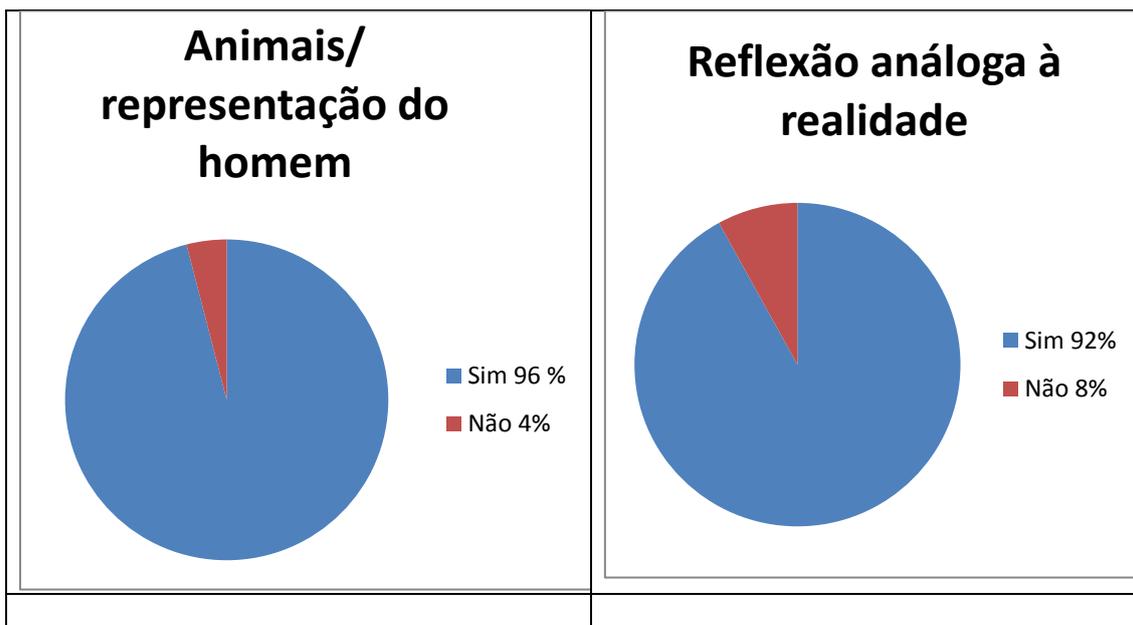
e produção textual no ensino fundamental. As demais produções constituirão um material pedagógico para subsidiar os professores que se interessarem em trabalhar com o gênero textual fábula. As fábulas produzidas pelos alunos ficarão publicadas no BLOG da referida escola e no anexo I, dessa forma, os professores terão livre acesso.

3.3.2.5.1 Análise global *corpus*.

Apresentamos, a seguir, dois gráficos referentes aos critérios avaliativos aplicados aos 24 (vinte e quatro) textos que fazem parte do *corpus*:

Gráfico I- Critérios de avaliação da fábula quanto ao gênero textual





Fonte: Elaborado pelo pesquisador

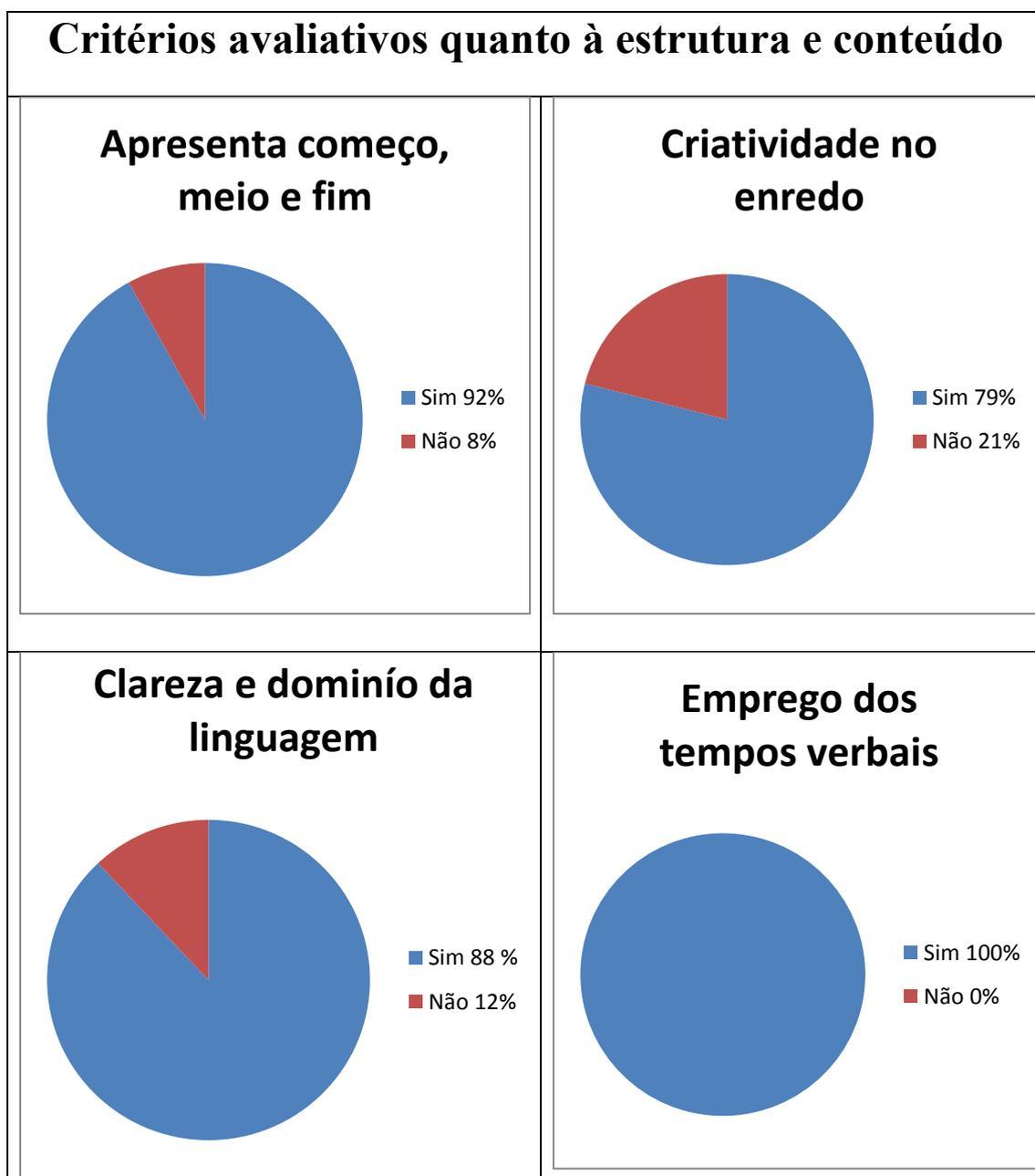
A análise geral das fábulas possibilitou saber qual foi o entendimento dos alunos-colaboradores sobre o gênero estudado em sala de aula. A fábula proporciona reflexão da realidade. Todos os assuntos do cotidiano podem ser representados por meio de animais, são os bichos de todas as espécies que ganham vida nos textos e em todos os sentidos. De seres que agem pelo instinto, no texto, ganham características pensantes que ensinam e fazem pensar sobre muitas ações humanas, umas boas e outras más, porém todas trazem algo diferente para a vida.

A discussão durante todo o trabalho teve como base temática o viés político, haja vista que esse é um momento em que o país enfrenta algumas situações que não devem passar em branco. A escola, como ambiente de ensino, deve ir muito além, precisa oportunizar os discentes, a fim de que eles possam refletir em relação ao presente momento. É preciso despertar nos educandos uma reflexão sociopolítica para que essa nova geração possa intervir nas questões políticas do nosso país que passa por um dos momentos mais difíceis, politicamente falando.

Quanto ao gênero, foram analisados os seguintes itens: se as fábulas escritas por eles apresentam uma moral. Neste quesito, 96% (noventa e seis) por cento conseguiram cumprir essa meta. Observou-se o percentual referente ao segundo critério, se havia humor na narrativa, 84% (oitenta e quatro) por cento conseguiram expressá-lo no texto. O terceiro item, se apresenta animais como representação do homem, 96% (noventa e seis) por cento conseguiram entender e aplicar na narrativa esse componente. Quanto ao

critério no que tange à reflexão análoga à realidade, tem-se 92% (noventa e dois) por cento do objetivo atingido.

Gráfico II- Critérios avaliativos quanto à estrutura e conteúdo



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Sobre os critérios referentes à estrutura e ao conteúdo, 92% (noventa e dois) por cento atingiram essa meta. No critério a respeito da criatividade no enredo, 79% (setenta e nove) por cento atingiram esse objetivo. Esse foi o menor percentual de todos os quesitos. No que toca à clareza e ao domínio da linguagem, 88% (oitenta e oito) por cento preencheram esse quesito. Já no critério de emprego de tempos verbais, concernentes a

esse tipo de narrativa, percebe-se que os discentes empregaram de forma plena o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do modo indicativo, ou seja, 100% (cem) por cento. Analisando todos os critérios sugeridos e empregados pelos alunos, os trabalhos desenvolvidos foram satisfatórios.

3.3.2.5.2 Análise pontual de duas fábulas produzidas pelos alunos colaboradores, a título de ilustração

Considerando os critérios de avaliação utilizados no primeiro momento de análise (global), passamos à análise de duas fábulas eleitas do conjunto de 24 (vinte e quatro) para ilustração. As fábulas em análise foram selecionadas por atenderem todos os quesitos que o gênero fábula requer e se caracteriza como tal. Em observância aos critérios de ética, utilizamos apenas as iniciais dos nomes dos alunos nesta pesquisa. Por uma questão metodológica, os demais textos componentes do *corpus* se encontram em poder do pesquisador, podendo o interessado obter maiores informações (pelo email: josecsva@hotmail.com) ou no BLOG da E.E Vespasiano Martins stevespa2016.blogspot.com.br/.

Fábula 01 do aluno: A.C. S

Os falcões e os macacos

Os macacos estavam lá mais um dia na floresta, roubando os outros animais, um pegou o favo de mel das abelhas quando elas não olhavam, enquanto outros roubavam

a coleção de besouros do pangolim, outros roubavam os corós que o pica-pau juntava para o jantar, e essa roubalheira continuava dia após dia.

Certo dia, bem cedinho, o senhor coral foi reclamar aos falcões, os soldados da floresta, chegando ao topo da montanha já os encontrou e explicou os roubos que aconteciam todo dia, e disse no final antes de ir.

- A ajuda de vocês falcões seria de bom tamanho e não seria muito difícil os encontrar, já que suas visões são excelentes!

O líder dos falcões, o sargento Bico de Ferro, aceitou acabar com todos os macacos ladrões com a condição de puni-los do seu jeito. À noite, enquanto alguns animais dormiam e outros trabalhavam, o exército de Bico de Ferro entrou em ação e

levou todos os macacos, enquanto dormiam, e até onde eu sei, não vão acordar tão cedo, disse um soldado.

No decorrer do dia, todos notaram a calma e o alívio na floresta, apenas a senhora louva-deus foi a única que estranhou a tranquilidade e foi perguntar aos falcões o que fizeram com os macacos, então um soldado disse:

- Seu tormento se tornou nosso jantar.

E a senhora louva-deus foi embora assustada, e rapidamente espalhou a notícia e com o jeito que contou aos animais, a notícia de um modo assustador, foi se espalhando e cada vez mais um animal acrescentou algo novo na história. Denegriram a imagem dos falcões, e todos começaram a olharem-nos com maus olhos.

À noite, uma raposa encenqueira provocou uma rebelião com os animais contra os falcões e ao amanhecer, enquanto todos os falcões chegavam à montanha, de seus ninhos viram a multidão chegando ao topo, bravos e revoltados e gritando para todos os falcões irem embora de lá, e que nunca mais voltassem, foi aí que o sargento foi até a multidão carregando respeito em suas penas, fez com que todos se calassem, parou e mandou seus soldados abrirem a caverna que ficava na lateral da montanha, e de lá fugiram todos os macacos, e os animais espantados olharam para ele e ele disse:

- Se nós que somos os vilões, então fiquem com seus heróis.

Moral: Não devemos esquecer que nos dias atuais a vítima é na verdade a ameaça camuflada.

Aluno: A.C. S

A análise das fábulas leva em consideração os critérios avaliativos quanto ao gênero textual e quanto à estrutura e conteúdo. Iniciou-se analisando a fábula do aluno, A. C. S. com o título, *Os falcões e os macacos*.

Importante destacar que, revisitando Bakhtin (1997, p.279), os gêneros do discurso tanto os orais quanto os escritos são heterogêneos. Para o teórico russo, os gêneros do discurso são relevantes, pois se considera uma situação de uso em determinado contexto sócio-histórico e cultural. Na perspectiva bakhtiniana, há gênero para cada situação de interação humana.

Bakhtin (1997) argumenta que é preciso saber diferenciar os gêneros primários considerados mais simples, espontâneos, em relação aos gêneros secundários mais

complexos que exige do emissor ou leitor maior dificuldade na construção do gênero. Esse conhecimento sobre os gêneros é extremamente importante, pois ambos são distintos na maneira de escrever, todavia o conhecimento do gênero primário e do gênero secundário facilita o uso e o reconhecimento destes gêneros pelo leitor. Ao tratar de gênero do discurso, convém destacar o que Bakhtin (1997) esclarece:

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Constata-se no texto de Bakhtin (1997) que os “gêneros do discurso” como o “romance”, “teatro”, o “discurso científico”, o “discurso ideológico”, ocorrem em momentos específicos e culturalmente pré-definidos, são mais complexos e evoluíram de maneira significativa no estilo de escrever. Um fator que chama atenção: a absorção e as mudanças que ocorrem nos “gêneros primários”. Analisando a formação dos gêneros secundários, há um complemento de um gênero sobre o outro. Nenhum é anulado e essa interação entre eles é fundamental para entender os processos de formação e de uso dos gêneros. O gênero em estudo se caracteriza como gênero literário secundário, uma vez que se trata de um gênero complexo.

No que diz respeito às fábulas, a moral fecha a narrativa permitindo ao leitor fazer uma analogia sobre o comportamento do que age semelhante aos animais (personagens). Sobre o gênero fábula, Bagno (2006, p. 51) assevera que “a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral”. Nessa mesma linha de pensamento, Kupstas et al (1992, p. 9) menciona que a moral das fábulas possibilita alertar os indivíduos a respeito de observações relevantes acerca do comportamento das pessoas.

Observa-se que o aluno entendeu a proposta ao apresentar uma moral à fábula escrita, contemplando o primeiro critério avaliativo, a moral: “Não devemos esquecer que nos dias atuais a vítima é na verdade a ameaça camuflada”. O aluno demonstrou criatividade, quando afirmou que nos dias atuais a vítima, a pessoa que sofre algum tipo de perseguição ou acusações, pode ser na verdade um problema, uma ameaça às pessoas. O aluno resume com criatividade todo acontecimento ocorrido na fábula. A moral propõe ao leitor uma reflexão da realidade, alerta que é preciso analisar os fatos, saber o que

realmente está acontecendo. Ensina ao leitor que se deve, antes de tomar uma decisão, verificar a situação em que as ações estão acontecendo. Para justificar a moral, verificam-se os passos construídos na narrativa fabulística pelo aluno. Primeiro havia um problema com os personagens macacos, depois pensaram que foram injustiçados. O que era ruim para a comunidade, de repente, se transformou em algo bom, e os que eram bons, praticaram ações para proteger a comunidade, porém foram hostilizados, por isso a moral da fábula direciona o leitor para uma reflexão.

Em relação ao segundo critério em que se destaca, se há humor na narrativa, o aluno conseguiu expressar essa característica durante o processo de escrita, no trecho, “ - Seu tormento se tornou nosso jantar”. Ele usou uma figura de linguagem, chamada de metonímia, em vez de citar os macacos, citou “tormento” se referindo aos personagens ladrões. Esta forma de escrever, usando uma figura de linguagem, trouxe preocupação para uma personagem que imediatamente imaginou o sumiço dos macacos, e espalhou para outros personagens. Houve a revolta dos animais com o suposto desaparecimento dos macacos, mas no final foi esclarecido, quando a porta da caverna foi aberta. Houve, neste momento, a liberação dos personagens ladrões, surpreendendo aqueles que pensavam que todos haviam morrido. Segundo Coelho (2000, p. 166) a fábula é uma história de animais que representam o homem e tem como objetivo provocar diversão no receptor. O aluno, ao usar da criatividade, provocou no leitor o pensamento humorístico, tendo em vista que ao ler a fábula do referido colaborador é perceptível a intensão humorística ao escrever a frase: “ -Seu tormento se tornou nosso jantar”.

Em relação ao uso de animais como representação do homem, observou-se que a fábula apresenta animais como personagens, inicia pelo título, *Os falcões e os macacos*. O texto apresenta outros personagens: louva-deus, raposa encrinqueira, pica-pau, coral, abelhas, e cita outros animais sem dizer de quem se trata, quando o aluno cita, “contou aos animais”; isso dá uma ideia generalizada dos moradores da floresta e depois traz: “cada vez mais um animal acrescentou algo”; tudo isso evidencia que as informações sobre os acontecimentos da floresta não ficaram restritas somente aos personagens principais.

Os personagens, enquanto animais na narrativa fabulística, podem criar situações de personificação (Coelho, 2000) garantindo à fábula representações transportadas para o plano da realidade. A fábula em análise “*Os falcões e os macacos*” vêm caracterizadas de personagens como: louva-deus, pica-pau, abelhas, corroborando a ideia de habitantes da floresta, que praticam ações semelhantes às atitudes humanas.

Sobre o critério a respeito de uma reflexão análoga à realidade, fica evidente que o autor da fábula demonstra em vários trechos essa realidade. No primeiro parágrafo, o autor destaca os macacos como os personagens ladrões e cita várias situações de roubo, sem discriminação. É um vale tudo. Com certeza, esse aluno se refere a uma realidade vivida no Brasil de Brasília e de outros lugares, como Rio de Janeiro que passa por uma situação análoga, com desvios de verbas, prisões de políticos famosos. Os noticiários na televisão revelam essa realidade todos os dias.

O trecho da fábula “Os macacos estavam lá mais um dia na floresta roubando os outros animais, um pegou o favo de mel das abelhas quando elas não olhavam, enquanto outros roubavam a coleção de besouros do pangolim [...]” nos permite perceber que o aluno exercita a reflexão crítica sobre a realidade. A partir dos fatos narrados pelo aluno, nota-se que ele tem uma visão crítica sobre a realidade brasileira e, dessa forma, expressa seu ponto de vista de forma metafórica.

Alguns elementos estruturais da narrativa fabulística podem criar expectativas no leitor, principalmente, na organização textual. Nessa dimensão organizacional do texto, vale destacar o que Coelho (2000) categoriza. Para a autora, o espaço, o ambiente, o local denunciam situações que, de certa maneira, coincidem com fatos da realidade, à medida em que a fábula “*Os falcões e os macacos*” destaca que “os macacos, [...] roubavam os outros animais”. O termo *roubavam*, na fábula, tem, implicitamente, uma relação com a questão situacional do Brasil.

Nos últimos anos, são muitos os noticiários sobre desvios de verbas, propinas, caixa dois, pagamentos indevidos a funcionários públicos, principalmente, aos políticos eleitos pelo povo; estão tão comuns esses acontecimentos que ficam evidentes na narrativa. Logo no início, ele denuncia o momento precário pelo qual o país passa. No final do texto, o aluno mostra preocupação e reflete acerca da realidade quando diz que: “- Se nós que somos os vilões, então fiquem com seus heróis”. Esse trecho da fábula mostra uma preocupação do aluno com o que está se passando atualmente no país, quantas e quantas pessoas foram presas e condenadas no Brasil, mas que para muitos continuam sendo os heróis. Cada grupo defende o que acha correto.

Enquanto autoridades trabalham para desvendar os esquemas de corrupção, outras trabalham para atrapalhar os serviços de apuração. A própria sociedade está dividida, condena uns e acolhe outros com os mesmos problemas de roubo, desvios de verbas públicas. Os falcões que tomaram providências em relação aos roubos foram hostilizados por um grupo de “amigos” dos macacos. Nesse trecho da fábula, há fortes evidências dos

desvios dos fatos em relação ao trabalho dos falcões: “Denegriram a imagem dos falcões e todos começaram a olharem-nos com maus olhos”.

Outros critérios que os alunos seguiram se referem à estrutura e ao conteúdo relacionado aos aspectos super e macroestruturais, ou seja, o texto apresenta começo, meio e fim. Constata-se pela leitura da fábula que o aluno manteve a estrutura macroproposicional do texto. Também percebe-se, no primeiro parágrafo, a apresentação de dêiticos de tempo e espaço com pistas narrativas como o fato, as personagens com o intuito de situar o leitor. Inicia a fábula apresentando os macacos ladrões, no meio/desenvolvimento do texto, há reclamações de alguns personagens e providências foram tomadas, mas no final há reviravolta por causa das ações tomadas em desfavor dos ladrões. Alguns personagens se revoltam contra o comando, os soldados, e para contestar o que estava acontecendo, cita uma frase de efeito: “-Se nós que somos os vilões então fiquem com seus heróis”. Uma frase irônica com a situação, uma vez que eram ladrões e todos sabiam disso, no entanto se revoltaram com quem estava trabalhando para organizar o caos.

Em relação ao segundo critério, sobre a criatividade na elaboração do enredo, observa-se que o autor usou a criatividade em todo o texto. Inicia com o título, *Os falcões e os macacos*. No primeiro parágrafo, o autor destaca os macacos ladrões, personagens que em torno deles, acontecem todas as situações. Há um problema, buscou-se a solução, houve a interferência de outros personagens para reverter uma situação. Há mudança no final, quando os falcões decidem soltar os macacos ladrões. Todo o enredo finaliza de forma organizada, por isso o leitor consegue perceber que todas as ações foram pensadas, a fim de que o final fosse reflexivo, culminando com a moral perfeitamente alinhada com o todo da fábula.

No que se refere à apresentação de clareza e domínio da linguagem, o aluno mostra que entendeu o processo de criação de uma fábula. Sobre o domínio na linguagem, o aluno tem conhecimento linguístico e consegue articular as ideias com criatividade.

A respeito do domínio no emprego dos tempos verbais pertinentes à narrativa fabulística, o aluno, ao escrever a fábula, usou os dois tempos verbais característicos desse gênero textual. Vê-se que, na introdução, o uso do verbo “estar” no pretérito imperfeito do modo indicativo: “Os macacos estavam lá mais um dia na floresta roubando os outros animais”, indicando a ideia de continuidade, embora ocorrido no passado não houve finalização. Essa estratégia de emprego dos tempos verbais, no pretérito imperfeito e pretérito perfeito, sugerem a atemporalidade dos fatos, estrutura típica de narrativa

fabulística. O uso do tempo verbal pretérito perfeito indica atos conclusos e concretos imprimindo verossimilhança aos fatos narrados.

Esse recurso linguístico-discursivo contribui para a leitura linear e progressiva da narrativa fabulística. Em um trecho seguinte, o autor usou o verbo no pretérito perfeito: “um pegou o favo de mel das abelhas...”, a ação começou e terminou no passado, houve conclusão. O uso desse tempo verbal significa que o fato foi finalizado na íntegra. Fala de um acontecimento ocorrido e concluído em um determinado tempo do passado. Logo em seguida, volta a usar o verbo no pretérito imperfeito “quando elas não olhavam”. O autor demonstra conhecimento do emprego dos tempos verbais, além disso, adequa o uso de outros verbos quando a ação exige mudança de emprego dos verbos, e fica evidente ao usar o verbo no futuro do pretérito para pedir ajuda: “-A ajuda de vocês falcões seria de bom tamanho e não seria muito difícil os encontrar, já que suas visões são excelentes”. Essa forma de escrever/narrar os fatos se espelha na narração de fatos retratados nas fábulas antigas e que, de alguma forma, também se atualiza na forma fabulística de escrita do aluno-colaborador.

Nota-se que o aluno faz, a seu modo e tempo, uma crítica/reflexão sobre temas em evidência na atual conjectura sócio-histórica e política do Brasil. Além disso, atualiza os fatos relacionados, passado e presente se completam. Em seguida, o aluno volta a usar novamente os pretéritos demonstrando sintonia e conhecimento com os elementos linguísticos característicos da narrativa.

Fábula 02 do aluno: V.B

Reinado da raposa astuta

Certa vez, uma raposa astuta andava pela floresta e sentia-se decepcionada pela falta de consideração que julgava não ter. A mesma ouvira a bicharada comentar sobre as eleições para eleger um novo rei para a floresta, como o leão havia sido afastado por tal corrupção, a raposa decidiu candidatar-se e foi um desastre.

Ninguém ali acreditava que ela poderia ser suficiente para o cargo, pois já tinha a má fama de manipuladora. Nada contente com o que andavam falando de si, a raposa decidiu recorrer ao amigo sabiá que com seu canto e sabedoria alegrava e ajudava todos.

_Olá, amigo sabiá, quanto tempo!

_ Dona raposa, eu que a digo! A que lhe devo a esta visita minha cara?

Ah! Meu amigo, preciso de tua ajuda, já que tu conheces o povo tão bem quanto a mata, poderias ajudar-me a ser o novo rei da floresta? Tenho a mais bela das intenções, apenas preciso de ti...-Explicou a raposa.

Com um tempo de conversa, o sabiá decidiu ajudar a amiga, que fez promessas e jurou cumpri-las, começou então a campanha e com a ajuda do honesto sabiá, em poucos dias, a raposa tornou-se o novo rei.

Nos seus primeiros dias de mandato, ela se sentia satisfeita, ganhou tanto reconhecimento, e tudo o que nunca tivera na vida, que acabou por se esquecer dos animais.

Criava leis e regras que favoreciam apenas ela mesma e os mais próximos, a raposa não estava cumprindo com o que havia prometido.

Com alguns anos de reinado, o sabiá apareceu desesperado precisando de ajuda da amiga e quando o mesmo mais precisou. A raposa virou as costas e disse que tinha muito o que fazer.

Moral: Nem todo mundo é o que parece e faz jus ao que promete.

Aluno: V.B

Dando continuidade à análise das fábulas, passamos à análise da fábula “*O Reinado da raposa astuta*”, do aluno V.B. Para tanto, seguimos os mesmos critérios quanto ao gênero textual e quanto à estrutura e conteúdo.

No que se refere ao critério avaliativo relativo à moral, nota-se que o aluno atingiu esse quesito como aparece no trecho: “Nem todo mundo é o que parece e faz jus ao que promete”. Por meio da moral, o aluno faz menção a uma provável eleição, como fica exposto na passagem “vão fazer isso ou aquilo”. Observa-se que o aluno mantém o foco de criticidade em seu texto, fazendo uma analogia entre história fabulística e a realidade política brasileira. Oliveira; Castro (2008, p. 71) destacam que “a moral traduz aquilo que o autor considera como ‘moral’, isto é, como certo ou errado numa determinada situação”. Vê-se que o aluno estabelece uma relação clara entre a fábula escrita e as promessas feitas pelos candidatos na época de campanha. Nota-se que, por meio da moral, o aluno deixa transparecer um alerta de que os políticos não transmitem as mesmas imagens e ações do antes e do depois das eleições.

Em relação à pergunta que trata acerca de uma narrativa de humor, o aluno consegue descrever trechos que direcionam para esse fim: “Nada contente com que andavam falando de si, a raposa decidiu recorrer ao amigo sabiá que com seu canto e sabedoria alegrava e ajudava todos”. “Olá amigo sabiá, quanto tempo”! É uma fala que representa muito bem a realidade, à medida que as eleições vão se aproximando, toda pessoa desconhecida para o político, torna-se amigo número um, pois é um momento de aproximação para depois ocorrer o distanciamento. Amigo mesmo só para ganhar a eleição, pois uma palavra mágica é chamar de “amigo”.

Importante observar que o aluno não escolheu a personagem sabiá de forma aleatória, pois na própria fábula evidencia que esse pássaro, além de cantar maravilhosamente bem, tem sabedoria e ajudava os demais constantemente. A raposa muito astuta procurou alguém que tivesse representatividade perante aos outros animais, fato semelhante ao que ocorre na vida real da política. A história tem mostrado que sempre há aqueles que são influenciadores e são escolhidos para reunir eleitores e convencê-los de votar em um determinado candidato. Percebe-se que o aluno faz uma crítica às situações eleitoreiras do Brasil.

No que respeita ao critério relativo ao uso de animais como representação do homem, o aluno fez de forma criativa a participação dos personagens animais. Há três personagens principais: o leão que foi afastado do cargo público, a raposa, a nova candidata e o sabiá, este ajudou a raposa a ganhar a eleição por ter afinidade com os demais bichos da floresta. O aluno também cita a bicharada se referindo a outros bichos não especificados na fábula. Para Coelho (2000, p. 166), “a peculiaridade que distingue a fábula das demais espécies metafóricas ou simbólicas é a presença de animal, colocado em uma situação humana e exemplar”. Ao usar os personagens animais como símbolos dentro de um contexto geral, o aluno usou a raposa como astuta, o sabiá como belo e excelente cantor, o leão forte pela força. O leão, embora forte, foi corrompido e sofreu as sanções e foi afastado do cargo público. Fica evidente a visão crítica desse aluno a respeito do jogo de interesse e a fragilidade ética que pode ocorrer nas instâncias políticas de qualquer país.

Quanto ao item que se reporta se há uma reflexão análoga à realidade, o aluno consegue redacionar de forma criativa. Os trechos, a seguir, comprovam que o aluno reconheceu a função das fábulas que é destacar a analogia entre a fábula e a realidade: “Nos seus primeiros dias de mandato, ela se sentia satisfeita, ganhou tanto reconhecimento e tudo o que nunca tivera na vida que acabou por se esquecer dos

animais” e “Criava leis e regras que favoreciam apenas ela mesma e os mais próximos, a raposa não estava cumprindo com o que havia prometido”. No primeiro momento, dedicou-se ao trabalho, mas não demorou muito e se esqueceu do que prometeu. As leis e as regras eram para benefício próprio.

Na esfera legislativa, há muitas situações concretas de aprovações de leis que favorecem de maneira demasiada toda classe política e com a conivência do poder executivo. Muitas leis são aprovadas para ajudar os próprios políticos. Eles aumentam os próprios salários, criam mordomias com gastos exorbitantes que só ocorrem porque eles mesmos se beneficiam; enquanto o povo sofre à míngua, nos corredores dos hospitais, nas filas do desemprego. A produção desse aluno demonstra que ele não está alienado à realidade em que está inserido e reconheceu a função dos gêneros textuais com foco no uso da fábula.

Na segunda parte, relacionada aos critérios de avaliação, quanto à estrutura começo, meio, fim e conteúdo, o aluno-colaborador conseguiu organizar a fábula de maneira que contempla essa estrutura. Inicia a fábula narrando a história: “Certa vez, uma raposa astuta que andava pela floresta sentia-se decepcionada pela falta de consideração que julgava não ter. A mesma ouvira a bicharada comentar sobre as eleições de um novo rei da floresta, como o leão havia sido afastado por tal corrupção, a raposa decidiu candidatar-se e foi um desastre”. Há uma situação inicial, existe um problema a ser resolvido diante da situação pela qual a personagem (raposa) se encontrava, no caso apresentado, sem credibilidade. A mesma recorreu ao amigo sabiá porque sabia que a situação dela não era das melhores. Sabia também que o sabiá era bem visto na comunidade. Houve o diálogo, a aceitação do sabiá que fez a campanha, conseguiu ganhar e ficou contente com o resultado. A raposa trabalhou, satisfez o ego, criou leis para si mesma, abandonou a comunidade e desprezou os amigos, inclusive aquele que a ajudou a ganhar, e finaliza com a moral.

Em relação ao critério sobre a questão da criatividade na elaboração do enredo, o aluno conseguiu organizar de forma clara, pois o enredo é composto de começo, meio e fim. A fábula tem início com a apresentação da raposa: “Certa vez, uma raposa astuta que andava pela floresta, sentia-se decepcionada pela falta de consideração que julgava não ter”. Esta personagem dialoga com o sabiá “-Olá, amigo sabiá, quanto tempo! -Dona raposa, eu que a digo! A que lhe devo a esta visita minha cara”?, e finaliza com a moral, concluindo, assim, o texto narrativo fabulístico. Moral: “Nem todo mundo é o que parece e faz jus ao que promete”. A linguagem é clara, o leitor não encontra dificuldade para

entender o enredo, pois há uma sequência de fatos que ajudam na compreensão geral da fábula.

Quanto ao item referente ao domínio e ao emprego dos tempos verbais pertinentes à narrativa fabulística, percebe-se que o aluno-colaborador fez uso dos verbos no pretérito imperfeito e pretérito perfeito. Ambos são frequentes na narrativa, sendo que há predomínio do pretérito imperfeito no início da fábula. Esse tempo verbal destaca ações que ainda estavam em curso, mostrando uma atemporalidade: “Certa vez, uma raposa astuta que andava pela floresta sentia-se decepcionada pela falta de consideração que julgava não ter”. Do meio do texto para o final, o aluno fez uso do pretérito perfeito. Nessa parte da fábula, as ações foram iniciadas e concluídas no passado, marcando assim temporalidade. “[...]ganhou tanto reconhecimento e tudo o que nunca tivera na vida que acabou por se esquecer dos animais”. No penúltimo parágrafo, voltou a escrever os verbos no pretérito imperfeito e finaliza com verbos no pretérito perfeito demonstrando domínio e conhecimento sobre o emprego dos verbos.

Em síntese, após a análise dos 24 (vinte e quatro) textos que constituem o *corpus* dessa pesquisa e a apresentação sumária e ilustrativa de duas fábulas eleitas para representar o trabalho desenvolvido, os resultados corroboram os objetivos e validam a proposta de pesquisa executada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero fábula pode ser um instrumento didático que reforça a leitura reflexiva e criativa do educando. Isso ocorre porque esse gênero possibilita ao leitor ou ao autor de fábulas mais liberdade na imaginação e criação. São textos não muito longos, mas impactantes para o leitor. A leitura do gênero fábula contribui para o melhor desenvolvimento de uma leitura competente e também da produção textual na escola. Este gênero pode ser desenvolvido nos anos iniciais ou finais do ensino fundamental e também preenche uma lacuna didática da escola no que tange à leitura e à produção textual. Como se trata de um gênero produtivo do ponto de vista de aplicação em situação escolar, a turma eleita para a aplicação da (intervenção via pesquisa-ação), o 9º (nono) ano do ensino fundamental, mostrou-se bastante receptiva durante a pesquisa-ação.

A escolha deste gênero não foi de forma aleatória, tendo em vista seu poder de reflexão e analogia com a realidade. Todos nós vivemos períodos sócio-históricos que merecem reflexão sempre e a escola, junto com seus partícipes, não pode ficar alheia aos acontecimentos que ocorrem dentro da sociedade. E, neste conjunto, há as esferas sociais e políticas que merecem análise pela sociedade, principalmente, pela escola, espaço de reflexão e de mudanças.

Sabemos que vários aspectos são importantes para avançar em atitudes que correspondam com o momento atual. Para esse fato acontecer, é necessário que o sujeito tenha algumas habilidades e competências. Para a realização desse trabalho o aporte teórico adotado contribuiu, sobremaneira, para sustentar a análise e alcançar os objetivos almejados. O percurso metodológico aplicado possibilitou o cumprimento das etapas de pesquisa que balizam esse trabalho.

Os resultados obtidos demonstram que os objetivos foram atingidos. A experiência vivida nesta pesquisa-ação mostra alguns dados animadores. Nossos alunos têm sensibilidade crítica ao tratar de assuntos controversos como é o debate político atual em nosso país. Dessa forma, fica evidente que em um trabalho organizado, a partir do envolvimento do aluno com a mediação do professor, possibilita avançar no que diz respeito à leitura e à produção textual na escola.

Fica evidente que o gênero textual fábula pode ser um instrumento didático de alta relevância pedagógica no que se refere à leitura e à produção textual. Além disso, permite que a aprendizagem possa ser mais dinâmica e prazerosa tanto para o aluno-colaborador quanto para o professor mediador. Outro ponto que merece atenção diz respeito à função do

professor mediador, pois ele pode, por meio de trabalhos dessa natureza, contribuir como cidadão atuante e envolvido nas mais diversas questões que envolvem a sociedade.

Vale registrar que esse trabalho não finaliza as atividades com gêneros textuais, no entanto abre caminho para aproveitamento das atividades propostas e possibilita a outros colegas docentes a abertura de novos horizontes no que diz respeito aos exercícios com gêneros textuais no ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, E. C. MATTOS, M. S, **Fábulas**. In: CARVALHO, F. A. M.; MENDONÇA, H. R. (Org.). **Práticas de leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 86.

ANGELA, Kleiman, **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da Leitura**, 7ª ed. Campinas, Campinas: Pontes, 2000.

ANTUNES, Irandé, **Língua Texto e Ensino: outra escola possível**, São Paulo: Parábola Editora, 2009.

ARANEGA, Ester Praisler Pereira, ZIRONDI, Maria Ilza, **Uma sequência didática do gênero fábula com foco na leitura**, Paraná: Caderno PDE. 2014.

BAGNO, Marcos, **Fábulas fabulosas**. In: CARVALHO, F. A. M.; MENDONÇA, H. R. (Org.). **Práticas de leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 51-53.

BAKHTIN, Mikhail, **Estética da Criação verbal**, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) [et al.]-, **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Eliana Viana, **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula/Eliana Viana Brito, José Miguel de Mattos, Hurami Pisciotta**. São Paulo: Arte & Ciência-2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos, **Alfabetização & linguística**, São Paulo: editora Scipione 1992.

CARVALHO, Maria Ângela, Freire; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.), **Práticas de leitura e escrita**, Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, Nelly Novaes, **A literatura Infantil, teoria análise didática** 1ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FARACO, Carlos Alberto, **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**, São Paulo: Parábola Editora, 2009.

FREIRE, Paulo, **A Importância do ato de Ler**, São Paulo: Autores Associados: Cortez 1992.

FONTAINE, Jean de La, DORÉ, Gustave, **Fábulas de La Fontaine, Obra Prima da Literatura Universal**: Editora Escala, São Paulo.

GERALDI, João Wanderlei, **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, Angela, **Aspectos Cognitivos da Leitura**, 7ª edição, Campinas-SP: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria, **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.

KUPSTAS, Márcia, PORTELA, Fernando...[et al.] **Sete Faces da fábula**, projeto e orientação literária, São Paulo: Moderna, 1992.

LOBATO, Monteiro, **Fábulas**, Ilustração de capa e miolo Manoel victor Filho, São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social**, In: ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs.), **Leitura: perspectivas Interdisciplinares**, São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, André, **Pesquisa-ação Integral e Sistêmica: uma antropopedagogia renovada**, trad. Michel Thiollent-Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOURA, Ana Aparecida de, MARTINS, Luzineth Rodrigues, **A mediação da leitura do projeto à sala de aula**, In: Stella Maris Bortoni-Ricardo (orgs), **Leitura e Mediação Pedagógica**, São Paulo: Parábola Editora. 2012.

PESTANA, Fernando, **A gramática para concursos públicos**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim, **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda, **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**, In: ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs.), **Leitura: perspectivas Interdisciplinares**, São Paulo: Ática, 2002.

SOLÉ. I. **Estratégias de Leitura**, Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**, São Paulo: Cortez, 2005.

THIOLLENT, Michel, **Metodologia da pesquisa-ação** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs.), **Leitura: perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2002.

ANEXOS

Produção final dos alunos

Texto 01/24- aluno: A.C. S

Título: Os falcões e os macacos

Os macacos estavam lá, mais um dia na floresta, roubando os outros animais, um pegou o favo de mel das abelhas, quando elas não olhavam, enquanto outros roubavam a coleção de besouros do pangolim, outros roubavam os corós que o pica-pau juntava para o jantar, e essa roubalheira continuava dia após dia.

Certo dia, bem cedinho, o senhor coral foi reclamar aos falcões, os soldados da floresta, chegando ao topo da montanha, já os encontrou e explicou os roubos que aconteciam todo dia, e disse no final antes de ir.

- A ajuda de vocês, falcões, seria de bom tamanho e não seria muito difícil os encontrar, já que suas visões são excelentes!

O líder dos falcões, o sargento Bico de Ferro, aceitou acabar com todos os macacos ladrões, com a condição de puni-los do seu jeito. À noite, enquanto alguns animais dormiam e outros trabalhavam, o exército de Bico de Ferro entrou em ação e levou todos os macacos enquanto dormiam, e até onde eu sei, não vão acordar tão cedo: disse um soldado.

No decorrer do dia, todos notaram a calma e o alívio na floresta, apenas, a senhora louva-deus foi a única que estranhou a tranquilidade e foi perguntar aos falcões o que fizeram com os macacos, então um soldado disse:

- Seu tormento se tornou nosso jantar.

E a senhora louva-deus foi embora assustada e rapidamente espalhou a notícia e com o jeito que contou aos animais, a notícia de um jeito assustador foi se espalhando e cada vez mais, um animal acrescentava algo novo na história. Denegriram a imagem dos falcões e todos começaram a nos olharem com maus olhos.

À noite, uma raposa encunqueira provocou uma rebelião com os animais contra os falcões, e ao amanhecer, enquanto todos os falcões chegavam à montanha, de seus ninhos, viram a multidão chegando ao topo, bravos e revoltados e gritando para todos os falcões irem embora de lá, e que nunca mais voltassem, foi aí que o sargento foi até a multidão carregando respeito em suas penas, fez com que todos se calassem, parou e mandou seus soldados abrirem a caverna que ficava na lateral da montanha e de lá fugiram todos os macacos, e os animais espantados olharam para ele e ele disse:

- Se nós que somos os vilões, então fiquem com seus heróis.

Moral: Não devemos esquecer que nos dias atuais a vítima é na verdade a ameaça camuflada.

Texto 02/24 Aluno: V.B

Título: Reinado da raposa astuta

Certa vez, uma raposa astuta andava pela floresta e sentia-se decepcionada pela falta de consideração que julgava não ter. A mesma ouvira a bicharada comentar sobre as eleições de um novo rei para a floresta, como o leão havia sido afastado por tal corrupção, a raposa decidiu candidatar-se e foi um desastre.

Ninguém ali acreditava que ela poderia ser suficiente para o cargo, pois já tinha a má fama de manipuladora. Nada contente com o que andavam falando de si, a raposa decidiu recorrer ao amigo sabiá que com seu canto e sabedoria alegrava e ajudava todos.

_ Olá, amigo sabiá, quanto tempo!

_ Dona raposa, eu que a digo! A que lhe devo a esta visita minha cara?

Ah! Meu amigo, preciso de tua ajuda, já que tu conheces o povo tão bem quanto a mata, poderias ajudar-me a ser o novo rei da floresta? Tenho a mais bela das intenções, apenas preciso de ti...-Explicou a raposa.

Com um tempo de conversa, o sabiá decidiu ajudar a amiga, que fez promessas e jurou cumpri-las, começou então a campanha e com a ajuda do honesto sabiá, em poucos dias, a raposa tornou-se o novo rei.

Nos seus primeiros dias de mandato, ela se sentia satisfeita, ganhou tanto reconhecimento, e tudo o que nunca tivera na vida, que acabou por se esquecer dos animais.

Criava leis e regras que favoreciam apenas ela mesma e os mais próximos, a raposa não estava cumprindo com o que havia prometido.

Com alguns anos de reinado, o sabiá apareceu desesperado precisando de ajuda do amigo, e quando o mesmo mais precisou, a raposa virou as costas e disse que tinha muito o que fazer.

Moral: Nem todo mundo é o que parece e faz jus ao que promete.

Texto 03/24-aluno: N.A.M

Título: A tartaruga e o burro

Na selva, estava acontecendo uma eleição para o novo presidente, havia dois animais que estavam competindo, a tartaruga e o burro.

Tartaruga: Eu prometo novas escolas, prometo melhores postos de saúde, prometo a melhoria de nossa selva.

E a plateia de animais começou a gritar “Já ganhou”. Depois disso, chegou a vez do burro falar.

Burro: Não vou prometer nada, mas me dedicarei dia e noite à melhoria de nossa selva.

E a plateia de animais começou a zombar do burro pela sua fala. Se passaram meses e a tartaruga se torna a nova presidente, e aquilo que ela prometeu, ela não cumpriu. A população **ficou** arrependida e teve que esperar quatro anos para a nova eleição.

Moral: conhecer mais as pessoas pelo interior e não o que ela fala ou promete.

Texto 04/24- aluno A. C. S

Título: O castor mentiroso

Em um dia tranquilo na floresta, um Castor se preparou para seu discurso para os animais a fim de escolherem um novo cuidador dos matos e dos animais, cargo muito importante na floresta.

Começou o discurso já prometendo melhores casas para os passarinhos, mais empregos para todos e melhorar as rotas de pescarias para os ursos, no fim, saiu aplaudido por todos e muito confiante na vitória.

Logo bem cedo, começaram as votações, que se estenderam até o anoitecer. No outro dia, foi dado o resultado: o Castor havia vencido com facilidade e em seu discurso como vencedor reprometeu tudo o que havia dito e um pouco mais.

Algumas semanas depois da eleição, a floresta estava do mesmo jeito, nada havia começado, a não ser a nova mansão do Castor para a qual o dinheiro tinha vindo por debaixo dos panos. Os animais, revoltados com as promessas não cumpridas pelo Castor, baniram-no da floresta para que nunca mais voltasse.

Moral: Não prometa o que não vai cumprir.

Texto 05/24-aluno: G.A.M.N

Título: As cigarras e as formigas trabalhadoras

Em um certo riacho, no meio de uma floresta, havia vários animais, alguns eram mais fortes do que outros, tinham os mais ricos e os que tinham autoridade.

A cigarra era a que comandava os pequenos animais que viviam naquele riacho, as formigas eram as que trabalhavam para se alimentar e dar um pouco de alimento à cigarra.

As formigas trabalhadoras sempre davam de comer à comandante, mesmo quando não tinham o suficiente, elas contribuía, algumas vezes até ficavam sem comer.

Certa vez, a cigarra recebeu seu alimento de alguns comandantes de outros riachos. As formigas tinham trabalhado só o suficiente para a cigarra, então quando ficaram sabendo do acontecido foram pedir um pouco de seu alimento para poder alimentar todas as formigas. A cigarra com sua ignorância e, se achando melhor que todos, fechou sua casa para que as formigas não pudessem lhe pedir ajuda.

Moral: **Nem todo mundo é como você pensa.**

Texto 06/24- aluno: G.D.V

Título: A eleição

Em uma floresta bem distante, havia um pequeno hospital e nesse hospital faltavam muitos medicamentos e aparelhos.

O dia da eleição estava chegando e havia vários candidatos, tinha o sr. Rato, a dona Raposa e o Sabiá, todos com muitas propostas diferentes. A dona Raposa era a preferida da maioria, pois ela tinha muitas propostas de melhorias para o hospital cura Bichos.

Chegou o dia da eleição, e como todos os animais suspeitavam, a Raposa ganhou e foi a nova prefeita da cidade. No seu primeiro dia de mandato, dona Raposa informou o dia que começaria as melhorias no hospital, todos os animais confiaram muito na nova prefeita.

Até que esse dia chegou, e todos os animais foram até a prefeitura e adivinha? A prefeita não cumpriu como havia prometido.

Moral: **Não devemos confiar cegamente em alguém, pois ela pode não cumprir com o prometido.**

Texto 07/24- aluno: K.R.M

Título: O cordeiro

Um pequeno cordeiro voltava sozinho do pasto para casa, inesperadamente, se viu diante de um lobo faminto de fome.

Ele então disse ao lobo: “Eu sei, amigo lobo, que certamente seria devorado, mas antes de morrer gostaria de lhe pedir como último favor, que tocasse com sua flauta, uma canção para eu dançar, esta será minha última diversão”.

O lobo concordou, e enquanto tocava para o filhote dançar, os cães de guarda do pastor, ouvindo o som da flauta vieram e afugentaram-no para longe.

E o lobo disse ao filhote enquanto se afastava: “isto é o que com justiça eu mereço”. “Afinal, sendo apenas um predador, jamais deveria tentar ser um músico, ainda mais quando o caso era apenas para agradar minha presa.

Moral: **Não deixe que nenhuma distração o afaste de seus objetivos.**

Texto 08/24- aluno: K.G.E.

Título: O cachorro e o gato

O cachorro e o gato eram muito amigos; mas, certo dia, eles estavam discutindo no bar da esquina por causa do presidente.

O gato estava bravo por causa das atitudes do presidente lobo, ele falou para o cachorro que o presidente estava roubando, acabando com a economia do país, o cachorro em resposta disse: calma gato, só faltam três anos para as novas eleições, e poderemos escolher um novo presidente.

O gato indignado falou que não poderia esperar três anos e falou que queria o impeachment do presidente lobo.

Como não era só o gato que pensava desse jeito; mas, sim, vários outros animais, eles se juntaram e conseguiram tirar o lobo do cargo de presidente, e, no lugar dele, colocaram o “Leão”.

O gato se encontrou com o amigo no mesmo lugar e disse a ele: o país não mudou nada, em vez disso, só piorou, o cachorro respondeu ao gato, eu te falei, meu caro amigo, você quis melhorar e acabou piorando.

Moral: **“Quem avisa amigo é”.**

Texto 09/24- aluno: L.E.E.C

Título: A coelha egoísta e ladrona

Em uma cidadezinha, habitada por coelhos, vivia Bianca uma coelha arrogante que não gostava de dividir nada com ninguém. Certa vez, na cidade, as cenouras desapareceram e os policiais foram procurá-las, Bianca como não queria que ninguém as achasse, guardou-as dentro de casa.

A coelha andava feliz na rua, por saber que todas as cenouras eram dela. Ninguém sabia o motivo de sua felicidade, já que as cenouras tinham desaparecido.

Até que, em um dia, os policiais resolveram revistar as casas para ver se ninguém havia as escondido, e as encontraram. Todos ficaram com muita raiva, por isso levaram-nas. Quando Bianca chegou a casa, percebeu que não havia sobrado nenhuma cenoura, então foi pedir na cidade, como ela foi egoísta e não deu para ninguém, os coelhos resolveram dar o troco, não ajudando-a.

Moral: **Não seja egoísta porque não vão ser com você.**

Texto 10/24- aluno: L.S.A

Título: País é como uma árvore

Em uma floresta, havia uma árvore que ganhou a liberdade dos pais, ela era uma espécie de árvore grande, mas havia uns problemas. Como havia outras árvores no local, ela tapava o sol e com isso teve que crescer bem rápido, porém em seu caule havia cupim que estava comendo de dentro para fora.

Suas amigas, que também estavam com o mesmo problema, tentaram crescer com o cupim e acabaram ficando fraca. Libertando-se dos cupins as árvores poderão crescer e chegar ao sol.

Moral: **As árvores são iguais a um país, se não resolverem seus cupins da sociedade e problemas internos nunca chegam ao topo.**

Texto 11/24- aluno: M.L.R

Título: O reino que não tinha rei

Existia um pequeno reino onde todos os animais viviam sossegados e em paz uns com os outros, todos viviam felizes, não existia nenhum tipo de conflito.

Um dia o reino desandou e os animais perceberam que todos os outros reinos próximos possuíam um rei que governava tudo e sempre fazia o melhor para seus súditos.

Todos os animais se animaram com a ideia de ter um rei e então promoveram uma votação, na qual escolheriam algum qualificado para o trono. No começo, parecia que tudo ia dar certo, mas cada animal que se candidatou votou em si mesmo. Uma nova eleição foi feita e outro candidato escolhido foi o leão.

Os anos foram passando e o leão foi acostumando-se ao poder. então, o que ninguém esperava aconteceu, o rei abusou demais do poder e a população de animais acabou se revoltando, mas não havia nada a se fazer, pois o rei havia feito novos aliados, os animais mais ricos ficaram ao lado do leão, que sempre os beneficiava com muita fartura, enquanto isso os animais mais pobres morriam de fome e se arrependiam da decisão que tinham tomado anos atrás.

Moral: **Cuidado com quem você escolhe para ser o “rei”.**

Texto 12/24- aluno: M.V.F

Título: Dona zebra e seu corvo

Dia de festa, dia de glória e todos os animais estavam comemorando a nova eleição, ansiosos para ver o resultado.

De um lado, estava dona zebra e do outro, seu corvo. Os animais ainda estavam indecisos, pois dona zebra e seu corvo sempre andavam na floresta batendo em porta em porta para ver a situação dos animais. Aonde andavam, faziam promessas, sempre dizendo que iriam fazer melhorias como: saneamento básico, alimentação para os mais necessitados, saúde para todos, moradia e principalmente segurança.

A segurança e a saúde dos animais eram a coisa mais complicada, pois na hora em que eles mais precisavam, esses direitos estavam em falta.

Dona zebra sempre dava um jeito de comprar os votos, o seu corvo? Hum...! era a mesma coisa. Tudo farinha do mesmo saco.

Mas enfim, os animais aceitavam calados porque não tinham muita escolha, como na maioria das vezes, eles necessitavam, eles aceitavam...

Os candidatos estavam ansiosos para saber quem iria ganhar a eleição, pois quem ganhasse teria um grande domínio sobre a grande massa populacional.

Até que dona zebra foi a que mais apresentou propostas burocráticas e “conseguiu” convencer os animais e ganhou a eleição, os animais esperaram ver o comando de Dona zebra, por mais que eles não acreditassem muito, ainda havia um pingo de esperança na melhoria da floresta.

Moral: **Mesmo sem opção, escolha aquele que mais irá fazer por você e seu povo.**

Texto 13/24- aluno: M.D.S

Título: O coala e a lagartixa

Uma lagartixa tinha ido pela primeira vez em uma floresta e começou a explorá-la. Avistou vários animais, mas apenas o coala foi dar boas-vindas para a lagartixa. Os dois se tornaram os melhores amigos. E juntos, eles se livraram de várias encrencas. Em cem dias, o coala sacaneou sua própria amiga lagartixa, entregando-a para toda a floresta, dizendo que ela era ladra e, assim, ela ficou sem moral na floresta, mas na realidade quem era ladrão era o coala.

Moral: **Nunca faça amizade sem saber a história da pessoa.**

Texto 14/24- aluno: N.A.M

Título: Um leão corrupto

Em uma floresta havia muitos animais de vários tipos e tamanhos. Apenas um era muito grande, tudo o que ele pedia na floresta os animais faziam.

Então, com o passar do tempo, ele foi percebendo que seu tamanho fazia com que todos os animais lhe obedecessem, apossando-se de um poder que o corpo representava e se sentia o maioral

Era um leão bondoso, antes de descobrir a grande maldade com os pequenos animais, e que, sem perceber, foi se tornando um animal ganancioso, orgulhoso e corrupto.

Muitos foram se calando, outros obedecendo, e alguns tentando lhe agradar para que garantisse que nada ia acontecer com eles.

O leão foi se aproveitando, gostando de toda aquela falsa autoridade, e, não se contentando com a pobreza dos bichinhos, e foi tirando deles até o que eles não tinham.

Moral: Nunca se contentar com o que tem, sempre querendo mais e acaba se tornando corrupto.

Texto 15/24- aluno: N.G.D.SP

Título: O burro prefeito

O leão é um animal muito sabido e, por seu tamanho, é considerado o rei da floresta. Por isso, se candidatou para as eleições do ano, com esperança de que fosse eleito. Só andava bem vestido e quase sempre saía fazendo campanha pelas ruas da cidade.

Um dia aconteceu o inesperado, e todos, em uma euforia só, quase explodiram de alegria. Ele foi eleito para o cargo de prefeito com muitas promessas. Teve que se virar, mas depois de muito tempo, as coisas na prefeitura não deram muita diferença, só fizeram aumentar as dívidas e a população desconfiava de roubo. No ano seguinte, já na época de eleições novamente, apareceu um burro candidato. Ele ganhou, organizou a prefeitura e fez os cidadãos felizes.

Moral: O caráter não está no tamanho.

Texto 16/24- aluno: S.E.P.V

Título: O gato arteiro

Um dia Bob, que é um gato muito arteiro, decidiu trazer alguns amigos para dentro de sua casa, assim que todos entraram para dentro da casa, rapidamente ele avistou seu dono chegando, onde decidiu dar no pé, antes de vê-lo com seus amigos.

Bob fingiu que estava dormindo, por isso seu dono não brigou com ele, mas seus amigos saíram correndo e brigaram com o Bob e nunca mais foram a sua casa.

O gato, como era muito mentiroso, acabou ficando sem amigos. Ninguém mais acreditou no gato e, assim, todos viram que ele estava arrependido, voltaram a falar com ele, mas nunca acreditaram e não foram a sua casa.

Moral: Nunca acredite em quem diz que é seu amigo de verdade, ele sempre estará mentindo.

Texto 17/24- aluno: S.A.S

Título: Os gatos corruptos

Os gatos são animais muito espertos, governavam a cidade de Miauzim, uma cidade onde os principais moradores eram os ratos, mas quem mandavam eram os gatos, e ai de quem não obedecesse, ia direto para a ratoeira.

A cidade vivia um caos, muitos ratos já estavam indo embora, pois trabalhavam o dia inteiro com salário muito baixo que vinha decaindo a cada dia mais, e os impostos, nem se fala, só aumentavam.

Os ratos protestavam, faziam greves, mas o governo não parava.

Certo dia, veio uma grande tempestade e derrubou todas as casas que ficavam do lado da cidade que pertenciam aos gatos, só sobraram as tocas dos ratos que os gatos não podiam entrar porque a entrada era pequena.

Os gatos deram um jeito de sair da cidade o mais rápido possível. Para não se molhar, os ratos comemoraram com muito queijo a saída dos gatos na nova cidade do rato.

Moral: Quando os gatos saem os ratos fazem a festa.

Texto 18/24- aluno V.S

Título: A raposa

A raposa estava querendo virar a chefe da região, mas os outros animais não queriam porque as mudanças eram muito radicais. No entanto, a maioria queria o comando da raposa, uma vez que ela era a única que não roubava os alimentos dos outros. Chamavam a raposa de egoísta por gostar apenas das outras raposas, mas ela sabia que as coisas não eram assim e teria que aceitar todos os animais.

O gambá era o rival da raposa na disputa, mas ninguém queria votar nele, pois já tinha sido chefe e não mudou nada e só roubava, a comida era apenas para ele.

Na hora da votação para ver quem ia ganhar, como nenhum animal queria o gambá como líder, resolveu trocar a comida pelo voto. Já que quase todos os animais não tinham comida, aceitaram.

O dia da votação chegou e os animais tinham recebido a comida, acharam que ia ser bom votar no gambá, mas a raposa estava na frente, pois os animais queriam mudanças, estavam cansados de ter que trabalhar para dar comida para o gambá.

Com isso a raposa ganhou com 99% dos votos.

Moral: A confiança e o dinheiro juntos, não remuneram de voto a confiança.

Texto 19/24- aluno: G.O.

Título: Ação não aprovada pelo leão

Em um grande reino de animais, um pensou e elaborou ideias que ajudariam pessoas que trabalham em circos, andam de cidade a cidade apresentando seus shows para as crianças, mas quando as ideias elaboradas foram apresentadas ao rei leão, não foram aceitas com muito sucesso, não só pelo rei Leão como também pelos outros animais.

Esse animal que teve essa ideia, era um macaco, mas não era qualquer macaco, a diferença é que ele era reconhecido por todo o país, não como uma liderança, mas sim como um animal do outro lado do mundo animal, como se diz o povo.

A partir dessa não aprovação do macaco, ele decidiu não se manifestar mais, e tem se preservado e se mantido quieto sem se envolver com as ações feitas por outros animais. Ele tem falado em toda a mídia que não quer mais estar no meio da liderança. O que ele quer é voltar para o ramo dele que realmente é a graça, atividades no circo e isso eu respeito, os animais líderes só querem saber de si próprio. Esse é o maior e pior problema.

Moral: Quem não se mete no erro, não se enrosca com ele.

Texto 20/24- aluno: P.V.B.S.Q

Título: A promessa

Os lobos estavam disputando quem seriam os governantes da floresta. Nisso chega o tigre roubalheira que convenceu os lobos todos. Aceitaram-no no comando, logo todos estavam abaixo do poder do predador, que só estava pegando comida e cobrando impostos dos animais que não tinham outra escolha a não ser obedecer aos charlatães.

Até que um dia, chegou o Leão como um grande predador que sempre quis o bem para a floresta e a todos os animais. E, assim, ele conseguiu o cargo de Rei, expulsando o tigre e seus cúmplices e tudo voltou ao normal. Todos ficaram felizes e contentes com o novo rei.

Moram: **Nunca define uma pessoa pela capa, sempre veja primeiro o conteúdo.**

Texto 21/24- aluno: R.L.B.F

Título: O gavião e o galo

Numa fazenda, onde havia vários animais como: gados, cavalos, ovelhas, porcos e muitos animaizinhos pequenos como coelhos, codorninhas e galinhas.

E além disso, havia uma grande preocupação com a fazenda, pois ali estava uma grande quantidade de animais indefeso, sem proteção, pequenos demais para se defender. E, assim, o sossego do galo se acabava, pois um poderoso gavião mandava em tudo e queria tudo só para ele.

O gavião era grande, rápido e voava longe e não perdia nem uma chance de comer um pintinho ou qualquer outro animal indefeso que lá estava. Assim é o gavião poderoso, grande e muito rápido.

Moral: **Por ser pequeno demais os grandes sempre mandam.**

Texto 22/24- aluno: A.G.S

Título: A revolta dos ratos

Em uma cidade de ratos, a chegada de um leão fez com que os ratos tornassem-no governador, por ser um animal forte e astuto. Os ratos faziam tudo o que ele mandava.

O leão, então, se aproveitou dos ratos e começou a explorá-los. Um ratinho, revoltado com as atitudes do leão, resolveu criar um grupo de ratos rebeldes. Eles planejavam tirar o leão do cargo, matando-o envenenado.

Por ele ser um animal inteligente, percebeu as atitudes estranhas dos ratos e resolveu por conta própria se retirar do cargo de governador e fugiu.

Os ratos fizeram a festa. Até que um belo dia, um elefante chega na cidade e a história se repete novamente.

Moral: **Não repita os mesmos erros novamente.**

Texto 23/24- aluno: A.J.S.C

Título: A doença da lagartixa

Em uma floresta muito bonita, morava uma lagartixa trabalhadora, mas essa lagartixa estava muito doente. Devido a isso, ela foi várias e várias vezes a uma unidade de saúde perto de sua casa, mas sempre que ela ia, estava fechada. No entanto, o governo sempre dizia que aquela unidade de saúde estava em perfeito funcionamento.

A lagartixa, muito doente, solicitou a um amigo coala médico para ver o que ela tinha e se a doença era perigosa. Quando o médico chegou, eles ficaram conversando e a lagartixa estava lembrando de todos os favores que já tinha feito para o coala achando que ele não ia cobrar pela consulta ou, até pior, por uma operação em um caso de risco.

O coala não disse nada, só ficou escutando seu amigo dizer. Depois de ter feito a consulta, a lagartixa descobriu que estava com um tumor na barriga e precisava de uma

operação e era muito caro para a lagartixa pagar. Mesmo assim foi feita a cirurgia, mas a lagartixa teve que pagar pela operação. A lagartixa falando com o coala achou que não ia ter que pagar por eles serem muito amigos. O coala respondendo para ele: amigo é amigo, trabalho é trabalho.

Moral: **Em local de trabalho, amigo não existe.**

Texto 24/24- aluno: W.A.S.M

Título: A baleia e o caranguejo

Dona baleia era a maior de todos os mares e sempre se destacou por ser a mais gorda de sua espécie. Sinônimo de beleza, a baleia governava o mar com pulso firme e era muito respeitada.

Vários anos no poder administrando os mares, acabou que os impostos não bastavam mais para cobrir as despesas governamentais, uma baleia enorme precisava de muitas coisas grandes e caras para se enfeitar.

O Supremo Tribunal Marítimo, com o apoio dos Golfinhos, começou a investigá-la e descobriu vários desvios de impostos. A baleia corrompida pelo poder, já não tinha o apoio de seu vice-governante que estava de olho no cargo da obesa.

O caranguejo que não era bobo, usou o Supremo Tribunal Marítimo e conseguiu destituir a dona baleia de seu cargo. Assumiu o poder e passou a praticar as mesmas falhas da baleia esperando não ser pego.

Moral: **O poder é bom, mas sem justiça é inútil.**